

CADEIRA

PATRONO

ACADÊMICO

João Gualberto de Oliveira	1	Gasparino José Romão
Plínio Salgado	2	Lineu Roque Aceiro
José Martins Fontes	3	Antonia Conceição Vaz Duarte
João Guimarães Rosa	4	Antonio Lopes Baltazar
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Valdir Carleto
José Bento Monteiro Lobato	6	João Bosco da Silva
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	Carlos Ferreira da Silva
Vicente Augusto de Carvalho	8	Aristides Castelo Hanssen
Amadeu Aталiba Amaral Arruda Leite	9	Alfredo Ibrahim Khouri
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corção Braga	11	José Alaercio Zamuner
Ótávio Rodrigo Langgaard Filho (Luiz Ótávio)	12	Jacques Miranda de Oliveira
Guilherme de Andrade e Almeida	13	Ari Baddini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	Eugenio Shinji Asano
Mario Raul de Moraes Andrade	15	Oscar Gonçalves
Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac	16	Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lauri
Cassiano Ricardo Leite	17	Wenceslau Nasari Campos
Cecília Meirelles	18	Antonio Darci Pannocchia
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael Batista de Moraes
Menotti Del Picchia	20	Cesar Magalhães Borges
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	José Augusto Rodrigues Pinheiro
Pedro da Silva Nava	22	Armando Attilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23	Espedito Pinheiro de Souza
Ibraim de Almeida Nobre	24	José Luiz Negreiros
João da Cruz e Souza	25	Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clovis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27	Silvio Ribeiro
Onofre Leite	28	Estanislau Henrique da Cunha
Silvio Ourique Fragoso	29	Ângela Maria Andreolli Gonçalves
Jonny Herminio de Melo Doin	30	Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31	Newton de Carvalho Braga
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	José Roberto Machado
Laerte Romualdo de Souza	33	Mario Yoshinaga
Geraldo Penteado de Queiroz	34	Aldo Novak
Néfi Tales	35	Orlando Del Gilio Gili
Antonio Filardi Luiz	36	Maria Aurora José Romão
Norlândio Meirelles de Almeida	37	Aura Gold
Milton Luiz Ziller	38	(Vaga)
Flávio Cleto Giovanni Trombetti	39	(Vaga)
João Ranali	40	(Vaga)

Acadêmica Correspondente: Vanda Fagundes Queiroz

Acadêmicos Honorários: Eloi Pietá, Rafael Rodrigues Filho, Teresinha Silva Maltez de Souza, Gasparino José Romão Filho, Edmilson Souza Santos e Maria Alice Pereira Ramos

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS REVISTA No 12 • ANO XII • 2010

REVISTA N° 12 ANO XII 2010

# AGL

ACADEMIA  
GUARULHENSE  
DE LETRAS



## **Autor e obra se confundem**

Cada autor e cada obra constituem um universo à parte.

Convido o leitor a se deleitar com a escrita singular inaugurada pelos membros da Academia Guarulhense de Letras, encontro de culturas, saberes e afetos.

Cada qual do seu jeito, com seu demiurgo, vai nos transportando para o seu mundo encantado de idéias e sonhos, a fim de nos fazer crer no seu credo.

A imensa maioria dos escritores tem em comum: o contentamento com a boa leitura, a alegria da escrita, a satisfação na produção da leitura e o regozijo com sua obra.

O escritor percorre em algum lugar do passado, as surpresas do presente, os projetos futuros, numa busca fértil de sentido para representá-lo aqui e agora.

Que o prazer da leitura seja plenamente vivido pelo leitor iniciante, ou de grande percurso; o leitor casual ou o incansável.

AGL - ACADEMIA  
GUARULHENSE DE LETRAS

REVISTA 12 - ANO XII - 2010

VÁRIOS AUTORES

REVISTA DA ACADEMIA GUARULHENSE DE  
LETRAS Nº 12 - ANO XII - 2010



12ª REVISTA da AGL - Ano 2010

Copyright © by Academia Guarulhense de Letras, 2010



Editor: *Rubenal Hermano Santos*

Todos direitos desta edição, reservados para AGL  
Edição a Cargo de: COMERCIAL EDITORA  
HERMANO & BUGELLI LTDA - MF: *Navegar Editora*  
Endereço: *Rua Coronel Emidio Piedade, 659*  
Bairro: *Pari - São Paulo - SP*  
CEP: *3057-010*  
Fone: *11 3482-5055*  
Site: *www.navegareditora.com.br*  
E-mail: *navegar@navegareditora.com.br*

#### FICHA TÉCNICA

Projeto editorial: *Rubenal Hermano*  
Preparação de originais: *Os autores*  
Composição e diagramação: *Editoração: VBS S/C*  
Capa: *Leonardo Hermano*  
Leitura Crítica: *Autores*  
Revisão: *José Tarcísio Barbosa*  
ISBN: 978-85-7926-021-6

Revista Guarulhense de Letras. ---  
Guarulhos, SP: A Academia. 2010  
Vários autores

1. *Contos brasileiros - Coletâneas* 2. *Coletâneas*  
*brasileiras* 3. *Poesias brasileiras - Coletâneas*  
CDD - 869.9308  
- 869.9108

#### Índice para catálogo sistemático

1. *Contos: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira - 869.9308*
2. *Crônicas: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira - 69.9308*
3. *Poesias: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira - 69.9308*

Impresso no Brasil - 2010 - Printed in Brazil

## APRESENTAÇÃO

### DATA HISTÓRICA

Quando Guarulhos comemora, oficialmente, 450 anos de fundação e a nossa Academia, 32, temos o prazer de lançar a 12ª Edição do nosso anuário.

A Academia Guarulhense de Letras há mais de três décadas, vem apresentando os guarulhenses com uma Antologia que reúne o que há de melhor em literatura, seja em prosa, versos, trabalhos literários, técnicos ou científicos. Um pedacinho da alma e do coração de cada Acadêmico se faz presente em cada uma destas publicações.

No desenfreado avanço tecnológico do mundo, no império da pressa e do imediatismo, não faltam vozes que apregoam o fim do livro substituído pela internet. Mas ainda há os que preconizam o fim da literatura e das artes, alegando que o homem do futuro não terá tempo para estes lazeres. Nossa Academia desmente essas previsões pessimistas. Eis aqui, como prova disso, um punhado de textos belíssimos revelando o pensamento e o espírito dos nossos imortais.

Neste ano de 2010, Guarulhos viveu um acontecimento de suma importância, a primeira Bienal do Livro. Promovida com dificuldade, brigando contra o tempo, teve um efeito surpreendente. Milhares de pessoas de todas as idades e classes sociais, nos dez dias consecutivos, lotaram a cidade erigida em um campo de futebol no Parque Continental. A Academia Guarulhense de Letras teve papel preponderante neste evento e mostrou a cara a quantos não a conheciam, dentro e fora de Guarulhos.

Estamos orgulhosos deste feito. Orgulhosos e esperançosos por saber que outros acontecimentos virão atrás deste. Sabemos também que outros escritores surgem superando em muito o número de 40 imortais que preenchem a Academia. Não ficaremos alheios a isto e nos colocamos à

disposição dos jovens que, fugindo do imediatismo e do utilitarismo que marcam nossa época, estejam dispostos a despejar numa folha branca seus sonhos e suas verdades. Nossa Academia, como parte integrante da vida guarulhense, vem participando e participará sempre dos grandes eventos da nossa cidade.

*A. Castelo Hanssem*

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	07
ACADÊMICOS	
<i>A. Ibrahim Khouri</i> .....	09
<i>Antonia C. Vaz Duarte</i> .....	43
<i>Antonio Darci Pannocchia</i> .....	49
<i>Aristides Castelo Hanssen</i> .....	51
<i>Aura Gold</i> .....	65
<i>Bismael B. de Moraes</i> .....	87
<i>Clarimundo de Oliveira Aguiar</i> .....	95
<i>Clovis Domingues</i> .....	107
<i>Espedito Pinheiro de Souza</i> .....	125
<i>Estanislau Henrique da Cunha</i> .....	133
<i>Gasparino José Romão</i> .....	141
<i>Isabel Borazanian</i> .....	149
<i>José Augusto R. Pinheiro</i> .....	157
<i>Jacques Miranda de Oliveira</i> .....	169
<i>João Bosco da Silva</i> .....	177
<i>Lineu Roque Aceiro</i> .....	187
<i>Mario Yoshinaga</i> .....	197
<i>Maria Aurora José Romão</i> .....	203
<i>Plinio Tomaz</i> .....	209
<i>Silvio Ribeiro</i> .....	219
<i>Valdir Carleto</i> .....	229

A. IBRAHIM KHOURI

SOB O VASO - CAPÍTULO IV

Bem distante, às margens do mediterrâneo, sentada na areia, está Sâmia, à espera de um sinal do seu amado. Quem sabe, pensa ela, ele não surgirá num facho de luz iluminando as ondas, por certo o mar será este corredor de passagem, que desde sua chegada, como ondas, revoluciona a minha vida, seu corpo, tal qual águas mornas, vai, aos poucos, cobrir-me numa suave carícia. Ela esperou, esperou, mas nada do que desejava aconteceu. Não tardou para que negras nuvens tomassem conta do céu e tampassem o brilho intenso dos astros, toda a região ficou numa terrível escuridão, dava somente para ouvir o barulho apavorante das ondas que quebravam nos rochedos e na praia e o barulho das folhas dos coqueiros farfalhando em razão do gélido vento que soprava. Em seguida, Sâmia ouve a voz triste de Astartéia que lhe diz carinhosamente: - O que está fazendo você com seu amor? Não era isso que buscou nesta e na outra existência? Por que se adonar de todas as atenções? Não quero vê-la competir com o mundo - e conclui - ele descobre os seus pensamentos e lê na sua expressão o seu avesso, sentiu o primeiro momento - o começo - no dedilhar da armadilha, a traição, a emboscada, percebeu, com tristeza, o seu disfarce, não simule sem medida, tampouco volte a viver sem chão, a esmo, sem certeza, ao acaso, rindo à toa. O que receberá durante a vida é o que deu a outra pessoa. Agora, mesmo acompanhada, sente-se frágil, abandonada, notando que da loucura, já sem chama, de tudo o que sobrou foi quase nada. Pra ele poderia até servir a carapuça, se acaso ele usasse a face avulsa e fizesse tudo aquilo que você fez. Ah Sâmia! Siga sem semear os dissabores e aprenda a conquistar os seus amores, vivendo-os, sempre, um de cada vez. Há um silêncio, as nuvens negras começam a desaparecer, a praia vai ficando iluminada. Sâmia sente arrepios que percorrem seu corpo inteiro, olha

para o céu e vê o fantástico espetáculo, olha para a areia e para as ondas que chegavam espumosas purificando a orla. Começou a exercitar o pensamento que saía em busca do significado da grande mudança, tanto no tempo como em todo o seu corpo, com suas frutas à espera do predador. Uma forte necessidade do calor do corpo do seu amado, da sua boca, dos seus braços, de suas mãos, de sua pele, dos seus pelos. Vem na lembrança a imagem dos seus encontros. Vê as maravilhas dos movimentos e a expressividade dos vultos em meio à pouca claridade da lamparina, mas que parecia um sol, um facho de luz revelando aqueles fascinantes momentos. Novamente Astarteia fala:

- Ao encontrá-la, mulher, ele se perdeu e agora, com a ajuda dos seus deuses ele vai em busca de si mesmo.

É madrugada, Sâmia levanta-se da areia e seus olhos começam a contemplar tudo, olha para as ondas, como se elas pudessem lhe trazer uma notícia, por fim, não resiste e entra com roupa na água, quer sentir seu corpo envolvido pelas espumas. Um cheiro de perfume vem com uma morna brisa. As narinas dilatam-se, sentem o cheiro de Subastis, seus olhos se perdem nas duas imensidões: ora olhando o céu, ora olhando o mar. Gritou dentro daquela massa líquida o nome do seu amado e o eco espalhou-se naquele lugar encantado, sentiu uma onda morna pesando sobre si, invadindo-a, uma pressão exercida sobre todas as suas partes que oferecia a resistência alucinante de uma entrega. Era o peso esperado pelo seu corpo e as ondas se repetiam junto à sensação que provava. Era uma promessa que parecia que nunca ia acontecer, não sabe o tempo que durou, mas quando seu corpo ficou solto, ela saiu das águas e foi tomada por um estranho encantamento, sente que corre por entre as pernas algo quente, era o seu sangue, a presença do amado, levantou o véu molhado que a cobria e colocou a mão sobre a fonte daquele precioso líquido. Teve vontade de correr por toda a praia para mostrar aos deuses que não estava sozinha e sabia por que estava lá. Por fim, desvencilhou-se de toda a roupa e

nua, sangrando de amor, voltou para lavar-se nas ondas. Que belo espetáculo seria, se dia fosse, ver aquele sangue saindo do seu tesouro e se misturar às águas cristalinas do mar. Colocou, em seguida, suas mãos em seus seios, sentiu a rigidez dos seus mamilos, lavou suas vestes, colocou-as no ombro e foi para a areia onde, vagarosamente, vestiu-as, ainda molhadas, sentindo o calor do amor. Rumou para o palácio, queria que neste momento se tingisse, de amor, toda a areia e marcasse a noite por todo o caminho. Antes de entrar tirou um dos seus véus e foi para o jardim e deixou que aquela viva marca tingisse as folhagens e manchasse as pedras do seu lago, não queria, por nenhum instante, separar-se daquela sensação, era fascinante. Um momento perfeito, um encantamento, um prazer indescritível, como se tivesse perdido a virgindade, sentiu-se mulher. Tentou olhar para trás para ver os sinais, mas a escuridão guardou-os para serem vistos ao clarear do dia. E todo esse encanto misturava-se ao perfume da noite. Foi para o seu quarto, colocou uma pele de animal e deitou-se sobre ela, nua. Olhou vagarosamente por entre as pernas e viu, com a luz fraca da lamparina, seu sangue belo e brilhante e nesta feliz contemplação pensou em Subastis e diz a si mesma:

- Meu canto o atraiu, eu o senti naquelas ondas, não quis me defender, entreguei-me, estava faminta e desejosa por ser totalmente possuída por você. Só agora sei o valor da palavra, não da palavra sim, mas um sim verdadeiro, cheio de encantos e de espera. Através do pensamento, venci a distância que nos separava, fui sua, sou sua e percebo agora quantos mistérios unem os nossos corpos.

Adormeceu com as imagens daquelas cenas que ficaram gravadas, na lembrança, que se exilaram no viveiro do coração. Sentiu as reações em seu corpo durante muitos dias e lá se eternizaram. Sua pele ficou suave, seu olhar lívido, por fim, uma sensação de esperança e de bem-estar tomou conta de Sâmia, olhou de seu terraço para a floresta dizendo a si mesma:

- Somos a baía de nós mesmos. Com o ato impensado sofri, um outro mais comedido trouxe-me de volta a

juventude, como é bom tirar lição dos próprios erros, tenho agora um controle melhor sobre a minha pessoa. O amor comanda tudo e aparece nos olhos, na face, nas palavras, nos atos, é um estado de espírito que deixa todo o nosso corpo leve e nos faz enxergar a vida, se eu controlar o meu olhar e os meus atos, por certo saberei me defender de mim mesma. Lembro-me das sábias palavras de El, o deus supremo: “ Não me peça nada, tudo eu já fiz e nada lhe farei, as soluções estão dentro de você”.

Após admirar o esplendor do obstáculo à sua frente, começa a longa e cuidadosa escalada por pequena trilha que vai circundando a enorme montanha. Às vezes para fascinado com as plantas, com flores lindas que cresceram e que se prendem nas paredes verticais, bem separadas uma das outras, parecem estrelas verdes avermelhadas, sozinhas, embelezando o nada. Logo a seguir, vê uma mancha azul esverdeada se equilibrando no vazio e introduzindo seu longo bico no centro da estrela, por certo, lá está a razão da sua existência, escondida no meio da flor. Que emoção lhe causou aquela doce visita. Mudou tudo, alterou todo o cenário. Acendeu aquela frágil, bela e inesperada avezinha, uma chama quase extinta dentro do peito de Subastis que se chama esperança. Lá estava, em meio a um canto trazido pelo vento, a presença de Sâmia. Por certo a energia de um pensamento que se materializou naquele encantado beija-flor. Subastis continua na íngreme e exaustiva caminhada. O dia está sendo consumido, o frio é mais intenso, por fim, o caminho se torna, num dado lugar, mais amplo. Havia uma pequena caverna capaz de abrigar uma ou duas pessoas. Havia, também, várias madeiras e vestígios de fogueira, um sinal de que aquele é um ponto obrigatório e seguro onde parar. Subastis, soltando as peles que trazia às costas, pega um galho para verificar se não havia nenhuma serpente escondida naquelas reentrâncias, mexeu minuciosamente em todo o vão. Felizmente, nada havia, notou que a abertura na montanha tinha sido feita num ponto

estratégico, protegido do vento. Lá, apenas uma fogueira o protegeria e foi o que ele logo providenciou. Por fim, tomou água, comeu nozes, tâmaras e damascos, envolveu-se nas peles para assistir ao cair da tarde. Ao longe, um pássaro fez soar seu canto triste e eles se sucederam como se fossem a continuação do seu lamento. Era o canto de quem, aos poucos, vai se despedindo de todas as coisas. A noite começa a tomar conta de tudo, estende-se até o horizonte onde um facho de luz se mistura entre nuvens amarelas, escuras e avermelhadas, é a beleza encaustada nas serras bem longe. Vai embora o deus do tempo, das estações, aquele que nos traz calor, vida e dose a nossa temperatura. Dá lugar, agora, à mãe das águas, das marés, das frutas. Olha para o céu, lá está Ísis, bela, radiante, cercada de estrelas. Por fim, olha para baixo, está entre os astros e o abismo. É assustador se deparar com um inverno tão intenso. O rigor da baixa temperatura cria espetáculos que ele jamais havia presenciado. A água que descia em cascatas, num gigantesco salto, estava congelada em grossos filetes reluzentes fincados no vão das rochas. Era ali um lugar de passagem, ninguém conseguiria habitar naquela gélida região por muito tempo. Era uma travessia perigosa. O pássaro parou com seu lamento, Subastis começou a perceber que a cada passo dado, antes de parar, onde se encontrava, agora, tal qual o canto do pássaro, sentia seu coração sendo levado para longe, olhou novamente para os milhares de pontos brilhantes. Eram as virgens que, cuidadosamente, eram vigiadas por Ísis, e esta, de tempos em tempos, as colhia transformando-as em deusas para que cuidassem, aqui na terra, das florestas, das fontes, dos lagos, das marés, do amor, em substituição às estrelas que se materializavam num corpo de mulher.

Aquela travessia em busca de si mesmo, com variações de solo, de vegetação, de temperatura, numa só terra entre belezas incomparáveis, se escondiam obstáculos quase intransponíveis. E não fosse pelo vigor e pelo cuidado, por certo seriam fatais. Era, ao mesmo tempo, uma visita que fazia ao seu interior e em torno de si e, embora o gelo fosse severo e persistente e,

por vezes, este estar só fosse angustiante, as lembranças vêm como bálsamo à medida que vai avançando em busca das suas respostas. O belo e perigoso caminho não era só um lamuriar, pois, na difícil trajetória, Subastis vai enxergando o mundo e descobre, neste aparente mundo vazio, algo de grande teor humano. Vê que o ato de amar vem do deus Osíris. Longe de tudo, entre o abismo e os astros, ele assiste à posse do astro rei com Ísis, ela fica cheia e vem parir nas fontes, nos rios, nos lagos e nas cascatas, uma energia que veste os corpos das mulheres, como se fosse um fino véu, que deixa à mostra, os frutos sazoados, suculentos, cheios de curvas para provocar o desejo do escolhido predador. Que imagem poética! - pensa Subastis - um encontro que se perpetua na mente. É aqui a imagem da terra fendida que se entrega para receber as larvas quentes, que se derramam em sua fenda. O corpo de ambos sente a forte troca de energia. É uma tempestade morna escorrendo sobre a terra e a vegetação sedenta desta mancha branca, eletrizante, que invade como ondas que se repetem. É algo sobrenatural que vem do céu, dos astros e envolve dois corpos que se reencontram e se purificam com lágrimas, saliva, suor e prazer. São águas sagradas que brotam de um olhar e vão regar os canteiros que alimentam a paixão.

A natureza é sagrada. No lado esquerdo o gigantesco paredão, a pequena trilha por onde passava uma pessoa de cada vez e logo a seguir, à direita, o abismo que se agigantava enquanto Subastis subia, às vezes, pedras grandes se desprendiam e mergulhavam no vazio e logo desapareciam. Mas agora ele estava numa reentrância da montanha, sentiu-se aliviado, sem se preocupar com o perigo de se precipitar, sentiu-se como se fosse um pássaro, que após um longo voo para num pouso, num local mais alto e seguro e, de cima, observa o mundo, com suas densas florestas, as fontes grossas com águas claras, fortes, espumantes, batendo nos paredões das montanhas e fazendo uma neblina que se perde bem distante de onde cai. E se surpreende ao se deparar com o esplendor daquela grande queda solidificada que se fincou

nos vãos das rochas como se fossem vidros transparentes, há pouco criados pelas mãos habilidosas dos Fenícios. Ele acende a fogueira, faz reverência aos astros e como um rio lento, coberto de peles, adormece. Sonha com sua amada e a vê banhando-se ao sol no terraço do seu quarto. Depois, a vê só, olhando na fonte do seu jardim. Que imagem bela! Reflete-se dentro da água, sem nenhuma ondulação, lá esta ela dentro da água, num raso profundo, inatingível. Próxima a ela, outra imagem, não sua, mas de um ser estranho. De súbito, ele acorda, escreve um poema, os versos na poesia revelam o seu grande desencanto. Lembra-se da voz de Osíris, quando no começo do percurso:

- Você encontrará a solução durante esta peregrinação.

Por fim, após colocar mais lenha na fogueira, novamente adormece. O sol ressurgue brilhante e começa a iluminar o pico rochoso, abaixo de onde ele está continua nublado, como se estivesse acima das nuvens. Ainda não é seguro seguir viagem, por causa dos três grandes obstáculos - o frio, o vento e o estreitamento da trilha talhada na grande montanha. Somente a claridade total e um pouco mais de calor poderiam guiá-lo. Aproveita para comer nozes e tâmaras, suas provisões já são poucas, mas crê que deem para levá-lo ao seu destino. Logo Osíris reaparece para dar vida ao mundo e assim, após reverenciar este deus que nos presenteia com seu calor ele, cautelosamente, recomeça a sua jornada. Dá para ver lá em baixo o vale do senhor. Bem sabe que sua travessia não vai terminar quando vencer a montanha. Então, olha para o céu e grita:

- Diga-me, deus Osíris, por que este sonho tenebroso? - e ouve a resposta pelo som do vento:

- Não foi sonho, você, nesta trajetória, assiste aos atos e aos pensamentos dela - e conclui - não será fácil esta travessia, mas continue, tudo que surge é presente e também, a cada passo, será passado. Olhe para frente e para cima, o que ficou para trás é o que o empurrou para o passo que não foi dado.

Várias são as pedras que rolam da montanha. Subastis ouvia falar das pedras roladas, havia histórias de pessoas que eram

colhidas por elas, não se tratava de um desmoronamento, ela estava lá à sua espera conforme os relatos dos navegadores fenícios. Olhou para o paredão e ficou surpreso ao ver que um pássaro, desafiando tudo, fez sua casa forquilhada e cheia de palhas presa a uma frágil planta e notou que ele a fez do lado que o vento não soprava e sem medo das pedras, por certo, elas tomariam cuidado ao rolarem para baixo. Como os animais são sábios! Parecia estar suspenso no ar.

No começo de sua trajetória viu um lugar de muitas pedras, de todos os tamanhos, soltas uma das outras. Com elas, se erguiam casas e palácios e serviam para fazer barragens e facilitar a passagem de pessoas de um lado ao outro do rio, era conhecido por chão de pedra. Quando a passagem era pouco usada, tornava-se perigosa em razão de as pedras ficarem lodosas, escorregadias, na época do degelo, recobertas de água. Subastis segue, vagarosamente, sua íngreme jornada, mas o pensamento viaja para o seu interior tentando descobrir um novo sentido. É um novo caminho, cheio de conflitos, com obstáculos que exigem reconstruir nova trajetória.

- O nosso interior é uma aldeia, onde ninguém está incluído - pensava Subastis - nela nada se omite e cá dentro só as deusas dão palpíte. É neste espaço amplo e sem perigo que guardamos os nossos segredos, está bem longe deste mundo de fora, tão selvagemmente demarcado, e segue o caminho da imaginação, onde não vivem as ilusões coletivas, nele estão os nossos desejos, os nossos sonhos. Aqui dentro é que sentimos o amor nos seus momentos de explosão, aqui dentro é que nos dividimos e nos multiplicamos e vemos espalhados os nossos sonhos, o pensamento e a imaginação estão ligados à realidade. Ninguém, a não ser a pessoa amada, se apossa desta rica região imaginária. Como agora, neste momento de profundo desencanto, há dentro de mim forças capazes de empurrar-me para frente. É uma energia fascinante que não se denuncia na minha expressão, mantém-se aos outros, anônima. Ela me diz: "pense num momento mágico capaz de derrubar, junto com as pedras que rolam, esta visão sofrida. São duas situações

opostas, capazes de se equilibrar. Pense na beleza do fim de tarde em que a claridade e a sombra se completam formando um fantástico cenário. A vida se move em razão das diferenças. Esparrame por este caminho, onde o espaço e o tempo se repetem, as boas lembranças, o sol reaparece para iluminá-las e a noite, que não tarda a chegar, trará Ísis cercada de virgens. Lembre-se de que cada sinal tem um significado. O bom pensamento conspira para ser eterno, mas irá existir até quando você acreditar na sua história e vai inovar a sua geografia através de novas paisagens, belas e acidentadas. Mas o belo é que o rio segue seu curso, nele as águas são claras, purificadas pelo corpo de Ísis".

Harpagão senta-se numa pedra próximo à espada de Subastis enterrada na praia, a lâmina rasgou o chão, sua cor escura, um contraste com a brancura da areia ferida numa profunda cicatriz.

- Será que ele voltará - pensou tristemente Harpagão - ou irá se perder por aquele misterioso lugar? Talvez eu tenha lhe mostrado o lugar mais longe para se chegar à felicidade. Será que tomou a precaução com relação aos alimentos que lhe darão a energia necessária?

Lá estava a espada que, banhada pelo sol, marcava com sua sombra o tempo, o seu rastro, que podia ser percebido por Harpagão enquanto pensava no querido amigo. Olhou para o mar onde os pássaros, que, nos seus mergulhos certos, traziam suas presas. Ficou olhando a imersão das aves e, logo em seguida, emergirem com o seu alimento. Pôs fim a esta contemplação a voz de seu filho e de Dafca, vendo-o subir nas pedras, com grande agilidade e vindo ao encontro do pai que o esperava de braços abertos, logo em seguida, surge a sua jovem companheira. Os três, após correrem pela areia, pararam diante da espada e foram embora entristecidos e em silêncio.

Os pensamentos parecem ganhar energia e movimento e vão animar o coração de Subastis que acabava de admirar a

coragem do pássaro, cujo ninho, trançado em gravetos e palhas, voltava com alimentos para alimentar seu filhote. Por fim, Subastis chega ao topo e de lá olha para trás, havia vencido o primeiro e temido desafio. O caminho ladeando a floresta de cedros era largo, o frio era intenso, nas copas de cedros dava para avistar a neve, procurou madeira sob uma árvore gigantesca, fez três fogueiras, usou pedaços da pele seca para poder acendê-la e folhas secas e pequenos gravetos colocados por entre as peles colhidas no trajeto, aquecidas pelo sol. Não fosse este cuidado por certo morreria, olhou para cima e viu Ísis e várias virgens cintilando por entre os vãos dos grandes galhos, em seguida, comeu as últimas porções de frutas e bebeu os últimos goles de água. Agora, estava nas mãos do destino. Caso não encontrasse a casa do sábio Mehen ou de Nahim, por certo, morreria. Adormeceu.

Nesta última noite, ele dormiu esperançoso, pois sentia estar próximo da casa de pedras, e nos seus sonhos, renascem os encantos de sentir o calor da pele de Sâmia. Que belo foi, em sonhos, reviver aquela linda intimidade, foi intenso, incontornável, incapaz de ser evitado! Reviveu, passo a passo, todos os gestos vividos naquele encontro e nos outros que o sucederam quando a manhã, em seu sonho, fê-lo abandonar o quarto, sentia que não estava sozinho, trazia consigo um pouco da amada e deixava com ela um pouco dele. Tudo foi tão forte que nem os olhos, nem os braços, os lábios e nem o coração, distantes, nesta inóspita travessia, esqueceram o calor, o perfume, a respiração, o canto, às vezes, alucinantes. Não esqueceu nenhum gesto e era o que alimentava o seu corpo e o seu espírito. Aqueles intensos conflitos do começo da jornada já não se somavam à tranquilidade desta última noite. Foram estancados os maus pensamentos, havia, repentinamente, após atingir o cume, uma paz dentro de si que desconhecia. Nada de sonhos ruins o invadiam, nada mais o perturbava. Como foi bom interromper aquele estado em que seguia de forma praticamente inútil. Teve tempo ainda suficiente para descobrir que pelo mundo existem joias raras, lugares com

uma natureza suntuosa. Mas o que ocasionou sair em busca desta bela ventura, as circunstâncias que o fizeram romper com as estruturas por certo são divinas ou já estavam traçadas ou, ainda, algo bom e inexplicável que cada leitor irá escolher. E quantas experiências foram vivenciadas. Como revitalizaram seu estado emocional, quantos conflitos e quanta harmonia! Neste espaço limitado de tempo que representa uma vida, um ser melancólico à espera de nada, e de repente, o primeiro movimento do pensamento em busca de outra direção, não deixou que Subastis resistisse à atração de seguir Harpagão e conhecer lugares e cenários que jamais conseguiu imaginar e que eles pudessem inspirar seu veio poético de forma tão contundente. Que efeito curativo teve esta sua saída dos seus domínios, onde sua presença já não era tão importante! De repente, num olhar, cujo rosto se ocultava sob o véu, via a maior expressão de amor e beleza. Havia um sinal misterioso e verdadeiro revelando um sentimento que ambos estavam buscando, era uma sensação real que se revelava aos poucos, apenas através do olhar e que se tornou inesquecível como os outros acontecimentos. Estavam, agora, nesta longa trajetória, guardados na lembrança e aquecendo-o durante a caminhada. Ele que dizia aos amigos: “quem tem uma boa lembrança nunca esta só”. Agora, sentia as forças de sua criação diante daquela paisagem fria e sombria. Ao acordar, lembrou-se de tudo e escreveu um pequeno verso:

Caso eu não a conhecesse  
Por certo eu não teria  
Uma lembrança tão boa  
Pra me fazer companhia.

Jamais imaginou que seu coração, tão ferido, o havia acompanhado na busca ou na caça de uma presa com uma beleza tão singela. Não imaginou que a esta altura, fosse se fascinar e terminasse enlaçado pelos encantos e pela pureza de outra mulher.

Por fim, Subastis se depara com o raiar do sol sacudindo a floresta de cedros. Pensou nas promessas que fizera a Sâmia. Visualizava-as, quais iriam acontecer primeiro, pois todas estavam ligadas a um desejo bem definido: viver. Viver tocando-a com intimidade e com toda a intensidade. Traduzir no toque, no beijo, na posse, a emoção incontida, um quadro em movimento com os efeitos sonoros do amor, com os gemidos que lembram prazer e não dor, nem o ar gélido daquele dia que se iniciava. O corpo trêmulo, Subastis bate os pés, vai iniciar a caminhada, a altitude torna o frio mais rigoroso, o único problema é que tinha que seguir, não havia mais alimentos.

Esta lembrança, no mais puro sentido, é a ligação daquele soberano, forte, ousado, agora enfraquecido pelo cansaço físico e emocional. É o elo atenuando a realidade que o cerca. Venceu ao subir a enorme montanha, foi um instrumento de morte, difícil pela trilha pequena que o separava do abismo, sob um vento cortante que tornava a jornada mais perigosa, o cair da neve. Mas, agora, tudo isto estava morto, seguia em frente e logo avistou uma grande plantação de maçãs. Ele se detém diante da graciosidade daquelas árvores, eram seres presos ao chão, cheios de belos frutos, eram as mais lindas partes da natureza. Esta plantação ocupava uma grande clareira aberta na floresta de cedros. Pegou uma, levou à boca e saboreou-a, pegou outra e a manteve sobre a pele que levava às costas. Não tardou para ouvir o canto dos trabalhadores do campo. Que alegria! Aquela melodia o arremetia para suas terras, para o seu povo, como tornava mais viva a lembrança do recanto onde as deusas e Sâmia habitavam, ouvia sob o cintilar do sol a voz da vida, uma brisa fresca agitava os seus cabelos. Após tanto silêncio, aquelas vozes tinham um grande valor e transmitiam segurança e paz. Tinha muito mais significado do que um simples e costumeiro canto de quem, ao lidar com o campo, se torna, também, uma parte da natureza. Havia um magnetismo atraindo Subastis, que, agora, mais claramente, não só os ouvia, via-os, eram mulheres,

homens e crianças, colhendo o que nasceu das suas sementes. E junto a toda esta maravilha, ouvia os mais diversos cantos dos pássaros, a graça dos seus curtos voos de ramo em ramo. Que esplêndido espetáculo surpreendendo o seu coração! As lágrimas brotavam-lhe incessantemente molhando-lhe a face. Parou para conter tanta emoção. Aquela visão criou tamanha excitação no espírito daquele ser que se procurava. Ele percebeu que as forças e o ânimo se aninharam no seu corpo como os animais de criação, era irresistível o desejo de falar com eles, ouvi-los. Aumentaram as frequências dos batimentos do seu coração, o corpo se aquecera ao som e à imagem sedutora das pessoas em pleno trabalho. E todos aqueles sonidos crepitando aos seus ouvidos, aquecendo-o como as fogueiras nos momentos mais frios e solitários, juntavam-se às imagens, à natureza, e estavam profundamente gravados. Da retina alojaram-se, como muitos fatos importantes, na sua memória. Agora estava mais próximo, traz os passos mais lentos para não perder o encanto de um só gesto. Admira o céu, Osíris, o deus que tudo dá com seu calor e que nada pede, a floresta de cedro à esquerda, à direita a grande clareira cheia de frutas, os pássaros, as pessoas, a brisa, os cantos das aves e das pessoas, um verdadeiro espetáculo. E ele, que se sentia no fim, vê, extasiado, o início de algo extremamente inesperado, enchendo-o de paz e de energia. Lá estava o poeta revitalizado, parado como se fosse pintar aquele quadro e escreve:

A vida segura as notas,  
Na música, há melodia,  
O lavrador canta à horta  
Enquanto o sol namora o dia.

Não poderia sequer imaginar que a floresta se abriria e se transformaria numa imagem tão humana e tão poética, como quem transforma um sonho numa doce realidade. Os conflitos

e a grande melancolia sucumbiram diante de tamanha graça que se fazia soar. Os deuses das florestas fazem um comentário:

- Talvez, nem tudo fosse assim tão extraordinário, não fosse pela penosa travessia.

Mas, para Subastis, aquela visão, sem exagero, era um marco que lhe trouxe de volta, a esperança e a vida.

Como os pés das macieiras na clareira enfeitam a densa floresta, com seus belos frutos, Subastis vê as folhas da paz se encherem de flores e apagam-se as sombras de melancolia, que tomavam conta do seu coração. Há um sabor de mel em sua boca e ele continua a se aproximar por aquele braço estreito entre a floresta e o plantio. Havia, antes do plantio, uma fileira de pequenas árvores aromatzadas, cujos galhos terminavam em feixes e nas suas extremidades, saíam as flores perfumadas. Por certo havia nelas mel, pois muitas abelhas sugavam o néctar que a natureza depositava na flor, causando aquele cheiro bom, aquela fragrância que tomava conta do ar. Embora o sol fosse forte do lado esquerdo, onde está a floresta, parecia estar chovendo, durante toda a trajetória que se iniciou cedo, pois os pingos caíam das árvores num gotejar constante. Os trabalhadores da terra avistam aquele homem que, lentamente, se aproxima. Vários deles vão em sua direção, olham-se e se reverenciam, tiram das costas de Subastis as peles. Sabem que além de um forte sobrevivente, vindo de longe, pelos trajes, embora sujos, são roupas de pessoa muito importante. Subastis fala a sua língua, logo se vê cercado por todos que, curiosos, querem saber quem é e o que aquele misterioso ser que conseguiu fazer a ousada travessia deseja. Deram-lhe água, pão e mel. As lágrimas percorreram sua face, sentou-se em um grande tronco, nada falou e, respeitando o seu silêncio, todos voltaram à lida deixando alimento para o ser que veio de longe. O mais velho tenta explicar para todos, que, por certo, só um ato de profunda devoção levaria aquele homem a se sacrificar fazendo uma trajetória tão difícil, somente algo muito importante justificaria aquele ato de abnegação.

-Vamos trabalhar e deixar que ele descanse.

Depois de algum tempo, Subastis sente-se refeito com aquele alimento. Estava, novamente, com o corpo fortalecido. Levanta-se, faz uma reverência e segue sua trajetória. O sol ainda não havia se escondido quando uma misteriosa sensação toma conta de todo seu corpo. À sua frente, não muito distante, está a casa de pedras, construída numa clareira do lado esquerdo da floresta, num plano alto, nada de artístico havia nela, mas existia algo de aconchegante, repleta de uma boa energia. Relembrou as palavras de Harpagão:

- Reverencie Mehen. Nada lhe peça, ele vai ler o seu silêncio, converse apenas quando ele lhe falar.

A visão é tonificante, alguns arvoredos cheios de flores e abelhas circundam a casa de pedra, mas o que domina a cena é a aparição do sábio, alto, forte, esguio, com olhar soberano vindo ao seu encontro. Parecia estar à sua espera, reverenciaram-se e seguiram, em silêncio, o resto do trajeto até o interior da casa.

- Sente-se, meu filho - diz Mehen dando-lhe um chá quente e um pão feito nas cinzas - coma e descanse nestas almofadas, esta casa modesta é a extensão da sua.

Subastis se acomoda. Olha o teto com vigas de cedro, trabalhado artisticamente, uma janela aberta no fim da grande sala e outra do lado esquerdo, as paredes largas, sólidas, a claridade vinha além da porta caindo em forma de cascata, via, a não ser pela trilha, unirem-se a floresta e o pomar, ouvia um barulho de água de cascata, bem próximo da moradia. Fora isso, prevalecia um silêncio cheio de paz, como se estivesse num templo. Do lado direito, Subastis vê, surpreso, a figura geometricamente desenhada com pedras de cores diferentes, o sinal da mais antiga entidade secreta existente bem antes da unificação do alto e do baixo Nilo. Lá estava a expressão exata, um sinal, sem nenhuma palavra. Era o primeiro tratado de paz e de ajuda mútua da história. Quantos sábios e senhores feudais fazem parte desta sociedade secreta que se preocupava em estudar os astros e descobrir de onde viemos. De que forma o conhecimento veio parar em nossas cabeças e nos fizeram

criar verdadeiras maravilhas e viver num instante tão cheio de esplendor? Nos templos deixamos ensinamentos. Nos pilares, nas paredes e nos tetos cintilando com o brilho do ouro e dos diamantes e várias taças de aroma capazes de perfumar o mundo, durante séculos. Mehen quebra o silêncio com uma voz pausada, olhando de forma terna e diz a Subastis:

- Você é meu convidado. Agora feche seus olhos e em pensamentos observe-se desde o início da sua travessia.

Subastis fecha os olhos e se vê deixando a sua tripulação. Pensou: "O que somos diante da grandeza de tudo que nos cerca". Momentos depois ouve novamente a voz daquele ser que o acolheu.

- Quem o ajudou foi o seu coração, que cheio de esperança e de amor deu os primeiros passos naquela longa e difícil caminhada que, diante da montanha, tornou-se mais engrandecida. Reviva o vento cortante, a estreita e perigosa passagem, o frio, a neve, a dificuldade de criar o fogo. E o que se tem de mais brilhante são as palavras e os escritos que descrevem a sua oferta aos nossos deuses: o sol, a lua e as estrelas. Ao passar por este lugar, como milhares de nós, você aumentou a estrada, suas marcas, como as reuniões nos templos do qual, bem sei, somos irmãos, ficaram como as inscrições, gravadas no chão. Após sua travessia a estrada não é a mesma. Por fim, você chega até aqui, senti que você se aproximava.

Subastis abre os olhos e vê, na face do seu interlocutor, uma perturbadora sabedoria, seu rosto, com traços tão bem definidos, refletia mais a beleza do seu saber. Lembrou-se da melhor parte da sua vida, sua infância, primeiro a impressão exata e transparente de tomar o leite dos seios de sua mãe, lá havia o alimento, o calor, o abrigo, e no amparo dos braços maternos, aos poucos, se protegia do que era ameaçador e via diminuir o tamanho da ameaça. Aquela casa o fez lembrar do seu nome: Luíza, que soa sempre como uma música nas suas lembranças. E a voz de Mehen fez lembrar seu pai quando lhe contava estórias antes que ele e seus irmãos adormecessem. E

o nome da mãe ficava mais lindo quando o pai a chamava: "Lila, vamos andar pelos campos com as crianças". "Lila, sente-se, vamos fazer um brinde a Osiris e nos alimentar". "Lila, vou chamar nossos filhos e tocava o sino - belém, belém, belém". Eu e meu irmão vínhamos correndo, éramos pequenos, poucos anos depois, a querida mãe Lila não tardou em nos dar uma irmãzinha.

Quando grandes, minha irmã casou-se e foi para a parte leste do mar. Antes de embarcar, tirei do meu pescoço um cordão de ouro e dei para ela, e aquela jovem e amiga irmã nunca mais voltou.

- Que viagem fazemos com o pensamento! - disse-lhe Mehen com os olhos vivos e cheios de luz - agora nobre amigo, tome um banho quente, a água já estava no fogo à sua espera, bem como aquelas roupas. Deixe as suas roupas fora, elas serão lavadas cuidadosamente. Não tardou, uma jovem reverenciando tanto Mehen como Subastis traz comida para ambos e deixa-a próxima ao fogo para não esfriar e logo em seguida se retira. O sabor do alimento tomou conta de todo o ambiente. Subastis tomou banho numa tina cavada num cedro. Que reconfortante sentir-se fora daquelas roupas e limpo! Trocou-se e quando chegou à grande sala o anfitrião já o esperava sentado sobre uma almofada à frente, uma baixa mesa já com o alimento quente. Ambos, sob um relaxante silêncio, comeram.

- Esta comida dá-me a energia de que eu precisava para poder alimentar o meu espírito combatido por tantos acontecimentos - disse Subastis

Olhando-o fixamente, argumentou o sábio:

- Após o alimento e o descanso, seu corpo terá de volta o necessário equilíbrio. Aqui você irá recobrar a segurança e a paz tão importantes para alimentar o espírito. A falta de calor não nos deixa raciocinar. A partir deste momento, o seu pensamento vai se agigantar e poderá fazê-lo sem receio de cair no exagero, às vezes, imperdoável. Você está em busca de

uma única solução, só o tempo nos oferece, não somente uma, mas a melhor de todas.

- Realmente, senhor, o que preciso é que a mente se preocupe só com bons pensamentos, pois sinto que meu tempo não tarda a exaurir. Os anos se despejaram sem que eu os sentisse nesta ventura de chegar aqui. Agora, senti-me ao mesmo tempo rico e empobrecido de vida, mas segui percebendo que estava gastando-me tanto, que em muitas situações estive próximo do fim. Aproveitei as sobras de mim para superar os obstáculos, ultrapassei todos os limites, não sei que forças me fizeram ir além do que o corpo resiste. Aqui estou eu, meu bom senhor.

A noite chegou, olhando para fora daquele acolhedor lugar, aquecido por um fogo que não se apagava, Subastis vê um grande número de estrelas, mesmo o ar puro que adentrava o ambiente não o deixava frio. Era uma sala ampla, cheia de almofadas.

- Aquele lugar é seu - diz Mehen se dirigindo ao visitante, e conclui - eu vou descansar, não se esqueça, esta casa é sua.

Subastis o vê se dirigir para um canto onde o corpo de Mehen desaparece em meio a tantas almofadas. Ele também se levanta, deita-se no lado oposto e sente a maciez das almofadas feitas com penas de aves. O cansaço era tanto que, depois do banho, das roupas limpas e do alimento, deitou-se, e em razão do cansaço, não teve sequer tempo de pensar em sua história.

Uma fraca brisa entrava naquela sala aquecida pela lenha que, lentamente, ia se consumindo e mantendo o calor. O primeiro obstáculo que o fraco vento encontrava era exatamente o calor, e a abertura feita propositalmente próxima à lareira era a vida que alimentava o fogo.

Era madrugada quando Subastis acordou, a luz tênue do fogo quebrava a escuridão. Logo pegou novamente no sono e nele viu Sâmia, ainda juvenzinha, atirando seu corpo sobre um corpo de pedra. Aos poucos, o corpo se quebrava, ia se esfacelando até só restar o pó e desaparecer. Surge outro corpo

de pedra e ela novamente se lança, a pedra se parte, se esfacela, vira pó e desaparece e assim várias pedras. Com formato humano, sentiram a maciez daquele corpo, partiam-se em vários pedaços, esfacelavam-se, viravam pó e eram levados pelo vento. Só um corpo se uniu ao seu corpo, não se partiu e nem se tornou invisível, era o seu corpo faminto, alimentando a fome de amor, de carinho, de afeto. Só então, Sâmia percebeu que havia um ser do sexo oposto, cujo corpo era como o seu e seguia em sua direção há muito tempo, que do alto da colina gritava seu nome. Era de um mundo que ela não conhecia. Um dia, ela viu os vestígios da vontade do que nunca houve. Ao subir a serra, descobre o seu mundo guardado em meio à natureza e diz:

- Preciso de você! Meu corpo já se machucou muito ao se chocar com as pedras. Agora eu quero que você me presenteie com tudo que eu sempre sonhei. Quero seu corpo exalando o perfume, quero suas palavras, quero os seus beijos, os seus afagos, quero a sua invasão! Onde está você Subastis? Não se perca mais dentro de você mesmo, temo que você não volte.

As lágrimas molhavam seu lindo rosto, Subastis sente tocá-lo com as mãos, o corpo coberto pela roupa transparente que vestia.

Subastis, em sonhos, toca-a e lhe diz ao ouvido:

- Nossos olhos, nossas peles se atraíam até que estes ousados gestos chegaram à sua boca e então a beijei e deixei meus lábios sedentos, sugando os lábios de você, bela jovem, que, sem mais nenhuma resistência, senti sua carne ser tocada por outra carne. Nos devoramos, sentimos fome um do outro.

Subastis acorda, falando o nome de Sâmia. Senta-se e percebe que havia sonhado, por certo, revelou, com frases, o esconderijo dos seus pensamentos, onde ficam todas aquelas imagens, aqueles belos desenhos cheios de amor e de vida, e percebeu que sonhava com o início de sua busca, percebeu que a travessia teve seu início bem antes de conhecê-la, que havia saído em busca de tudo isso há muito tempo. A incursão que empreendeu com Harpagão deu-se para se encontrar, estavam

perdidos todos os desejos. Sentia que a vida já lhe faltava. Seus pensamentos foram interrompidos pelos cantos dos trabalhadores do campo. Mehen já estava de pé, vinha ao seu encontro com um recipiente de madeira, com um cheiro aromatizante, trazia-lhe o chá com pão preparado junto às cinzas. Comeram juntos. Mehen comenta que hoje é a festa da colheita. Subastis, olhando para fora, vê que uma forte neblina impedia a passagem dos raios do deus Sol, mas não tardou e a manhã ficou toda ensolarada.

No palácio de Harpagão, Sâmia recebe os raios do deus do seu amado que venceu e empurrou todas as nuvens, que como ondas, foram quebrar lá nas praias do horizonte. Olhou do terraço o mar, os pássaros, os habitantes, depois voltou seus olhos para o lado oposto e após as casas e o plantio, a densa floresta - a habitação da deusa - a seguir olha para baixo, lá estava seu jardim encantado, o caminho, as flores, os mais variados arvoredos de frutas e a fonte, cuja água corria abundante conversando com as pedras antes de cair no lago cheio de peixes. Fascinada, tendo como interlocutora a natureza, diz:

- Quantas abelhas, quantas borboletas! Olho com os olhos do meu amor "Aiune" - faz uma pausa e logo continua - ele me emprestou os olhos para que eu enxergasse a vida. No começo, não gostava tanto assim. Não me conhecia, não conhecia o amor. Este sentimento não era mais que uma palavra. Hoje sinto, por este estado de espírito, um profundo respeito.

E após ter estes pensamentos, pousou novamente o olhar sobre o oceano e murmurou:

- Volte, Subastis! Meu corpo pede você. Meu sentimento, às vezes, prende-se em terra firme... Volte! ... Perdoe-me se às vezes quero a atenção de todos. Sei que com isso perco você e perco a mim mesma.

E seus olhos se perderam lá longe onde nem os pássaros chegam. Este sentimento fez sua marca, e por ser puro, natural,

verdadeiro e cheio de sensualidade, retrata a beleza da alma tal qual os astros vigiando a terra.

- A sensação causada pelo amor vigia-me dia e noite - pensava - é um olhar de dentro para fora. Um estar atento que não descontenta e nem revolta, traz-me um estado de paz comprido como as águas do rio, cheias de recordações que, nas horas vazias, visitam-me. Fico, por querer, contida como um animal que, atraído pelos frutos e seu perfume, é apanhado na delirante armadilha do coração. Não tenho a unidade exata do tempo que me toma, só posso dizer que tenho a compreensão deste espaço que se dá, acompanhando o deslocamento do astro deus desde que nasce, até vê-lo cair no poente, e então, tento descansar vendo Ísis majestosa, cheia de estrelas. Fico presa nesta teia de pensamentos, sempre à espera do meu predador que, geometricamente, me devora e me consumindo alimenta o meu corpo e o meu espírito. É um encontro sem igual, que se repete de forma cada vez mais intensa e diferente, causando sempre uma nova surpresa. E quando me separo de você, Subastis, sinto-me vazia, com vontade de recomeçar tudo novamente. Fico presa à doce realidade que me cerca, meu aposento é o nosso abrigo, nosso refúgio, nossa morada. É aqui que lhe entrego a minha parte melhor, e que sensação indescritível é vê-lo tirando os véus e descobrindo-me inteira. Não há mais pensamento, é a força dos nossos desejos e a extensão da nossa vontade que não terminam. É um porto de amor sombreado onde aportamos nossos corpos e moramos um dentro do outro. Entrego-lhe meu recanto farto e, em todos os lados, você vê sua caça, você conhece todos os meus caminhos, até por onde você some. Sinto-me um animal no seu abrigo. E quando você reaparece, seguindo as minhas pegadas, submete-me, vence-me, como se domasse um animal, e descansa sobre meu corpo. O seu retorno é suave, nele sinto as suas terras, com seus astros e estrelas, que vêm com sua lua nova, a lua cheia surge novamente à minha busca, invadindo as minhas margens até prender, faminto, a sua caça. Nossos corpos, nesses voos

migratórios, tal como as borboletas, se afogam nesta imensa travessia e ressurgem para continuar o perene voo em busca dos meus extremos, entre os claros e escuros deste frágil, delicado e extenso rio, ora o corpo, os lábios, as mãos, lá navegam, ora só os pensamentos vão ao encontro de você, seu leito, é no seu rio, com as águas límpidas e frescas em que eu me banho. O tempo, a distância e a temível travessia produziram efeitos jamais esperados. Dia após dia, percebo melhor a vida, este se despedir, pouco a pouco, de todas as ameaças, faz-me ver o quanto a vida é encantadora e quanto tempo perdemos brigando com o mundo, e assim deixamos à toa a felicidade ir embora. Agora fazem sentido o eletrizante olhar, o encanto, o fascínio, tudo era um mistério e o tempo foi revelando as trilhas, as marcas, os sinais onde se escondiam os tesouros. O triste é que, às vezes, me descuidava, tratando-o como um forasteiro e deixando que um estranho tome seu lugar. Mas agora venci estes monstros que me habitavam, tenho o seu canto e a sua forte imagem que enchem meus olhos e o meu coração. Você me seduz com sua voz, com a sua poesia, um som meigo e tentador me traz todas as boas lembranças, uma cantiga suave que me contagia.

Bem distante, Subastis olha demoradamente a natureza à sua volta.

- Tive forças para chegar até aqui. É um espetáculo de fatos ocorridos entre mim e ela, que, durante a travessia desde o início da caminhada, fez-me suportar os perigos, os desafios e o rigor do tempo. Num momento de desesperança, até imaginei que o meu amigo Harpagão, não tendo coragem de matar-me, mostrou o caminho do fim e que o sábio e a casa de pedra poderiam bem ser só fantasia. Mas Harpagão tinha certeza quando falava. Quantas repostas já obtive durante este perigoso trajeto! Agora estou nesta casa que me aquece e me alimenta e ouço a voz tranquila de Mehen que diz tanto falando tão pouco, faz-me ver a vida plenamente, pois a vista do sentimento enxerga longe e vai se estendendo bem além de

onde o deus Sol ilumina, dando para divisar o encantado e límpido recanto do puro sentimento. Não é divisão geográfica não, é um lugar isolado, de vasta extensão, onde cabe o verdadeiro sentimento. E quando estou só, a noite toma conta deste espaço que não é físico, onde não se sente frio, onde ficam a alma e os pensamentos pastoreando os momentos felizes, que são como os animais de hábitos noturnos que saem para alimentar o amor, este filhote frágil que sempre está sujeito aos predadores que tentam feri-lo ou matá-lo, abandonando seus pedaços em qualquer canto. Atacam só pelo simples prazer de destruí-lo, por isso é bom que ele viva sempre dentro do seu sítio, um lugar só seu. E lá ele se mantém fisicamente ou nas lembranças, e para encontrá-lo, basta seguir as pegadas que ele deixou no peito, se for seu, por certo o encontrará, se ele partiu, ficou a boa saudade e se chegar o inverno, por certo ele poderá voltar fugindo do frio e se, por ventura, ele não voltar, virão as lembranças em revoadas para assustar a tristeza. E elas vicejam no travesseiro onde fazem seus novos sonhos, que entram em nossa vida e que vivem porque nós os alimentamos com a nossa imaginação, fazemos com que criem raízes e se prendam à nossa vida. São como as orquídeas embelezando, com sua flor e folhagem, um tronco vazio. É uma divindade que surgiu para encantar. Imagine-as orvalhadas, o líquido cristalino a escorrer vagarosamente na reentrância da folha e, depois, numa gota brilhante, pingar, pouco a pouco, em toda a flor. Os pensamentos vão escolhendo as estradas por onde os pingos derramam e a imaginação fica cada vez mais presa à sua criação, sendo quase impossível se desviar da atração das belas e sensuais imagens. Deixou de vagar com os pensamentos, vinha, não de tão longe, um gotejar constante, o rumor foi se tornando mais intenso, ininterrupto, contínuo. Por fim, deparou-se com uma queda d'água - valeu seguir o som da vida - era o encantado barulho do cristalino líquido.

Queria ver de onde brotava, foi seguindo o ruído relaxante que escorria pelas pedras num murmúrio de paz. Por fim, vê a fonte onde o líquido precioso, saindo suave e constantemente

daquela misteriosa abertura no corpo da terra rebenta, jorra, formando, logo abaixo, um belo alagadiço, um delicado pântano escondido entre os enroscos do capim e os mistérios das partes escuras. Deixou o olhar se perder naquela fantástica região onde ninguém havia tocado.

- Que poder de atração há neste emaranhado de raízes aéreas, plantas aquáticas e capim que rodeiam o delicado lago! - pensou Subastis naquele instante, dizendo a si mesmo - que sensação deliciosa proporciona aos meus olhos e ao meu espírito, sinto que se acende uma fogueira no pensamento.

Sentou-se, nada o separava daquela paragem, contempla por longo tempo aquele recanto casto de antiga beleza. Um lugar gracioso e sedutor. Pensou em Sâmia, na sua figura harmoniosa, com seus gestos tão cheios de graça, o corpo ondulado, suas vestes escondendo as suas curvas, as lembranças junto àquela fonte o acompanhavam. Que efeito aquela nascente, aquele olho d'água produziu no seu imaginário, fazendo-o pensar no corpo de sua amada. Por fim, levantou-se ouvindo o canto dos trabalhadores e avistou uma jovem deixar à porta da casa de pedras um cesto de frutas. Mas não parou de pensar naquela paisagem. Que elo havia na beleza do recanto, como a suprema e elegante imagem daquela donzela. Seu gosto refinado pela poesia e pela natureza. Que harmonia há nos traços da amada! Não tardou para que o deus repousasse, deixando em seu lugar, para atenuar a escuridão, os cintilantes diamantes, em grande quantidade, espalhados pelo céu, ofuscando, com seu brilho, os olhos de quem os contemplam. Dirigiu-se para a casa trazendo na fisionomia um estado de encantamento e de paz. Nada passou despercebido ao olhar pacífico de Mehen, ambos se sentaram à mesa, onde uma jovem colocou trigo temperado com legumes e uma carne de caça. Ao mesmo tempo em que comia, os pensamentos não o abandonavam.

- O tempo é o nosso cúmplice nesta travessia que começou quando deixei meu feudo no Egito, o encontro com a sobrinha de Harpagão e, agora, estou aqui, mas todas as coisas belas

fugiram comigo e fizeram-me enfrentar a caminhada, a grande muralha. Quantas curvas, quanto aprendizado com os pássaros que se abrigavam do vento! As fogueiras dispostas em triângulo. Senti o coração bater descompassadamente quando vi as maçãs, as forças já estavam me abandonando. Logo lhe veio à mente a figura do Harpagão: - Obrigado, irmão, você não me arrastou para uma cilada. A presença de pessoas, avistadas após comer a fruta, a casa de pedra, a aparição do sábio fizeram meu sangue fluir por todo o meu ser, uma sensação de bem-estar, um restabelecimento do equilíbrio tomou conta de mim. Senti renascerem a vida e os sonhos.

Mehen interrompe os seus devaneios e lhe diz:

- Aparentemente estamos aqui nesta mesa, eu e você, mas quantas pessoas estão conosco através da nossa mente, neste curto período em que nos sentamos para nos alimentar. Para alguns, a vida é eterna, nobre amigo, pois os bons irão visitar Osíris e se tornarão astros e estrelas que brilharão no firmamento e quando chegar o instante certo virão novamente a terra para dar continuidade à sua existência; outros se apagarão como se fossem a luz de uma lâmparina.

- Não estamos sós. C' estar só fisicamente é diferente do estar só povoado de sonhos, é um estado da alma que nos relaciona com outras pessoas, pois quem tem alguém no pensamento nunca está só. Subastis olha Mehen ternamente, recordando em seus traços a doce figura de seu pai, enquanto Mehen concorda com sua fala acenando com um movimento de cabeça e olhando-o fixamente. - Creio também no que me diz. Já estive num deserto onde habitei. A cada dia, com mais nitidez, vejo-me dando continuidade à minha existência passada, é como se eu despertasse de um sonho neste presente.

Mehem contempla-o, e, em seguida, cheio de atenção, lhe pede:

- Fale-me sobre sua anterior existência!

- No início assustou-me o cenário, aos poucos, fui sentindo necessidade de conhecer mais a anterior existência, surge, de repente, de forma inesperada como se fosse um sonho e,

assim como veio, foi embora, volto à vida, finda o sonho... tudo é vácuo, aparentemente inóspito e o cenário é belo, sempre o mesmo. Um deserto e sobre uma duna uma jovem com suas vestes voejando como se fossem bandeiras de paz e de amor. Fica clara sua silhueta, entregue aos olhos e à adoração do homem que se aproxima lentamente, observando cada detalhe daquela bela cena. Atrás dela, um sol se escondendo dá a dimensão do esplendor que, ao se aproximar, o admira. Lá estava um corpo delgado, elegante, delicadamente harmonioso, bem proporcionado. Sua pele cor de âmbar, os cabelos esvoaçantes, olhos brilhantes com um sorriso iluminando-lhe a face, com braços abertos esperava seu amado, que ia em busca de tudo que ela, ardentemente, lhe oferecia. Apenas o barulho do vento, o resto era silêncio e só o silêncio já explicavam a vida. Eu, todas as vezes, avanço ao seu encontro para desvendar os segredos do seu fascínio. Sua juventude brota, transparente como as águas da fonte. Como poderia eu, que sou aquele homem, escapar aos seus encantos? Manteve-se casta e nesta última aparição senti suas pétalas, que, naquele cair de noite, estavam prestes a se banhar nas espumas do mar. Agora, nos meus braços, sentia ela a força vital do desejo, o poder, a energia, a vontade incontável de se entregar, sentia sua terra fértil e seus frutos amadurecidos, preparados para serem colhidos. Oferecia o vinho das suas uvas escurecidas para o banquete há tanto tempo esperado. Não havia mais forças para resistir e ambos, famintos, nos entregamos. E assim, vejo essas duas figuras se alimentaram com o fogo da castidade, ouvindo o canto da posse, viram os astros guiando a noite enquanto suas mãos passeavam pelos seus corpos fazendo a suas colheitas. E comeram todos os frutos que protegiam a juventude. A flor se abriu carnívora oferecendo os seus segredos e devorando o seu invasor. E tudo que antes surgia como lembrança vaga, agora, de forma intensa. Sâmia e Subastis, desta e de outra existência, diante dos seus olhos os dois corpos facilmente se inflamaram nos beijos e nos abraços. Ela agora não tinha mais

dificuldade em entender os encontros com Subastis, as lágrimas, o receio, o primeiro olhar, as recusas, o desejo desencadeado daquele excitante começo, mas também encheu seu coração de esperança e arrebatou, de vez, a sensação de tristeza. O primeiro beijo foi algo mais admirável que havia sentido, não havia mais como evitar, desejavam-se. Era algo tão belo que os encheu de receio. Não havia mais como desistir, o seu desejo era de uma fera querendo sempre avançar. Ele devorava os seus lábios trêmulos, as vozes de ambos eram declarações que saíam em sussurro, e sob o clarão da lamparina a velocidade das mãos se desenhando na parede de seu quarto, numa agitação febril e inquietante. A luz tênue, fora do quarto, era da noite banhada por Ísis e suas estrelas contemplando a sua saciedade. É isto que trago da existência passada e que neste presente me fez chegar até o senhor e não sei pra onde irá me levar.

Mehem não o interrompeu, ficou ouvindo palavra por palavra. Subastis quebra o silêncio que se deu durante um longo tempo falando um poema que descrevia seu estado de espírito.

- Meu horizonte -  
um mar sem porto,  
sou um ser de mim cativo,  
com um presente vivo, morto  
e um passado morto, vivo...

- Fico feliz de ouvir, em ricos detalhes, sua encantada história - disse Mehen. - Você a conhecerá por inteira e saiba que você irá, num novo reencontro, lembrar desta que está vivendo. Nós precisamos retornar porque nada terminou.

Por fim, levantou-se, colocou suas mãos sobre as mãos de Subastis e foi deitar-se. Subastis viu com que atenção aquele sábio homem o ouviu. Permaneceu no mesmo lugar, levou um pouco de pão com legumes à boca, mastigou-os lentamente. Então lhe veio à mente as pedras fendidas, cortadas, que com determinação e a força das mãos criaram

os caminhos que o fizeram chegar tão alto. E neste árduo desejo de afrontar o impossível e chegar mais próximo de Osíris e de Ísis, quantas vezes não parou para ver as cascatas que corriam pelas encostas, sucessão das outras serras que, sob o fluxo da luz do deus da vida, transformava aquela massa líquida numa queda d'água que ofuscava a vista, quando não fazendo um arco-íris que servia de caminho para se chegar ao céu. E que cuidado não precisou ter para se proteger da morada dos ventos gelados. Os pássaros é que ensinavam o esconderijo para proteger a vida e a continuidade da espécie.

- Por fim, vejo-me longe de tudo - pensou Subastis - um povoado protegido pela própria natureza. Estes seres, que há muito aqui chegaram, foram, como eu, ao encontro de um espírito renovador e, como eu, vieram em busca de respostas e ao encontro de si mesmos, se integrando à pura natureza, à vida simples, a uma vida despida dos artifícios das cidades mercantis. Aqui predominam a paz e as encantadoras paisagens. E no meio deste ambiente bucólico, dá pra perceber, com maior clareza, o mais verdadeiro sentimento, a pura integração do ser com a natureza. Dedicando-se à agricultura e ao pastoreio, sempre mantendo em seus círculos domésticos algum animal ou ave que se havia ferido, mas, após tratados, mesmo devolvidos à natureza, se integravam à vida dos habitantes. Enfim, estou vivendo com um povo que não sofre a influência de povos de outras nações. São puros como as frutas e como a água. E os cantos e as danças são suaves e entram dentro da alma. Mesmo tão distante, dominou a escrita e pode ser tido como o povoado mais antigo da terra, onde tudo que conseguem, tanto da terra como da natureza, é repartido. Oh! Osíris, quem me dera reter todas estas cenas e conseguir descrever estas fantásticas paisagens, com uma paz insuperável! E como é bom participar desta boa atmosfera onde o ser é visto no seu estado natural, sem avalanche de incertezas daqueles que têm de se armar para se proteger! E estes habitantes reconhecem em Mehen este ser misterioso, um ser de vasta cultura, um ser integrado às forças da natureza

e do universo, dando a palavra mais justa e o significado mais exato das dúvidas, explicando o valor de cada sentimento. Não sei quanto irá durar minha permanência. Harpagão pediu-me que não lhe perguntasse nada e assim o fiz e noto que, mesmo em silêncio, ele tem preparado o meu coração. Sem abrir a boca vou deixando escapar os meus pensamentos. À noite, migro para junto de Sâmia. Ela percebe quando eu chego, estamos, mesmo à distância, tão próximos que formamos um só corpo. Isso não é mais difícil, pois chegamos, como diz o sábio Nahim, "a pisar no impossível". E agora que sinto tocar o infinito, percebo o quanto ele é soberano.

Subastis recordou-se que, certa vez, Harpagão trouxe da China um fruto suculento de nome pêssego e lhe deu de presente uma grande quantidade de mudas. Este admirou-o pelo formato belo, pegou os dois mais belos e levou-os para que o colocassem numa bandeja de ouro. Quando se recolheu, avistou os dois frutos maduros, belos em toda a sua plenitude, segurou-os, eram cheirosos, suculentos e macios, colocou-os à sua frente e fez um poema.

#### Plenitude

Nesta casca protetora, que mistérios!  
 Que fórmula mágica se esconde?  
 Tão sublime, elevado, etéreo,  
 Mas e o néctar! Sintetiza-se onde?  
 Não responde, nada, nada o atabalhoa.  
 O sumo sob a pele mais se expande,  
 Aos poucos a fruta fica grande  
 Como os seios que sugar a gente sonha.  
 Passa o tempo, muda a cor, não se confunde  
 Com as folhas, surgem os pêssegos úmidos,  
 Sazonados, exala cheio, a fruta atrai, está madura.  
 No tempo certo, sob o deus dourado  
 Se expõe ao predador com gosto de pecado,  
 Como a mulher que se ama e se procura.

Longe, Sâmia pensa em seu amado e em seguir, na imaginação, esta vasta terra, onde, lado a lado, vive o possível tão próximo, tão tangível quanto as frutas que estão nas árvores à sua espera, como as águas das fontes e do mar que banham seu corpo, como a beleza que encanta os seus olhos e logo após, o impossível, este que habita sua alma, o seu desejo, o seu estado de espírito e diz a si mesma:

- Nele chego através do ânimo, de uma vontade interior e intensa e não presumida, numa atmosfera de encanto contínuo e absoluto. Sigo por um caminho que só eu conheço, sou a hóspede que chega, inesperadamente, a esses dois espaços infinitos. Tentei, suavemente, aproximar esses extremos, tudo em vão. Como explicar o passo à frente e o passo atrás. Bem, é que diante das incertezas, do inesperado, do desconhecido, sinto-me assustada, me encolho e me recolho como um animalzinho perdido, com medo dos estranhos, assustam-me as falsas verdades e os olhares severos. Só, acendo-me em suspiros quando o vejo. Ao ouvir sua voz, meus ouvidos não perdem o som da sua boca, fica ecoando dentro de mim, mas, às vezes, sinto-me tão excluída de sua companhia e percebo como é triste a tarde e quanto é melancólica a noite. E quando ela chega, abato-me com os fatos tão diversos do que almejo, você, Subastis, é o alvo mais nobre que eu quero unir ao meu corpo para partilhar consigo as satisfações que toda uma existência oferece. Esse é meu passo à frente. Mas isto, que à primeira vista parece tão simples, é complexo e quase impossível. Pertencço, por escolha não minha, a alguém a quem não conheço. É uma união fundamental que trará, não para mim, mas para meu povo, que tanto amo, mais paz e prosperidade. Este é meu passo atrás. Então, dou as costas à minha mais sublime ventura, ficam as lembranças, a fonte do meu encanto, preparando-me para as surpresas que virão e atenuam as grandes decepções. O seu amor, querido, fez-me esquecer os liames que me prendem ao compromisso feito no passado. Sua presença alterou tudo. Precisava de você, agora, como o fez, sair em busca de resposta. Precisava eu

desta distância para aliviar a angústia que é, talvez, nos perdermos. E de ver, pouco a pouco, ruírem os nossos sonhos. Mas uma força sobrenatural vinda de dentro de mim, uma energia mandada por você me fazem sentir paz e ver diminuir a melancolia. O lume que ilumina os nossos corações não vem das fogueiras alimentadas com lenha. Portanto, nunca se apagará, não importa onde estivermos esta chama sempre nos aquecerá, não estará sujeita a perder o brilho ou diminuir a intensidade do seu calor, como nas fogueiras, cujos gravetos se umedecem com a chuva fazendo o seu clarão e se desfazendo pouco a pouco. Está viva, na fúria dos nossos encontros, no sussurrar das palavras, nos cantos e nos gemidos. Não fosse pela paz reinante e o dano que trará para todos, eu não daria o valor que este acordo possui. Não posso excluir a guerra efetiva e os prejuízos de vidas por causa da nossa verdade. Pois este meu sentimento, esta força interna e nobre não o afastam do meu corpo e nem do meu pensamento. Minha boca ficará muda, os gemidos adormecerão. Sem o seu toque, meu corpo fresco não provará a doçura de ser toda consumida num paraíso que é só nosso, porque nós, aos poucos, o descobrimos. Não ouvirei as musas e meus olhos se perderão na amplidão vendo o sol nascer e morrer, vendo Ísis e as estrelas chegarem e se apagarem. Estarei silenciosa sempre à procura de um sinal. Já não há mais a fronteira me separando da vida passada, lembro-me do louco amor vivido, que, numa brecha deste tempo, traz de volta o homem que se foi numa guerra sangrenta, você. Agora, as lembranças que me fugiam estão diante desta nova vida, neste instante, tão vazia sem a sua presença. A falta de notícias, o silêncio inquietante fazem com que me refugie de todos. Há instantes em que esses momentos se confundem nos quais nossas vidas se uniram, vivo essas duas visões. Vejo-as e delas participo como se andasse sempre na penumbra. Meu deus, EL, fez todas as belezas, mas pediu a todos que nada lhe pedissem e se eu pudesse pedir e se ele me propusesse atender, pedir-lhe-ia que deixasse numa dessas duas vidas, que eu não viajasse através do tempo, em meio às nuvens,

entre essas duas belas realidades, mas que numa delas eu ficasse, definitivamente, com você. Mas que antes, harmonizasse e acordasse o império adormecido, onde pudesse correr, pela boca, a vida nos meus lábios sedentos e vivos. Agora sei que a vida é um poema, que, às vezes, leva-me à loucura, às vezes, tira-me o chão dos pés, e enchendo-me de sensações indescritíveis, descobre-me inteira, e me revela os mistérios do amor. Tenho isso modelado por suas mãos na lembrança. Sinto-me uma flor orvalhada pelo seu carinho. Agora, do meu terraço, vejo de um lado a floresta, do outro as montanhas, o vaivém dos pássaros, o mar batendo e espumando, as pedras e a orla, acima, a amplidão regida por Osíris. As nuvens levando as deusas, a noite soberana chega, não com Ísis. Tenho o encanto e a proteção da nossa lembrança, e quando me deito, estou só, num quarto que me lembra um pequeno oásis, tamareiras, areia, o deserto e as tendas com o conforto das almofadas colorindo a minha vida. Aqui, caiu sobre os escritos, sobre as poesias que espantam o silêncio do aposento frio. Sei que está em busca de si e talvez eu o perca, talvez você se perca também dentro da sua busca. Temo pelo fim de uma existência e o começo incerto de outra. "Ergo voo", tenho sonhos, fantasio, estou cheia de imaginação, sigo daqui como as deusas sobre as nuvens, num passeio vago, onde nada busco além da brisa fresca. Sigo como os pássaros e neste ninho ouço os pios famintos dos meus desejos à espera do seu carinho e do seu abraço. Há em mim, vivos, os seus vestígios e os seus rastros. Você fecundou esses filhotes que saíram do meu ventre e, hoje, vejo-os por todo o meu corpo à espera do seu alimento. Você é o princípio destas sensações, fertilizou-me, transmitindo o fascínio de algo que eu não conhecia, você é a causa imediata para eu estar sempre prenhe de desejos. Sinto o efeito da fecundação.

Um vento brando sopra da floresta trazendo um suave canto, Subastis sente-o e se prepara para ouvir a brisa com o seu canto revelando-lhe os grandes mistérios que vêm de longe,

que energia, são notícias de Sâmia manifestando, pouco a pouco, os seus sentimentos, seus temores e os seus segredos, outrora tão impenetráveis como os sonhos invioláveis de sua vida interior, onde foram guardados, tão profundamente, que ninguém conseguiu decifrá-los. Diz a si mesmo:

- Há nela um tesouro e como foi bom viajar pelo seu delicado mundo, sentir sua boca fresca, porta de entrada de um templo onde oro e me enlaço, apertando peito com peito, pele com pele e percebendo os nossos corações querendo sempre ir mais além, sem medo de tempo, de distância e de obstáculos. Não há lugar onde possamos nos esconder um do outro, e neste sopro de vento, percebo que preciso achar seu outro lado, que se veste de poesia. É intensa a saudade, que necessidade tenho de pousar os olhos na verdura dos seus poucos anos, que falta sinto da mulher amada, cujo corpo reluz ao sol de fim de tarde. Como era excitante ver o seu olhar cheio de ternura e de malícia correr o meu corpo como as raízes que correm na terra e se prendem nos meus sentidos sempre à espera de um encontro e, quando ocorre, as raízes se movimentam e os pensamentos e a imaginação ficam como um vento forte batendo nos paredões da vida, ora quebrando o silêncio como agora, ora entristecendo o dia a dia em razão do passo a mais que não demos. E são esses eventos amorosos que nos aproximam e aliviam este meu isolamento. Só através da imaginação toco seu corpo e o seu espírito belo e único. Filtrou-se no meu coração, tal qual água na terra, a sua imagem. Está aqui, na minha frente, seu terno olhar, que antes de tudo, como prefácio, ternamente, a invasão o trouxe nesse vento e você se aloja dentro de mim, dentro dos meus pensamentos, que me dominaram, vindo para dentro do peito os seus olhos, os seus cabelos, a sua boca, a sua flor, a sua essência... Traz-me, neste momento, a reprodução exata do nosso primeiro encontro. É a escultura fiel daquele instante quando me perdi no seu semblante. Está aqui, só eu a vejo. Este se tornou o meu doce fadário, meu destino e minha pena. Abro os olhos e você sai da minha retina onde adormecia comigo para cintilar

nos raios do sol só para eu vê-la. E agora, quando a noite chega, tento fecha-los, não consigo, pois lá na amplidão, como no meu coração, está você, no brilho cintilante de uma estrela, lançando-me clarões, propagando suas centelhas que vão resplandecendo à noite, até que o sono chega e, cheia de zelo, enroscada no meu corpo, também adormece penetrando, sem limite, nos meus sonhos.

## ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE

### A PIPOQUEIRA EDLEUSA

Lá foi a avó, toda feliz visitar a neta em Goiânia. Aproveitou o feriado prolongado de sete de setembro e foi festejar o encontro com a pequena família. Não viu comemorações alusivas à pátria neste 2009. Segundo os noticiários televisivos, foram suspensas devido à gripe suína, pelo governo de Goiás.

Vovó, educadora saudosa, estranhou, pois estava habituada a essas festas cívicas ao longo dos trinta anos de magistério.

Como sempre, o tempo no cerrado, mesmo em pleno inverno, estava bom. Cerram-se os olhos de quando em vez, para aliviar a intensidade da luz, que parece disposta a fazer fotossíntese até na calçada.

Ela gosta do calor, da vida ao ar livre, de ver as calçadas em movimento, cheias de gente contente. Bom mesmo era o tempo de ver a menina Amanda e acabar com a saudade que já durava cinco longos meses.

A capital de Goiás é vestida de um tempo novo, suas construções revelam sua jovialidade. Ela ainda não tem 80 anos. Goiânia foi projetada para ser a capital do estado. É muito plana, com largas avenidas e rotatórias que facilitam o trânsito. Move-se com a energia de uma inquieta adolescente (fundação em 24 de novembro de 1933).

Goiânia é uma das cidades com área urbana mais arborizada do país. Praças e áreas verdes bem cuidadas se veem continuamente. A vegetação diversificada e exuberante abafa o barulho, tornando-a uma cidade silenciosa, mesmo com bem mais de um milhão de almas falantes e uma considerável frota automobilística.

Num dos bosques maravilhosos que a vovó e Amanda visitaram, Bosque dos Buritis, macaquinhos gulosos e brincalhões disputavam cocos e bananas das mãos, depois corriam para o topo das árvores, como se tivessem medo de perdê-los.

A moderna avó fez outros passeios, principalmente a restaurantes, bem a gosto dos goianos: arroz com pequi, farofa, carne de sol, carne seca, carne, muita carne!

Num desses típicos, uma nova dupla sertaneja cantou e vendeu um recém-lançado CD para ela, que imediatamente o deu ao seu marido, amante desse gênero musical.

Coincidência, à noite na tv a cabo, passou o filme "Os filhos de Francisco". Assistiu apenas a uma parte do drama, pois estava de saída para um passeio familiar. Foi o suficiente para sentir uma profunda comoção que há muito não experimentava.

A vovó já havia assistido a esse filme na TV em São Paulo. Ela ama toda e qualquer boa expressão cultural humana, uma aficionada por biografias. Costuma dizer com frequência: "A história de cada um é a história da humanidade, quando contada, já vira ficção, bem contada transforma-se em obra de arte".

Ver esse filme da famosa dupla de Goiânia, na própria Goiânia, fez toda diferença.

O espaço psicossocial era o palco perfeito para a representação da fantástica trama. Uma experiência que ela nunca havia experimentado. Era como se vovó assistisse a um filme na Alemanha nazista, sobre o holocausto, numa localidade que outrora tinha sido um campo de concentração.

A vida é bela! Quando a senhora imaginou que não havia mais novidades a viver, eis que um momento inusitado e emocionante ainda lhe desafiava os sentidos.

O melhor da viagem foi ir à Feira do Sol, na "Praça do Sol".

Ao entardecer do sábado, a praça estava apinhada de gente e barraquinhas. Gente que era arrefecida por um vento fresco a renovar-lhes as forças na contínua e alegre caminhada circular por entre roupas, brinquedos, ruídos, pastéis, doces, mel, sucos e pipoca, muita pipoca.

Ah!.....a pipoqueira Edleusa!

Essa sim, Edleusa era a deusa da praça. Fazia pipoca doce colorida como o vestido pink e branco da jovem mulher, e que mulher!

Sentou-se ao lado do carrinho e do marido, a cansada vovó, para ver as pipocas pulando e as crianças pipocando alegres em torno do carrinho de pipoca.

A feliz netinha, arrumada pela mãe, mais parecia uma modelo pronta para o desfile, foi logo para o pula-pula.

A disposta senhora observava atenta os fatos que se sucediam na praça: adolescentes em turma riam de tudo o que viam; adiante um idoso com uma adolescente denunciava o turismo sexual; acolá, na contramão dos costumes, uma cinquentona desfilava com um garotão.

Uma caricatura de mulher sobre um salto agulha chamava a atenção da praça. Grita, então, um menino de Edleusa:

- Mãe, que homem é esse?

- Menino xereta, vá cuidar das pipocas, respondeu a mãe, disfarçando o constrangimento.

Todo o logradouro recendia a azeite, cheiro de algodão doce, favos de mel, gritos de menino, risos soltos de jovens alegres e a muito aroma de pipoca!

Edleusa tinha criança de colo, meninos que já andavam, que aprendiam a andar e os que corriam, e como corriam! A vida na praça era uma festa! Bom mesmo era poder participar dessa festa.

De chofre, a curiosa senhora gostou da pipoqueira Edleusa. Era a própria alegria desfilando na praça, em plena feira do sol. Possuía uma confiança atrevida que ora e outra constrangia o interlocutor. Só falava depois de sensualmente se ajeitar e colocar um largo sorriso no seu rosto jovial.

Vorazmente falava dela e em troca queria saber tudo do outro, obrigando a vovó a uma defesa constante, a fim de proteger as entranhas de sua alma.

Contou de sua família, do trabalho e das suas quatro barraquinhas de pipoca. Emocionou-se quando falou dos filhos, seu rosto iluminado era a própria expressão do poder da maternagem.

Quatro barracas de pipoca, quatro filhos e muita fé na vida. Os meninos mais velhos eram filhos da barriga, não sei se do seu desejo ou dos seus planos. As meninas eram filhas do coração e da precisão, de muita precisão.

Edleusa contou que na família anterior as meninas sofreram maus tratos e falta de tudo: o de comer, o de vestir, o de morar e o de amar. Hoje as meninas são boas, quietas, não dão trabalho.

Quanta generosidade e alegria ao falar da adoção!

Apenas uma vez pôde-se ver a tristeza dessa mulher do planalto, foi quando relatou a vida marginal e infeliz dos três irmãos.

Aproveitou a oportunidade para perguntar se os filhos homens da vovó deram muito trabalho para criar. Deixou escapar o medo que o futuro poderia reservar para seus meninos, devido ao drama familiar vivido e indagou com um típico sotaque goiano:

Diga lá, os seus meninos deram muito trabalho para criar, como a Sra. deu conta?

- Tive a mesma preocupação em educar bem os meninos e a minha menina. Esforcei-me para ser precisa e presente. Filho necessita de limite, mas precisa mesmo de adulto por perto que os oriente e tenha o que lhes ensinar, seja uma referência! Fui a mãe possível, penso que deu certo.

O vovô acompanhava com certa impaciência o interesse exagerado da esposa, naquela mulher que parecia com tantas outras, exceto seu transbordante interesse pela vida e pelo trabalho e seu deslumbramento pelo casal paulista.

Esse parzinho já contava com as mesmas décadas de casamento que seus pais. Situação invejada, como se Edleusa quisesse a liberdade de hoje, mais a relação afetiva profunda e de vida inteira de outrora, utopia possível, ali representada pelo casal de avós paulistas.

Pura magia, isso de ficar juntos tanto tempo, repetia enfática a deusa da praça, quase perguntou o segredo do milagre, como querendo a cópia da receita para si.

Envelhecer aumenta nossa intimidade com o passado e também conosco. Toda avó merece uma netinha para amar e olhar um mundo novo, através dos seus olhinhos de espanto a cada descoberta.

Envelhecer nos encurta os anos, os sonhos e o prazo para executar planos.

Na velhice enfatizamos o que fomos a vida toda. Se fomos bem humorados, alegres, acentuamos esta emoção: temos mais tempo livre para expressar alegria. Se fomos mal humorados, temos mais tempo para ser rabugentos e assim por diante. Cada um oferece o afeto que tem, para sorte ou infortúnio daqueles que estão em redor.

Será a velhice a melhor idade ou a pior idade?

A vovó, aposentada é ainda ativa, parece envelhecer bem. Porém, tem mais passado do que futuro, mas enquanto tiver presente terá esperança de voltar a Goiânia, mesmo que a netinha, as pipocas e a Edleusa não forem mais as mesmas e não tenha amarras a lhe tolher a vida.

Goiás está no centro do Brasil e dentro de muita gente. O espaço encanta! A vida encanta! O homem é um animal geográfico e geografia é destino. Ao homem também cabe a possibilidade de alterar o espaço e deixar suas marcas por onde passa e nelas se fazer eterno.

A vovó gosta de todos os lugares em que caminhou e viveu. Principalmente onde teve oportunidade de tecer laços afetivos, aqueles lugares que escolheu e aqueles lugares que a escolheram, mesmo que por pouco tempo.

#### O DENTRO É O CENTRO

A árvore fincada na terra não se move, porém movimenta a vida.

A ideia nasce no cérebro, transforma a si, o homem e o mundo.

O presidiário controla o crime e o coração da amada, dentro do cárcere imundo.

A freira na clausura trabalha, reza, tenta salvar a si e ao outro.

A pedra mais preciosa se forma no interior da terra.  
 A pérola rara se forma no íntimo da ostra.  
 O buraco negro em espiral engole tudo para dentro.  
 O magma ardente rejuvenesce a crosta.  
 A beleza e a vida convivem no interior da gruta.  
 A dor deletéria vem do canal do dente.  
 A alegria brota do bom humor, quase constante.  
 A hora contém os minutos, que contém os segundos, do tempo que não existe.

O ovo encerra a vida que insiste.  
 A essência é de dentro, o supérfluo é de fora.  
 O silêncio é a voz de dentro, em boa hora.  
 O homem governa o consciente.  
 O inconsciente governa o homem.  
 Atormentada sem encontrar meu centro,  
 miro para dentro e diante de tanto mistério suspiro, amém!  
 Tantos caminhos a vovó de São Paulo poderia tomar antes de chegar até aqui. A sua herança, o seu ambiente e as suas escolhas ensinaram-lhe a direção.

Aqui está ela, com suas histórias já vividas e cheias de energia para ainda viver e narrar outros fatos e outras fantasias, conhecer e se encantar com novas Edleusas, deusas da Praça do Sol e das praças do mundo.

#### O CAMINHO

O mar é o caminho do navio.  
 O céu é o caminho do avião.  
 A estrada é o caminho do carro.  
 Jesus é o caminho da fé.  
 A ferrovia é o caminho do trem.  
 A esperança é o caminho sem fim.  
 A generosidade é o caminho do bem.  
 Você é o caminho do amor em mim.  
 A paixão é o descaminho.

*"A direção é mais importante do que a velocidade". (Clarice Lispector)*

## ANTONIO DARCI PANNOCHIA

### DA ROMA ANTIGA AOS DIAS DE HOJE

*Maldade existe enquanto o mundo continuar imundo. Haverá, contudo, um dia em que o mundo se tornará nobre e justo a fim de assegurar a felicidade que a todos cobrirá.*

*Assim esperamos!*

A segurança jurídica que a todos nos é devida, sem dúvida, é dever do Estado, sobretudo do Estado Democrático de Direito. E se na Roma antiga do poderoso Julio César não era assim, há de ser ver que na era virtual em que estamos vivendo haverá de ser assim, mesmo que a qualquer custo, porque entre outras coisas a circulação de histórias falsas promovidas por inescrupulosos oportunistas de plantão, quiçá até com o uso dos diversos segmentos da Máquina Estatal, servem para tentar destruir oficialmente pessoas, desviar direitos e ou, inclusive, simular a existência de provas de fatos inexistentes.

Diante disso, cabe ao Estado reprimir severamente com todas as letras os propagadores oficiais das infâmias sacadas face a qualquer cidadão que vive sob sua proteção, mas cuja ferramenta usada para atormentá-lo sai inescrupulosamente da sua própria Máquina Administrativa. Isto porque, em princípio, o Estado em seus múltiplos segmentos administrativos e jurisdicionais goza de presunção de veracidade até das infâmias eventualmente postas sobre a cabeça de qualquer cidadão.

A odiosa insegurança nesse sentido causa profunda dor, porque fere um dos mais, senão o mais festejado princípio fundamental inserido na Carta Política de 1988, prevista no artigo 1º, inciso III, que é a dignidade humana. Esta conquista constitucional não tem preço, principalmente quando é quantificada sobre o valor da consciência do próprio valor que somente os honrados

humanos desfrutam com nobreza quando usam da autoridade que a sua própria autoridade lhes confere. Porque, infelizmente, convivem com as maledicências consentidas ou até mesmo oficialmente provocadas pelo próprio Estado com a conivência de inescrupulosos agentes que o manipulam.

Hoje, no entanto, já estamos assistindo a alguns exemplos do início da proteção estatal que todos esperam. Estamos, pois, presenciando saneamentos em diversos segmentos da administração pública, inclusive no próprio judiciário até então intocável em alguns dos seus desacertos. Vem assim prevalecendo a inteligência do artigo 37 da Constituição Federal, que exige obediência aos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência da administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

De modo que esta inserção feita na Carta Magna é para o bem e segurança de todos e, por isso mesmo, não poderá ficar como letra morta no mundo jurídico e administrativo do Estado. Deverá, isto sim, ser cultivada a passos largos e firmes, bem inversamente da Roma antiga, quando, sem qualquer segurança jurídica, os homens do império esperavam o até imbatível Julio César se ausentar para darem início às intrigas, mentiras e fofocas que oficialmente circulavam na naquela precária Máquina a fim de destruir sua imagem e honra. O que se dizer então dos menos poderosos!

Embora essa antiga prática ainda continue nos dias de hoje a envolver honrados cidadãos que muito tempo depois se mostram inocentes das infâmias, haverá por si só, ao Estado Moderno, reparar a situação posta, responsabilizando severamente os seus agentes que derem causa à maledicência que fere de morte a nobreza da dignidade humana e causa insegurança jurídica aos administrados devido ao mau uso da Máquina do Estado.

## ARISTIDES CASTELO HANSSSEN

### A LUA É TESTEMUNHA

Uma lua muito branca brilhava no céu, e o cheiro de mato invadia as narinas de Zelão, enquanto ele caminhava pela noite. Ele preferia que ela fosse mais escura, para maior sucesso da sua tarefa, mas não podia deixar de se inebriar com o perfume, o espetáculo noturno e o pio das aves noturnas. Acompanhou-as assobiando uma modinha da sua infância. Era um homem feliz!

Ah!!! Eu nasci pra ser poeta!!!

Um ventinho frio passou pelo seu corpo, arrepiando-o e aliviando o calor noturno. Zelão pensava na sua vida, na infância, e achou que preferia ter outras tarefas a executar. Bem que merecia! Mesmo assim, era feliz, andando pela noite mansa.

-Tudo isso traz tanta poesia! Ah, eu queria ser poeta, e botar no papel tudo o que estou sentindo!

Agora um barulho de água corrente acompanhava a música do pio das aves e do vento a farfalhar as folhas da mata. A estradinha de terra começou a subir lentamente a colina. Aos poucos, foi se tornando mais nítido o barulho da cachoeira. A lua iluminou o velho o rancho à beira da estradinha. Entrou e sentou-se em um banquinho rústico, o único móvel ali existente, além do catre de apetrechos de pesca.

-Tomara que ele não demore - pensou, um tantinho nervoso - e que não tenha contado nada pra ninguém.

Uma coruja piou, e velhas superstições despertaram na cabeça e no coração do caboclo. Mas o trabalho tinha que ser realizado de qualquer jeito. Zelão era um homem cumpridor dos seus deveres.

-Claro que ele não vai abrir a boca - pensou, aliviado - deixei claro que o assunto era delicado, e que ele era o maior interessado no segredo. Coitado, ele sabe que está enrolado, mas nem imagina o pior.

Seus ouvidos atentos perceberam os passos cautelosos do esperado, e ele se preparou, com as mãos na cintura, atento.

-É você, Zelão - perguntou uma voz medrosa - o que aconteceu...

Um tiro à queima-roupa, bem na testa, cortou suas palavras. Zelão não errava uma. Em seguida, o caboclo forte, com a maior facilidade ergueu o cadáver, atravessou com ele nas costas a estradinha e atirou o fardo na ribanceira, para o rio levar. Depois, queimou as roupas e os calçados que usava, para não deixar vestígio e vestiu aquelas que deixara no rancho preparadas.

Só lamentou ter que jogar fora o revólver que comprara naquela semana de um traficante. Saiu, respirando o ar fresco da noite, com a sensação de dever cumprido. A lua continuava a iluminar seu caminho.

- Ele tinha que se meter justamente om a amásia do doutor? Coitado do Mané, até que eu gostava dele. Mas fez tanta besteira! E foi aprontar...

#### NEM TODO EGOÍSTA É JUDEU OU ERRANTE

Diz a lenda que quando Jesus andava pelo mundo, certa vez, cansado sentou-se à porta de um sapateiro para descansar. O homenzinho, cioso de seu espaço e do seu "direito de propriedade", enxotou-o. O bom e meigo Jesus, que nos ensinou a amar e perdoar, às vezes aparece nas histórias como rancoroso e vingativo. Nesta história, olhou firme para o sapateiro e disse: "Vou para onde possa descansar, e terás que caminhar até que eu volte". O pobre sapateiro está caminhando até hoje, de um canto a outro do planeta, e só poderá descansar no dia do Juízo Final. Do jeito que o mundo anda, parece que isso não vai demorar. É a lenda do judeu errante, uma lenda judaico - cristã. Não pode me acusar de antissemita.

Hoje Jesus não anda por aí, nem se cansa. Se Ele caminhasse pelos nossos centros urbanos e usasse a mesma ira santa contra quem não dá espaço a um pobre peregrino, haveria muita gente errando pelo planeta. Seria tanta gente que, de vez em quando, essas pessoas trombariam.

Alguém já observou, no centro de Guarulhos, quantas casas comerciais colocam ofendículos junto à calçada para impedir que alguma pessoa cansada, coloque ali suas nádegas? Eu mesmo estava uma tarde junto ao calçadão, na Felício Marcondes, assistindo a um show e cansei-me de ficar em pé - "velho, sabe como é". Não achei um cantinho para descansar. Quando não aguentei mais, retirei-me para o ponto de ônibus onde pude me sentar e não assisti ao riquíssimo show "Romanço" de Ricardo Dutra.

Muita gente aprova esses estrepes protetivos, tão ridículos quanto o nome "ofendículos". Dizem que é para proteger o comércio contra vagabundos, mendigos, trombadinhas e toda a série de excluídos que buscam refúgio em nossas ruas. Nesse caso eu posso requerer minha carteirinha de sócio dessa nobre categoria. Não sou Jesus Cristo nem reivindico sua santidade e seu poder, mas se fosse, em vez de fazer os proprietários errarem pelo mundo, contentar-me-ia em fazer suas ricas vitrinas desaparecerem.

Um padre católico, conhecido meu, no sermão de uma de suas missas, em sua homilia, fez um comunicado aos fiéis. Disse que havia um casal em porta da igreja, pobre e sem teto, à procura de um cantinho para descansar. A mulher estava grávida. Perguntou se algum dos fiéis poderia levar o casal para casa. Todos ficaram consternados, mas ninguém se habilitou. Depois de alguns minutos de silêncio, ele desfechou: "Esse casal é José e Maria e ela está grávida de Jesus".

Não sei como essas palavras calaram no coração de cada um dos fiéis! Certamente, porém, todos sentiram como é difícil ser cristão neste mundo materialista, utilitário e competitivo.

## O MURO DO FIM DO MUNDO

Com dificuldade conseguiu ler a placa: Rua Nicola Rinaldi. Não se lembrava do antigo nome, mas o nome do seu Nicola era familiar. Era o dono do loteamento. Foi dele que seu pai comprara o terreno. A rua só poderia ser aquela. Era uma ladeira que começava na padaria, subia o morro, descia do outro lado e terminava no campinho de futebol. Agora não existia a padaria, a rua era asfaltada, mas só poderia ser aquela: a rua do muro.

A molecada aproveitava qualquer ensejo para passar por ali, mesmo que encompridasse o trajeto. Além do muro nada mais existia, só o misterioso matagal. Diziam que os homens davam tiro de sal na bunda do moleque que se aventurasse. Nem o mais corajoso se arriscava. Além do muro do fim do mundo se perdiam os sonhos da molecada. Perdiam-se também os pipas, que naquele tempo se chamavam papagaio ou quadrado, e eram mais bonitos que os pipas de agora. Quanto aos sonhos... Lembrou-se que era quase obrigatório mijar no muro, estivessem ou não com vontade.

Estava tudo tão mudado... Mal reconheceu o bairro onde viveu a infância. Só a igreja de Nossa Senhora da Paz fê-lo recordar. Mesmo assim estava espremida entre prédios, sem a majestade dos seus tempos, quando dominava toda a praça. Graças a ela, porém, conseguiu localizar a Rua Cinco, agora chamada Amélia Rinaldi. Não conseguiu localizar a casa 45, nem encontrou a cerca de ripas, o portãozinho vermelho e o jardim que a mãe cuidava com tanto carinho. Só havia muros rente ao meio-fio e alguns salões comerciais.

Começou a subir com passos lentos. A ladeira parecia mais íngreme. Antigamente subia correndo, carregando o carrinho de rolimã, com o qual depois deslizava ladeira abaixo. Agora corriam carros e caminhões, para cima e para baixo. O muro havia desaparecido, e além dele a cidade crescera, com novas ruas, casas e muito movimento.

Estava feliz por ter descoberto o bairro de sua infância, e triste por ver tudo tão modificado. Triste também por lembrar-se de que nenhum dos seus sonhos de criança se realizara.

Epa!!! Ali adiante havia um terreno que ainda permanecia baldio, e na frente, um pedaço daquele muro. Sorriu, feliz, como se tivesse descoberto um tesouro, como quando brincava de pirata.

Pouca vergonha - resmungou a senhora que passava do outro lado, com a sacola de supermercado - um velho daqueles, que deveria dar exemplo aos mais jovens, urinando no muro!

## TAGARELICE

Eu não conto mentiras,  
 só conto história de assombração  
 e de valentia,  
 de surra que eu dei em muito valentão,  
 e de mulher bonita,  
 que fez quizumba em meu coração.

Eu vi a morte de foice afiada  
 procurando gente pra sua morada.  
 Eu cuspi no chão  
 e dei um pisão,  
 o pó levantou,  
 eu falei que era o cão,  
 ela acreditou.

Na encruzilhada,  
 eu vi o diabo  
 Eu me fiz de besta,  
 lhe pisei no rabo,  
 ele deu um urro  
 feio pra burro.  
 Eu não me assustei,  
 lhe dei um murro  
 e os chifres quebrei.

EU NÃO CONTO MENTIRA,  
 SÓ CONTO HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO  
 E DE VALENTIA,  
 DE SURRA QUE DEI EM MUITO VALENTÃO,  
 E DE MULHER BONITA,  
 QUE FEZ QUIZUNMBA EM MEU CORAÇÃO.

Numa sexta-feira,  
 eu vi o "lubisome"  
 virado no avesso  
 com cara de fome,  
 feio que só vendo,  
 urrando e fedendo.  
 Eu lhe dei um rodo,  
 ele saiu correndo,  
 se mijando todo.

Eu sou mesmo assim,  
 eu sou muito macho,  
 só fico por cima,  
 não fico por baixo.  
 Com mulher formosa,  
 cheirinho de rosa,  
 eu tenho capricho,  
 mas não quero prosa  
 com homem ou com bicho.

Eu não conto mentira,  
 só conto histórias de assombração,  
 e de valentia,  
 de surras que eu dei em muito valentão,  
 e de mulher bonita,  
 que fez quizumba em meu coração.

Eu vi uma morena  
 bonita e dengosa.  
 Eu cheguei pra ela,  
 joguei minha prosa,  
 me fiz de guapo,  
 joguei meu papo,  
 chamei de rainha,  
 juntamos os trapos,  
 e hoje ela é minha.

A conversa está boa,  
mas eu já vou indo,  
pois se chego tarde  
ela já está dormindo.  
Se eu faço bobagem,  
eu perco a viagem  
e durmo no chão,  
e quem leva vantagem  
é o Ricardão.

Eu não conto mentira,  
só conto história de assombração.

#### ESPÍRITO ESPORTIVO

A rua Treze do Jardim Trindade já era asfaltada e ladeada por casas de alvenaria, todas elas com bom acabamento. Um bairro de classe média, talvez. As casas do lado direito tinham um quintal aos fundos, como nos bons tempos. Alguns com mato crescendo livremente, outros com pequena horta, outros ainda com árvores frutíferas ou decorativas. Todos terminando em um córrego que outrora fora limpo, onde se pescavam lambaris e traíras. Agora começava a poluir, mas havia touceiras de bananeira em todos os quintais. Coisa que lembrava vagamente uma cidade do interior. Do lado esquerdo, os terrenos eram menores e não havia quintais. Sobrava apenas uma grande área entre as ruas Treze e Onze que se transformara em campinho de futebol, a única distração da rapaziada do bairro.

Quando esta história começa, Edna, a filha do seu Euclides e de dona Helena, era uma menina que passava o dia brincando numa balança pendurada entre uma pereira e um abacateiro. Ela morava na casa cinco da rua Treze, uma das casas que tinham quintal dando para o córrego. Tinha dois irmãos mais velhos: Eduardo, de 18 e Frederico, de 21 anos. Ambos jogavam no E. C. Trindade, timeco que fazia uso do

campinho "arranca-toco", que não tinha dono e todos podiam usufruir. A partir daqui, algumas coisas começam a acontecer.

Quando Edna, já tomando forma de mulher, terminou a oitava série, com boas notas, quis fazer o segundo grau. Os pais e os irmãos acharam que era uma bobagem. Por que uma moça precisa estudar? Mas não proibiram, eram liberais. A escola de segundo grau ficava no Jardim São Gabriel, pouco mais de um quilômetro dali. Um bairro próspero, onde ficava o ponto final do ônibus, a padaria, o supermercado e um comércio razoável.

A região era tranquila e não havia problema para uma moça andar sozinha à noite. Mesmo porque, certamente, haveria colegas que moravam no Trindade e estudavam naquela escola.

Nessa ocasião surgiu a Sociedade Amigos do Jardim Trindade, fundada por seu Elpídio, o mais antigo morador da vila, que possuía uma casa de materiais para construções no São Gabriel. Com outros proeminentes moradores do bairro, formou a Diretoria, a Prefeitura doou um terreno e, com a adesão da população, ergueram a sede, e a coisa começou a funcionar, com jogos, bailes e reuniões para discutir problemas do bairro. Quase toda a população aderiu, principalmente os jovens.

Uma das grandes conquistas foi a construção de uma quadra de esportes e a montagem de um time de futebol de salão. A maioria dos atletas era dos bairros vizinhos, mas até aí tudo bem. A crise começou a acontecer quando alguns desses atletas, com o apoio do diretor de Esportes, seu Thomaz, resolveram formar um time de futebol de campo. Afinal, a vila já tinha seu time para representá-la. Mas o time foi formado, e muitos sócios de carteirinha se desligaram da Sab. Começou então a rivalidade entre o Trindade e a Sociedade.

Os trindadenses saíram da informalidade, formaram uma diretoria, formularam um estatuto, filiaram-se à liga de futebol do município, essas coisas todas. O primeiro presidente foi seu Euclides, uma pessoa culta, de vida equilibrada, respeitado por todos, e pai de dois dos mais destacados atletas da equipe.

Edna logo fez amizade no colégio, e vinha para casa acompanhada por uma turminha, moradora das redondezas. Um dos colegas era Tiago, que morava também no Trindade, mas bem antes da rua Treze. Por cavalheirismo, sempre a acompanhava até o portão da sua casa, e depois voltava. A família começou a vislumbrar um futuro namoro. Como era natural, começou a pesquisar a vida do rapaz. Logo constatou tratar-se de um bom moço, de boa família, trabalhador e estudioso.

Mas Tiago tinha um defeito gravíssimo. Era frequentador da Sociedade Amigos. Não jogava futebol de salão ou de campo. Gostava de jogos de xadrez, dama e dominó. O simples fato de frequentar a Sociedade fez com que Eduardo e Frederico se antipatizassem com ele. Passaram a zombar da irmã, embora ainda eles não houvessem se decidido a namorar.

-Ei, maninha, você tem coragem de namorar esse carinha da Sociedade? - perguntavam. Ela ouvia e nada respondia.

A Prefeitura da cidade, através da Secretaria de Esportes resolveu instituir um torneio interbairros de futebol de campo. Cada bairro deveria concorrer apenas com uma equipe. Onde houvesse mais de um time, eles deveriam disputar entre si, preliminarmente, numa partida única. No bairro a tensão entre os dois rivais aumentou. Os dirigentes da Sociedade e do Trindade até que se entenderam. Elpídio e Thomaz conversaram com seu Euclides e os três concordaram que o importante era o bairro mostrar sua força, ganhasse quem ganhasse. A disputa deveria ser amigável. Os atletas e torcedores, principalmente do Trindade, porém, não aceitaram. As picuinhas, piadas de mau gosto, as agressões verbais se acirravam dia a dia.

Finalmente chegou o dia do grande jogo, que foi realizado no Estádio Municipal. A equipe da Sociedade, que tinha uma quadra para treinar, um técnico formado em Educação Física, naturalmente tinha melhor qualidade técnica. Mas a partida foi equilibrada. Seu Thomaz e o técnico exortaram seus atletas a não humilhar o adversário. Deveriam ganhar pelo score mínimo, não golear. Seu Euclides aconselhou seus rapazes,

principalmente seus filhos, a jogar com cavalheirismo e espírito esportivo para mostrar seu valor. Mas as palavras entraram por um ouvido e saíram pelo outro na cabecinha da molecadinha.

A partida transcorreu tensa e sem gols, pois ambas as equipes se precaviam. Jogo sem graça. Só no finalzinho do primeiro tempo... "goooool! Um a zero para a equipe da Sociedade...!"

A torcida sociadense, formada majoritariamente por moradores dos bairros vizinhos, vibrou e se manifestou ruidosamente. Os jogadores, advertidos pelo técnico, refrearam seu entusiasmo. Os trindadenses não continham a dor e a raiva. Mas juraram que no segundo tempo os atletas do bairro desforrariam. De fato, aos quinze minutos da etapa complementar aconteceu o gol de empate. Mais quinze minutos, outro tento a favor da Sociedade, e logo depois o Trindade volta a empatar. Dois a dois. Se o jogo terminasse empatado a disputa seria por pênaltis. Mas quando faltavam poucos segundos para o apito final, um heróico petardo de Frederico empurra a bola em direção ao gol, mas antes que a redonda batesse na rede, o juiz apitou o final da partida. Gol anulado.

Ninguém mais respeitou ninguém. Da torcida trindadense só se ouviam palavrões, vaias, num incontido gesto de guerra. Frederico, normalmente um rapaz bem educado, xingou seu Elpídio de filho da puta, esquecendo que se tratava de seu padrinho. Na disputa por pênaltis, jogando tudo o que sabia, a Sociedade sagrou-se vencedora, fazendo dois gols. É fácil imaginar a ira da torcida e dos atletas do Trindade.

Nessas alturas, o namoro de Edna e Tiago estava firme, e o rapaz foi pedi-la a seus pais. Apareceu trajando uma calça preta e uma camisa vermelha, sem se dar conta que essa era a cor da Sociedade. Entrou, cumprimentou a todos. Feitas as apresentações, o pai fez as exigências de praxe. Podiam ficar noivos desde que o noivado não se prolongasse demais, que ele continuasse no emprego, e que logo se consumasse o casamento. De repente, Frederico e Eduardo entraram na sala:

-Ô cara, você pode namorar a nossa irmã, mas não use mais essa roupa.

Essa merda é a cor da sua Sociedade.

Tiago riu, sem graça e pediu desculpa, prometendo seguir essa recomendação. Mas Eduardo aproveitou a deixa:

-Outra coisa, você tem que deixar de participar da Sociedade.

O moço sorriu sem saber o que dizer. Seu Euclides entrevistou, fez ver que os filhos estavam falando bobagem, mas o noivo concordou. Pelo amor de Edna, nada custava fazer o que eles exigiam.

Os irmãos, porém, não confiaram e começaram a vigiá-lo. Constataram que ele continuava a frequentar o salão comunitário. Cobraram o cumprimento da promessa e ele explicou que estava participando de um torneio de xadrez e estava entre os finalistas, e ao final, sairia da Sociedade.

-Se você quer continuar namorando a Edna, trate de perder logo e ser desclassificado - disse Frederico, autoritário.

Ele sorriu e nada disse, mas não perdeu jogo nenhum, e tornou-se campeão. Nas não teve coragem de mostrar o troféu na casa da namorada.

Como as provocações e picuinhas continuavam, seu Euclides ameaçou tirar os filhos do time. Tinha autoridade, como pai e como presidente. Eles ficaram com medo, pois o pai era um homem cordial, mas não brincava em serviço. Mas o ódio aumentou, principalmente quando a Sociedade sagrou-se campeã do Torneio Interbairros. Houve grande festa na vila e mais uma vez os dirigentes das duas agremiações tentaram confraternizar as equipes, em nome do bairro, mas os jogadores e torcedores não se conformaram. A crise foi se avolumando e radicalizando, e chegaram a destituir seu Euclides da presidência do time.

Todas as vezes que Tiago saía da casa da namorada, recebia ameaças nas ruas próximas. Uma noite chegou a ser agredido por um bando de rapazes.

Mais tarde eles confessaram ter feito aquilo a pedido de Frederico e Gustavo, muito amigos de todos. Crise na família,

os rapazes foram duramente castigados, o pai ficou muito triste e zangado.

Mas a rua toda era fanática pelo Trindade. Os vizinhos passaram a virar a cara para seu Euclides, e de vez em quando o muro de sua casa amanhecia pixado com palavras de calão. Mais de uma vez Tiago foi agredido.

A coisa chegou a tal ponto que seu Euclides se viu obrigado a pedir que ele desistisse de namorar Edna.

O noivado acabou, mas eles continuaram a se encontrar às escondidas. Seu Euclides, muito a contragosto, tirou a menina do colégio, transferindo para outra escola no centro da cidade, para acabar de uma vez com o namoro.

Sábado de manhã, seu Euclides e dona Helena foram à feira, Eduardo e Frederico foram dar suas bandas pelo bairro, como em todos os sábados.

Edna disse que preferia ficar em casa estudando. Quando o casal voltou, encontrou a filha pendurada na pereira onde ficava seu balanço. Já estava fria. Preso ao sutiã, havia um bilhete, escrito, com sua letra caprichada: "Morro porque não sei viver sem o Tiago." O bilhete foi reduzido em um papel com o timbre da Sociedade Amigos do Jardim Trindade.

## DANÇA DA NOITE

Matuto largou a enxada e para casa seguiu, rezou a Ave Maria e logo a noite caiu.

Curiango chamou a lua e a lua no céu sorriu.

Começou a grande festa que muita gente não vê, muita gente está dormindo, muita gente vê TV.

Se você não viu a festa, eu vou contar pra você.

A lua luou e fez a clareira.

Vagalume acendeu a lanterna traseira.

Estrelas brilharam a luz mensageira que no infinito mora.

Os sapos chiaram fazendo zoada, repetindo sempre a mesma piada, e a seriema só dava risada.

Ela ri a toda hora.

A coruja piou lá no mourão, que canto agourento, será assombração?

É apenas procura de alimentação que na madeira mora.

Lá vem o saci, moleque capeta, de uma perna só, fazendo pirueta.

Ele não é malvado, mas é espoleta, não apanha nem chora.

Lá vem o boitatá, é fogo no chão, é cobra nascida na escuridão.

Depois do dilúvio de lá do sertão, logo vai embora.

Eis que de repente, o galo cantou chamando o sol, e o sol já chegou.

Vamos trabalhar que a festa acabou, e acabou a história.

## AURA GOLD

### QUATRO HISTÓRIAS BREVES

#### *DICAS PARA APROVEITAR A TERCEIRA IDADE QUEM É VELHO HEIM?*

*Histórias de mulheres e homens na terceira idade que ainda amam, fazem sexo e se entusiasmam com as coisas do cotidiano, mas principalmente, não se entregam à nostalgia do passado e continuam lutando por melhor qualidade de vida com sua alegria, experiência e irreverência madura.*

#### ORAÇÃO:

*"Pai, de minha alma, faisca dessa Luz que És, entrego tudo que sou, pois EU SOU O QUE SOU, uma Contigo".*

#### AGRADECIMENTOS:

*A todos que, involuntariamente, sem saber, contribuíram para a inspiração desse texto. Vamos em frente, amigas e amigos, os caminhos sempre se cruzam em algum lugar desse universo.*

## FORÇA RENOVADORA

Sentimentos vagos de solidão

Procura incessante pela perfeição

Doença crônica do coração

A sofrer, chorar, pesar sem razão

Pensamentos soltos pelo ar vão

Procurar pousada e alimentação

No escuro espaço da sonora paixão

Que se esvai como o húmus no molhado chão

Pouco a pouco a planta se renova  
 Brota, cresce se faz presente  
 Na flora abundante do alagado  
 Como se nunca fora arrancada e morta

Destaca-se no meio do lodo e resplandece  
 Um perfume suave e penetrante emana  
 De suas pétalas antes destroçadas  
 Agora vivas, alegres e fortalecidas

O ciclo da vida continua ativo  
 Mostrando a pujança da harmonia  
 A natureza cria novamente a força  
 Que abastece os seres, os filhos da terra

Os textos aqui apresentados em formato de contos têm como personagem que os relata, Lucia. Ela é um protótipo dessa realidade irreverente que fala com os demais personagens usando um vocabulário chulo mais próximo do povo. Faz-se confidente de mulheres e homens que frequentam bailes de terceira idade que, ao confiar, relatam suas histórias de vida. Gostam dela.

Em meus roteiros anteriores, faço uso da linguagem correta, sem exageros linguísticos, mas procurando a perfeição que implica clareza do texto. Aqui o linguajar adquire uma expressão mais popular até mesmo popularesca, se existe essa distinção de termos. Entretanto, na mensagem subliminar pode-se observar a contínua preocupação com o núcleo central da ação em meus escritos que é: "O AMOR TUDO PODE, TUDO É E TUDO SERÁ. Fora do amor não há salvação.

## PAIXÃO RECOLHIDA

O homem era alto, moreno, um sorriso simpático e, lógico, estava acompanhado. Isso não o impedia de olhar pra todos os lados, e a mulher ali, encoxando ele, lambendo-lhe a boca, grudada, putz, que mulher feiona. Marli estava sentada na mesa atrás do casal e ele lançava-lhe olhares lúbricos (não adianta, tenho que jogar esse vocabulário, significa sacana). Marli, mulher bonita, na meia idade (o que é mesmo meio idade? 40,50 anos? Depende de quanto se vai viver, né?), olhava também e ria, ria. A mulher abraçou o homem e enquanto ele colocava a cabeça no ombro dela, olhava pra Marli e fazia sinais pra ela se dirigir ao bar, naturalmente pra conversarem, pra ele fazer aquela "proposta irrecusável". Ele se levantou ainda fazendo discreto gesto pra Marli segui-lo e a outra "Trouxa" nem "tchum" (tem gente que é besta mesmo). Marli levantou-se languidamente e foi seguindo o homem e ele "se achando", perto já do bar chegou Otávio, amigo nosso, e Marli segurou-o pelo braço chamando-o pra dançar e ele, claro, aceitou. O homem virou pra trás e viu Marli indo pra pista, ficou meio decepcionado e ela ria, ria. Marli é assim, dá corda e puxa em seguida. Não é uma mulher burra, que não percebe o que o sujeito quer. Então não se contém. Quando tem chance apronta uma "surpresinha" dessas.

Marli era uma mulher culta, já havia feito de tudo um pouco, agora só queria mesmo se divertir, dançar, namorar, viajar, enfim gozar o lado bom da vida. Sofrera, por essa decisão de ficar só, muitas decepções, mas sempre dava um jeito de dar a volta por cima. Conheceu Joaquim num baile. Ela frequentava vários clubes e em cada um arrumava um pretendente. Certa noite, viu Joaquim encostado no balcão do bar. Ele não bebia nem fumava. Era um sujeito tímido, muito novo pra ela, só trinta e dois anos, mas arriscou assim mesmo. Sorriu e foi correspondida. Ele a tirou pra dançar e ela foi. Abraçaram-se e logo começou a rolar uma química entre eles a ponto de trocarem beijos e afagos no salão. Nunca

tinha acontecido porque Marli era brincalhona, mas levava a sério essa questão de moral. Mas de repente ali estava aquele rapaz tão simpático, tão carinhoso e doce, perfumado suavemente e com uma boca incrivelmente agradável de dentes perfeitos. Ela não resistiu. Verdade era que estava muito carente, mas isso não justificava nada. Entre eles havia um clima de romance, de paixão. Daí em diante, foi só paixão. Ela contou pra sua melhor amiga, adivinha? Eu, Lucia. Aí emplaquei a seguinte poesia dedicada ao romance da amiga:

### AMOR DOCE AMOR

Amor que descansa o olhar  
No acalanto da inconsistência,  
Que deita nos braços do anoitecer  
E acorda com o beijo do alvorecer.

Amor que penetra as fibras d'alma  
Num encontro doce e inesquecível  
De lábios sedentos de apaixonamento  
De corações batendo descontroladamente.

Brisa suave de penetrante aroma,  
Fonte de eterna juventude,  
Fluxo de energia que assoma  
Ao despertar da libido em plenitude.

Amor, doce amor que de amor fenece,  
Que com o sol e o ar parece,  
Nasce e morre de vida breve,  
Mas enquanto dura é bom, é leve.

Fiquei um tanto preocupada com Marli e procurei adverti-la de um modo desprezioso. A outra não estava nem aí. Pela primeira vez teve um orgasmo, pela primeira vez pôde criar fantasias amorosas com seu amor, pela primeira vez alguém

fez sexo de verdade com ela e era isso que importava o resto que se f... Sabia que algum dia ia acabar pelas diferenças entre eles. Ela era uma intelectual, o moço mal sabia falar. Quando confidenciava comigo, ria e dizia: \_Pra que falar, quem precisa de palavras na hora H. O negócio é funcionar direitinho. É a química, a pele. E assim foi vivendo aquela paixão. Todos olhavam pro casal quando saíam juntos porque ficava muito evidente a diferença de idade, mas Joaquim nem ligava pro fato e Marli ficava até envaidecida, embora soubesse o que as pessoas pensavam - que ela estava sustentando o cara. Isso não a preocupava porque não era verdade e pronto. Que fossem todos se catar e pronto.

Já durava um ano, quando Joaquim começou a insistir pra morarem juntos. Marli nem gostava de imaginar essa situação. Não iria abrir mão de sua liberdade, de ficar só por opção, de fazer o que bem quisesse. Aí tentou explicar usando um vocabulário o mais acessível que podia pra convencer o rapaz. Mas nada, além de tudo era teimoso e a inteligência não alcançava a necessidade de Marli. Então o jeito foi esfriar o relacionamento, deixar de atender os telefonemas, escassear os encontros (que merda, era tudo tão bom porque precisava acontecer aquilo). Joaquim era meio pirrcento como criança, e aí foi ficando frio até que parou de procurar Marli. Ela sofreu bastante porque estava acostumada àqueles carinhos, àquele corpo e ficou pensando que ia ser difícil se entregar a outro por bastante tempo. Chorou muito e confiou como sempre sua amargura a mim que aproveitei pra escrever o seguinte poema também dedicado a Marli e ao seu frustrado amor:

## PONTO FINAL

P onto final  
 O nde tudo começou um dia  
 N os bailes da vida, nos olhares  
 T odos os caminhos cruzados  
 O nde a alegria reinou  
 F azendo amor com carinho  
 I ndo e vindo no balanço dos corpos  
 N a boca o beijo, no olhar, desejo  
 A gora tudo foi arrefecendo  
 L onge o eco do grito final PONTO FINAL

## DEPENDÊNCIA EMOCIONAL

Cássia tinha 62 anos, loira, alta, já havia feito plástica facial, lipoaspiração e outros acertinhos no corpo, o que a favorecia muito diante de outras da mesma idade. Não chegava a ser bonita, mas tinha porte, elegância. Quando ela entrava no salão, todos olhavam, principalmente, os homens. Alguns cretinões já começavam a salivar pensando na possível presa que ali estava para ser devorada. Ela sabia disso e dava aquele “olhar 43” (Paulo Ricardo) meio sensual, meio gélido, escolhendo quem lhe interessasse e advinha: só lhe interessavam “os garotos” (30 anos pra baixo). Uma boa parte, senão todos, estava ali com motivos bem definidos: “pegar” uma coroa bonita e com grana pra bancar seus gostos. Eles quase sempre são bonitos, bem vestidos e o mais chato, sabem dançar. Aprendem dança de salão com essa intenção clara de conseguir um patrocínio. Que bronca dessas tontas eu tenho. Elas sabem disso, mas acham que podem converter em um grande amor. Coitadas... Cássia já havia sofrido uma desilusão parecida. Um safado de 24 anos ludibriou-a por bastante tempo pensando que ela iria continuar pagando as contas dele. Mas ela também só queria sexo, emoção e como o moço

começou a se cansar de investir sem grandes lucros, ela percebeu e apesar de sofrer, deu fim ao relacionamento. Será que aprendera com a decepção? Que nada! Lá estava ela, pronta novamente pra se ferrar nas mãos de um bosta qualquer.

Cada um tem aquilo que merece. Merece porque é o que procura.

O rapaz (34 anos ainda é?) olhava fixamente pra Cássia desnudando-a, quase babando. Não era bonito, mas tinha porte e dava seus passinhos pelo salão. Ela sorriu pra ele prevendo mais um par para a dança e porque gostava de ser considerada “a gostosa”. Ele convidou-a e foram dançar. Atenção: quando o cara leva a mulher pro meio do salão, duas são as possibilidades: primeira, e isso é superchato, ele não sabe dançar. Segunda, aí mora o perigo, ele está mal intencionado, quer agarrar, se esfregar. É claro que ali se apresentava a segunda possibilidade. O rapaz começou grudando, beijando o pescoço de Cássia, lambendo os dedos dela. Pra não perder o par, ela sorria discretamente (que besta) e se afastava um pouco. Mas o cara avançava o sinal. De repente, ele se afastou um pouco perguntando: -Quer ir comigo pro motel? E ela: -Mas você nem me conhece (que cretino, filho da p...). -Sei que você é mulher e bonita. (E a idiota ali ainda alimentando uma maldita esperança no debiloide). Cássia só não tolerou a última palavra que ele disse “bonitona” que lembra: gorda ou velha, mas ainda assim relevou (o que não faz uma mulher tonta). Perguntou o nome do rapaz: -Marcos. -Quantos anos, Marcos? (como se isso lhe interessasse de verdade). 34. -Pode ser meu filho (Isso eu realmente não aguento, alguém tá interessado em saber-lhe a idade?). E o rapaz: -Nada a ver. Na cama eu te mostro quem sou (aí veio uma torrente de “ensinamentos” sexuais, posições, garantias etc.). Quando fiquei sabendo disso (Cássia contou-me) ri desbragadamente e disse: -Se eu fosse você, iria só pra conferir. Ai você me contava e eu faria uma linda poesia pornográfica. Eu tinha dessas “tiradas” debochadas. Bem, Cássia estremeceu só de pensar na possibilidade, sentiu tesão, mas imediatamente

pensou. Chegaria lá (no motel), tiraria a roupa, aí ele ia ver as marcas do corpo dela (diversas cirurgias). O que aconteceria? Se ele fosse tudo “aquilo” que propagava, iria despejar o seu precioso líquido nela (melado) e iria embora quem sabe até a humilharia um pouco. Ela nem pensou que o sujeito com aquela “brilhante inteligência” não iria enxergá-la, pois parecia louco pra ir pra cama com uma coroa que não iria lhe causar problemas e nem lhe traria consequências como doenças etc. (ignorância não é pra quem quer, é pra quem tem). Mais uma vez, uma decepção (ainda bem que nada se concretizou). Cássia estava se sentindo velha, o perigo era entrar em depressão. Xô, pensou, vou convidar a Alzira pra ir pros bailes comigo. As outras amigas estavam meio afastadas porque Cássia era aquele tipo de mulher meio perigosa, que os homens confundiam com prostituta e quem andasse com ela correria o risco de ser comparada (diga-me com quem andas, que eu te direi...). Como confidente que era das amigas, não conseguia resistir à tentação de escrever alguma coisa que identificasse o momento de cada uma delas, por isso fiz para Cássia o seguinte:

## BOCA

B oca linda e generosa  
 O rvalhada e úmida  
 C ariciosa e frenética  
 A mante e amada  
 M acia e possessiva  
 I ntima e orgástica  
 N otável e sorridente  
 H armônica e sedutora  
 A udaciosa e suave.  
 Boca minha, minha boca

Eis que o pior acontece. Marcelo (esse o nome do outro indivíduo que “achou” nos bailes), começou a ficar incomodado com a nova situação. É, porque o fato é que passaram a viver juntos. ADIVINHEM: no apartamento de Cássia, claro. Aí no princípio eram só beijos ardentes, confidências mil, promessas, comidinhas que aquela trouxa nem gostava muito de fazer, mas fazia pra agradar o cara e naturalmente a cama, o melhor de tudo. Mas Cássia é dessas mulheres voluptuosas (boazudas) e Marcelo, apesar de novo e bonitão, como todo homem, é inseguro. Começaram as brigas: pra que você tem de colocar essa roupa tão decotada, onde pensa que vai? Comigo não, de jeito nenhum. Tá bem amor (ai que raiva) vou colocar outra melhor ta? Não fica zangadinho com sua gata não, viu? Beijinhos em vários lugares e pronto. Só que as exigências aumentavam a cada dia e Cássia já não tinha como escapar porque seu jeito de ser fazia parte de sua personalidade. Até que Marcelo deu-lhe aquela bofetada na cara derrubando-a em cima do fogão. Quase houve um acidente grave porque ela estava fazendo uma sopinha pro cretino. Brigaram, ficaram de mal. Ele saiu dizendo que não voltava mais e ela, idiota, ficou chorando. Dois dias depois, ele voltou. Teria sido melhor se não tivesse voltado. Continuarem a se desentender até que um dia ele bateu em

Cássia pra valer. Machucou-a demais, hematomas pelo corpo e, pior, pelo rosto deformando sua fisionomia tão bela. Desta vez os vizinhos interferiram e ele se mandou. Cássia ficou só e para o cúmulo do absurdo tomou um latão de soda cáustica. Uma vizinha, preocupada com o que havia presenciado (a surra) bateu na porta e não sendo atendida girou a maçaneta encontrando a porta aberta e Cássia -um corpo estendido no chão -igual à música. Levaram-na pra um hospital, fizeram-lhe uma lavagem estomacal e após dois dias a encaminharam pra uma clínica psiquiátrica onde ainda se encontra em profunda depressão.

Fico bestificada ao constatar que uma mulher bonita, saudável, inteligente, independente, vira um caco na mão de um sujeito sem cultura nenhuma, animalesco e que se acha, porque tem um órgão genital privilegiado, que é por onde certamente se move o seu cérebro. Essa história não terminou, mas eu quero que ela se recupere e encontre um pouco de paz antes de reiniciar uma nova jornada em busca da felicidade, que para ela é encontrar o homem certo.

### OPORTUNIDADE PERDIDA

Gustavo, sem dúvida, era um homem bonito nos seus 67 anos de idade. Alto, 1.85m, cabelos grisalhos, magro e um sorriso aberto e simpático. Ali estava uma pessoa que em sua juventude poderia ser considerado o príncipe encantado de qualquer menina. Mas o seu olhar estava um tanto vago, meio apagado para quem tem olhos azuis, denotando uma camuflagem no restante de sua aparência. Ou seja, estava triste, mas parecia sempre alegre. Ia para os bailes, cada dia num clube diferente (assim não ficava muito patente sua insatisfação). Lá ficava numa mesa, tomando água mineral (o cara não bebia, não fumava e não comia, acho até que não "comia" ninguém). Raramente dançava com alguma mulher e quando isso acontecia a escolhida se sentia o máximo. Ele

não se grudava, ficava a uma certa distância convencional e dançava razoavelmente bem. E lá estava aquele olhar vago, distante como se fosse por obrigação que estivesse ali naquele ambiente.

Quase sempre Alfredo o acompanhava nessa jornada, porque como ele, era divorciado e estava só, por opção ou por não ter ainda encontrado quem lhe interessasse de verdade. Ficavam conversando, falando das mulheres. Aquela é bonita, mas tá na cara que é safadona, ela deve saber que é bonita e "se acha", falava Alfredo. Gustavo ria e falava menos. Os dois desiludidos não conseguiam ver nas mulheres o mesmo que acontecia com eles: todos estavam tentando reformular suas vidas, encontrar um motivo para continuar na jornada, encontrar uma companhia agradável que não lhes trouxesse complicações. Era difícil? Na verdade as pessoas é quem complicam as coisas. Era difícil, mas não impossível (olhos de ver e ouvidos de escutar...). Mas quem disse que os homens (e algumas mulheres) têm essa percepção? Eu sempre dizia que alguém tem que dar o primeiro passo e adivinha quem faz isso? A cretina da mulher, sempre.

Gustavo era um empresário bem sucedido e apesar de não necessitar mais trabalhar, o fazia por opção, por gostar de ser produtivo. Suas empresas iam muito bem, ele era administrador de empresa, falava três línguas, era culto e levemente místico. Ninguém sabia dessas suas qualidades aliadas a uma honestidade e a uma educação invejável. Alfredo às vezes começava a delinear seu perfil para alguma mulher que ele notava estar interessada no amigo, mas Gustavo o interrompia com um chiste, uma brincadeira, parando por ali a descrição. Ele não gostava dessa invasão, até porque entendia que se alguém se interessasse por ele e vice-versa teria que ser pela personalidade, por aquilo que estaria acontecendo no cotidiano. Então "cortava" as investidas do amigo assim que começava com a lenga-lenga de sempre. Alfredo ficava meio irritado e dizia: -Rapaz, gente na nossa idade precisa ter outros predicados e oferecer alguma coisa, senão a mulher

dá no pé. Que mal tem em pagar algo pra elas, mostrar que tem “cacife”. -Você é meio bestão né? , Gustavo ria e falava faça isso pra você mesmo então. Eu não pedi nada. Vou com calma, quem sabe chega o momento? Alfredo: -E se não chegar, hein? Não vale a pena dar uma mãozinha ao destino? Quer continuar saindo comigo, sendo meu amigo? Então pare com isso tá? Falava assim sorrindo, sem raiva e até com um tom de ironia. Alfredo se acomodava temporariamente (não era de sua natureza ficar quieto, aceitar) e ele ia pra batalha “caçar mulher”.

Gustavo convidou-me pra dançar. Engraçado, ainda não o tinha visto pelos bailes da vida. Aceitei e começamos a conversar.

-Seu nome?

-Lúcia. E o seu (Pensou o cretinão que eu ia deixar por menos? Suspirar por seus belos olhos? Piscar demoradamente olhando-o profundamente? Aqui ó...)

-Gustavo.

-Nome de príncipe, né? (Ai que besteira. Ele ia começar a pensar que tô interessada. E não estou mesmo?)

-Ah (ele sorriu levemente) estou lendo um livro superinteressante sobre dieta de frutas.

-Judy Mazel, a dieta do abacaxi? Conheço. (Qual a desse cara, hein?)

-Não, é de um americano, não me lembro o nome, mas estou seguindo os ensinamentos porque precisava aliviar uma sinusite que não me abandonava há muito tempo. Estou me dando bem.

-Sim! (Será que ele tava me achando gorda e queria sugerir algo como coma mais frutas?).

-E você gosta de literatura? O que gosta de ler?

-Bem, eu até sou obrigada a gostar e leio muito todo tipo de livro porque eu também escrevo, né! (Será que o cara quer saber se sou burra?)

-É mesmo? (interesse profundo) Que tipo de literatura é a sua?

Eu quis afrontá-lo dizendo que minha literatura era

pornográfica, cheia de palavras, poesias eróticas e coisa e tal, mas um sensor interno me avisou que não devia ir com tanta sede ao pote, então respondi candidamente:

-Romances, um contexto um tanto espiritualista, alguns poemas etc. Você gosta desse gênero?

-Claro, muito. Já li Castanheda, gostei bastante.

-Sei. (Vai ver que foi “A Erva do Diabo”, livro adorado pelos adolescentes da era 60). Depois eu lhei passo alguns autores nessa linha, se você quiser, tá? (Sem ser intelectual, o Gustavo parecia mesmo um sujeito que lia e sabia escolher assuntos interessantes. Acho que tô pirando...).

-Claro! Já ouviu falar naquele pessoal que se alimenta de ar, água e nada mais, há bastante tempo?

-Já. Mas acho perigoso porque não devemos ser radicais. Afinal vivemos num planeta que exige uma sustentação para o nosso corpo físico. No entanto, acho que eles devem ser uma espécie de ETs, ou descendentes deles, ou protegidos de alguma forma para nos demonstrar que “nem só de pão vive o homem”, como disse o Mestre. (Olha eu de novo com essa minha mania meio intelectual de ser quando sou provocada a falar de alguns assuntos. Que chato, que bosta, quero me divertir e tô aqui falando de seres espaciais).

Gustavo olhou-me de forma diferente, tenho certeza, mas será que isso me agrada? Ele é meio esquisito, parece que quer descobrir algo mais no interior da gente. Algo como “Nem só de sexo vive o homem”. Preciso rir disso. Ainda falei algumas coisas tipo: comer frutas em excesso pode desenvolver o lado “yin” (mais feminino) deixando a desejar o lado “yang” (mais masculino). Ele sorriu como se eu tivesse dado uma alfinetada. Será que o cara era meio broxa? Bem, não sei também o porquê dessa minha paranoia, afinal de contas, nós não tínhamos saído dessas conversinhas fiadas. Ele não tinha dado nem um aperto a mais na minha mão, não tinha se encostado um pouco enquanto dançava, não tinha soprado na minha orelha (tenho ódio disso, ainda bem que ele não o fez), nem tinha dado um puxãozinho no meu cabelo, muito menos abaixado as mãos

até minha bunda. Aliás, nem consegui medir o “tamanho” de seu interesse sexual por mim. Portanto, nada conduzia o pensamento para um interesse maior. Deixa pra lá, pensei. Quando o cara gosta, investe. Ele era meio inodoro. Quando terminou o baile, imaginei que Gustavo fosse me solicitar o número do telefone, mas ele não fez isso, então dei o caso por encerrado temporariamente até que algo pudesse acontecer em outra ocasião. Eu não era mulher de correr atrás de homem, de ficar dando dicas pra ver se ele se interessa. Acha que o “que é do homem, o bicho não come”, mas bem que ele podia ter dado uma pista, né? Encontrei Gustavo em outra ocasião, num outro baile. Ele gentilmente beijou-me na face, apresentou um amigo que o acompanhava (bonitão como ele), mas ficou nisso. Nem me chamou pra dançar. Quer saber de uma coisa seu besta, vai se f... Tá pensando que vou ficar aqui babando, ou que vou ser atiradinha e tomar a iniciativa de pedir seu telefone ou tirar você pra dançar? Aqui ó... Que azar, porque em outra ocasião ficou claro que alguém mais “atiradinha” conseguira o intento. Mais nova, caras e bocas de mocinha que não sabe de nada, sorriso aberto, olhos brilhantes, lá estavam um nos braços do outro dançando um bolero. A moça loira e Gustavo. Eu já devia saber disso – quem corre mais, chega na frente. Ponto. To sem inspiração pra fazer poesia pra mim mesma. Essa história não pede...

### UM PAR PERFEITO

Alto, grisalho, aproximadamente 65 anos, sorriso aberto e bonito. Assim era o Dr. Fábio, advogado de renome com belíssimo escritório no centro da cidade. Trabalhava muito por ser requisitado em sua profissão por inúmeras pessoas que conheciam sua fama de não perder nenhuma causa. Discreto, através da lente de seus óculos examinava em detalhes os processos que lhe chegavam às mãos trazidos por sua eficiente secretária Gina. Ela, uma linda mulata, corpo

escultural, disfarçado pelo uso de um *tailleur* azul-marinho, camisa branca de gola alta e um lenço branco de bolinhas azuis no pescoço. Suas mãos eram ágeis e muito bem cuidadas. Era dona de uma invejável cabeleira negra, presa por uma presilha em coque atrás do pescoço esguio. Trabalhavam juntos há quase dez anos. Dr. Fábio era casado há mais de vinte e cinco anos e tinha com a esposa um casal de filhos. A filha era casada com um médico e tinha dois filhos adolescentes que eram o xodó dos avós. O filho era estagiário de advocacia. Estava cursando o último ano de Direito. Ia ser advogado como o pai. Era uma família bem constituída e feliz. Dr. Fábio sempre fora correto com todos e cumpria seus deveres de pai, esposo e avô com bastante empenho.

Gina era casada com Antonio, comerciante, bem mais velho que a esposa. Tinham três filhos. O mais velho tinha 14 anos, a segunda 12 anos e a caçula 9. A família vivia na periferia de São Paulo, tinham casa própria, carro e uma vida estruturada. O único inconveniente era que Antonio gostava de beber umas cervejas a mais o que o tornava um tanto desagradável quando exagerava na dose. Gina, uma mulher inteligente e saudável, não se apertava. Vivia sempre sorrindo, cuidava muito bem dos afazeres domésticos, embora tivesse pouco tempo pra isso e dispensava atenção aos filhos ouvindo-lhes as necessidades e ajudando-os nas tarefas escolares. No serviço era indispensável ao chefe porque lhe facilitava sobremaneira o andamento dos processos. Trabalhavam juntos há mais de dez anos, conheciam as respectivas famílias embora não se frequentassem como amigos, o que só acontecia em ocasiões gerais em que o serviço pedia que assim fosse. Era praticamente uma vida juntos no mesmo escritório, vendo-se diariamente e partilhando todos os momentos de dificuldades que o trabalho lhes proporcionava. Havia também aquele momento de alegria por uma causa ganha a duras penas.

O baile estava muito animado naquela segunda-feira (imagine, começava às 14 horas e terminava às 20h). Baile de terceira idade. O clube era grande, bonito e bem decorado. A

orquestra era uma das melhores e os músicos e cantores se revezavam no repertório que ia desde os tradicionais boleros passando pelo tango, cha-cha-cha, bossa-nova, pop e forró, sem esquecer o sambão. Muito bom. Eu, como sempre, estava lá com minha alegria e meu "olhômetro". Meu interesse consistia em apreender todas as nuances do ambiente e das pessoas para compor alguns de meus poemas. De repente, entra o casal. Não fosse pelas suas características físicas, eles poderiam passar despercebidos porque mesmo quem os conhecesse (e ali eram conhecidos de quase todos), não conseguiriam distinguir neles o Dr. Fábio e sua eficiente secretária Gina. Ele, de calça jeans sapatênis. Ela de vestido esvoaçante, decotadíssimo, cabelo solto e boca vermelha aberta num sorriso. Chegaram já dançando, abraçando quase todo mundo por onde passavam e riam e riam e brincavam. Dançavam muito bem, gingavam em movimentos semelhantes e criavam passos novos. Gina gargalhava, colocava o lenço do vestido cobrindo o rosto como as mulçumanas, dançava como cigana e Fábio se enroscava nela, no corpo, no olhar, no riso. Um maravilhoso casal, cheio de vida, de alegria, de paixão. Muito poucas pessoas dali conheciam suas vidas. Mas Fernando, que sabia de tudo, me contava a história.

Que porcaria, a gente queria fazer tudo com o nosso marido ou nossa mulher, mas eles não estão na nossa sintonia. Por que precisa ser assim, hein? O marido da vizinha é sempre melhor que o meu, hein? É, parece que isso funciona assim. O tempo vai esgotando nossas ilusões. Aquela menina tão bonita, aquele rapaz tão encantador. Cadê eles, morreram? Não, se transformaram num "bagulho". A mulher engordou trezentos quilos, porque só come, vê tv, dorme, só ouve o que os filhos pedem, cozinha, cozinha, come, come... O homem só trabalha e bebe e dorme quando chega em casa e reclama de tudo e não faz nada porque já trabalha muito lá fora e quando a mulher pede pra saírem diz que não dá porque tá muito cansado, que ela é muito exigente, que a grana tá curta. Vai dormir, vira pro outro lado da cama e ronca, ronca e sonha

com a outra que viu passar fresquinha, magra, perfumada e sonha e ronca...E sexo? Nada...

Que maravilha que isso não aconteceu com Fábio e Gina porque eles saíram fora do padrão tradicional. Ele continuou o marido presente e discreto, atencioso e satisfeito. Ela continuou a esposa dedicada, alegre, bonita e cumpridora de seus deveres conjugais. Por quê? Porque deram outro sentido às suas vidas, não se deixaram morrer aos poucos, não se prenderam à falsa moral que os proibia de se distrair, de se conhecerem e conhecerem outras pessoas. Não se prenderam a esse egoísmo que não permite ao outro olhar para o lado, ver novos caminhos, novas possibilidades. Trabalhavam juntos há tanto tempo que começaram a entender perfeitamente seus hábitos, confidenciar sobre suas relações familiares e um dia resolveram sair mais cedo do trabalho e esticar até um salão de danças, já que ambos adoravam dançar e seus parceiros não gostavam e não sabiam fazê-lo. Tinham muitas coisas em comum: a alegria, a descontração, uma coisa de pele (ele muito branco, ela mulata e uma puta de uma química que até doía nos ossos). Bebiam discretamente, não fumavam e brincavam o tempo todo que estavam juntos. Daí, além da amizade surgiram também o romance, o tesão. Leve, sutil aos olhos alheios, mas incendiário quando a sós. Fizeram disso uma constante, uma vez por semana, é claro, sem o conhecimento de seus respectivos pares. Não se cobravam de nada e no trabalho eram o doutor e sua secretária, pronto. Quanto tempo duraria? Que importa, hein? Que é que a gente tem com isso! O importante era a felicidade que emanavam quando juntos. Quando iam embora, ele a deixava no metrô (ela já havia trocado a roupa pelo uniforme. O vestido, ela deixava no escritório). Todos já sabiam que na segunda-feira era o dia de colocar em ordem todo o serviço da semana e então a hora extra era necessária. Portanto, o Dr. Fábio não tinha hora pra chegar em casa e Dona Gina, como serviçal eficiente, também não. Ninguém desconfiava. Na maioria das vezes saíam mais cedo do salão pra dar uma passadinha no motel e se entregar

aquela grande paixão avassaladora. Com Gina, Fábio fazia de tudo em matéria de sexo. E ela adorava e correspondia. Pareciam dois adolescentes fugindo dos pais pra se entregar ao amor. Ela dançava nua pra Fábio. Ele beijava todo seu corpo. Usavam fantasias, fetiches e riam e brincavam. Nesses momentos, de tudo se esqueciam e só se lembravam do furor de seus corpos sedentos de apaixonamento. É bom enquanto durar. Preciso escrever algo pra esses dois malucos (fiquei conhecendo melhor o casal essa noite no clube e adorei). Lá vai, não sei se vai expressar a paixão, mas...

### COISAS

Coisas que antes nunca sentira  
 Coisas que viram a cabeça e o coração  
 Bocas que se encontram em beijos ardentes  
 Corpos que se entregam em mares de frenesi

Coisas incontáveis que aconteceram entre dois  
 Vidas entrelaçadas por alguns momentos  
 O tempo passou para aquela mulher  
 E ela não conhecera a delícia das coisas

Mas alguém chegou pleno de força e desejo  
 E mostrou a ela o prazer de todas as coisas  
 Olhos nos olhos, boca na boca  
 Braços em abraços, pernas entrelaçadas

Amor, paixão, desejo, prazer, riso, suspiros  
 Coisas boas, coisas belas, coisas alegres  
 Coisas que antes a mulher nunca sentira  
 E agora? Agora é só saborear essas coisas.

E A VIDA CONTINUA...

Aquele sim era um homem de verdade. Nos seus setenta anos expandia alegria e vitalidade dançando, rodopiando pelos salões com seus pares, normalmente mulheres lindas e mais jovens. Era um professor de dança de salão. Gostava de se exhibir um pouco já que os demais não tinham a mesma habilidade nos passos e nem faziam os rodopios como ele. Naquele dia, chegou mais cedo e foi beijando todo mundo. Era de sua personalidade ser amável e simpático com as pessoas, mesmo não as conhecendo, o que lhe angariava de imediato a simpatia das mesmas. Eu já fui jogando um monte de palavrões na orelha dele fazendo-o rir abertamente. Seu p...tá fazendo direitinho ainda ou da semana passada pra cá já broxou, hein? Quem é aquela gata com você? Será que ela é melhor de cama do que eu? Faz "tudinho" como manda o figurino ou é só estampa, seu bostinha? E Conrado ria, se divertia à minha custa.

Conrado fora mesmo um garanhão há tempos atrás, pegava todas as mulheres que lhe davam bola. De vez em quando alguma não caía na sua lábia, mas ele era perseverante e insistia e insistia até que conseguia pelo menos um beijo. Aí dizia coisas incríveis que as mulheres gostam de ouvir. Você é sublime como uma estrela, voluptuosa como um bolo de chocolate, dá vontade de experimentar suas delícias, querida. Aí a "safada" enrustida em todas nós se arrepiava e acabava caindo na cantada dele. Jornalista de profissão não era difícil usar dos artifícios das palavras e pra dizer a verdade a maioria dessas mulheres que vão aos bailes, estão procurando uma tábua de salvação pra seus relacionamentos falidos. Poucas são aquelas que escolhem, poucas são as de inteligência brilhante (essas procuram cursos, igrejas, viagens, bares granfinos) vestem-se como menininhas, cultivam uma silhueta fina (às vezes até finas demais), fazem plásticas e mais plásticas na esperança de encontrar seu par definitivo. Que horror, porque os homens continuam os mesmos, não fazem plástica, envelhecem naturalmente, não se preocupam com a aparência e sim com o "pinto". Esse é o seu ponto forte, se não funciona começam a oferecer mil e uma coisas diferentes na cama e

recheiam as mulheres de presentinhos pra suprir essa “pequena deficiência”. Uma coisa que costumam alardear é: “Quem tem língua não precisa de p...”. Concordam, meninas?

-Con, assim se chamava assim o amigo querido. - Como anda você? Tô te achando meio esquisito ultimamente.

-Lulu, esse o apelido carinhoso que usa. - Preciso lhe confidenciar uma coisa, tá?

-Já sei, você não dá mais no coro. E daí? Usa outra coisa, amigão. As mulheres querem mesmo é companhia. Ah, vou te segredar: sabe que elas também não dão no couro, mas que isso não as constrange porque ninguém sabe quando uma mulher goza ou não. Pelo menos esse privilégio nós temos, né?

-Não, nada disso. Se fosse eu nem ligava porque mais hoje mais amanhã vai acontecer mesmo. É muito mais grave.

-Mais grave do que isso pra homem? Duvido, o que é então? Fala.

-É, mas prometa que não conta pra ninguém porque essa sua língua escancarada é perigosa viu Lulu.

-Ah vai, você bem que gosta, né? Mas tudo bem! Cruzei os dedos, que coisa idiota pra fazer o pacto.

-Fui ao médico porque estava sentindo muita dor de cabeça e na tomografia foi constatado um tumor... maligno... Tenho pouco tempo de vida, conforme afirmou o médico, minha amiga.

-Não acredito. Você aí saracoteando, botando pra fora essa sua alegria de viver. Que merda, hein? Já procurou outros recursos, já?

-Já. O meu próprio recurso que é: vou aproveitar até o último momento, vou dançar, brincar, rir e ninguém (a não ser você) vai ficar sabendo da verdade pra não pintar a tal compaixão. Isso eu não tolero.

-Quando ficou sabendo?

-Há dois meses. É inoperável pela região em que se encontra. Daí em diante eu não falto mais a nenhum baile. Quando você me vir despencar no salão já sabe, né?

-Menino, não há quem diga, você com essa vitalidade toda, esbanjando saúde. Tá doido, essa vida é mesmo uma

loucura. Tem gente que vegeta, inexpressiva e que tá aí insistindo em ocupar espaço. Agora, você vai fazer falta. E sua família? (tem ex-mulher e dois filhos casados).

-Não sabem e nem vão saber. Só quando eu bater as botas. Aí vão ter que arcar com as despesas. Sabe, é caro pra burro, morrer. Já andei vendo, mas resolvi entregar a missão pra eles. Afinal, fiz o que pude pra todos, nunca deixei faltar nada, então é a hora e vez deles, não acha?

-Claro, vai reservando um lugarzinho pra nós lá, hein, porque a coisa aqui não é nada fácil. A gente é que faz parecer, porque coisa chata é ficar falando em doença, se queixando, enchendo o saco dos outros, entristecendo a moçada. Não dá, né!

-É, Lulu. A vida continua. Vamos dançar? Faz tempo que não tiro você e eu gosto muito desse seu corpito retheadinho, bom de pegar. Vamos, vamos logo antes que eu caia aqui (e riu alto e em bom tom).

-Ei, calma aí, safadão. Tá me chamando de gorda? Olha que lhe dou um “taco”, hein?( Só rindo desse cara doidão).

Bom sujeito, o Conrado. Não entrega os pontos, não quer compaixão de ninguém e continua dando uma lição de vida e bom-humor nas pessoas com esse jeito alegre e irreverente de ser. Não duvido nada se ele conseguir vencer essa doença horrível com sua força interior. Estrela ele já é, do salão de danças. Aí vai meu amigão um poema pra você, tá?

## MENSAGEM PARA UM AMOR

Quando eu morrer, levarei em minha boca  
 O gosto doce e o frescor da tua boca amada.  
 Enquanto eu viver terei em meu corpo  
 O sabor do teu contato amado.

Quando longe estiveres, sentirei teu perfume  
 E me embriagarei dos momentos que juntos vivemos  
 Amor que se vai deixando saudades e dor no coração  
 De um tempo em que entrelaçados, sentimos a mesma paixão.

Um dia desses nos veremos como amigos  
 Esquecendo-nos que o amor nos envolveu  
 Das lembranças que o destino devolveu  
 Para no limbo ficarmos sem esperança.

Quando eu deixar esse planeta e de mim te lembrares  
 Sabe que te amei como mãe, mulher, criança e filha  
 Sem nada em troca esperar de ti, um jovem  
 Que ainda muito tem a aprender, a viver, a ensinar

Contigo coisas aprendi que eu não sabia  
 Que me alegraram, me entusiasmaram e eu ria  
 Sabendo que nossos passos se distanciariam um dia,  
 Que nosso breve amor teria fim, morreria.

Adeus amor, espero encontrar-te qualquer hora  
 E olhar nos teus olhos meigos o brilho da emoção  
 Que nunca deixará de existir em ti, em teu coração  
 Vai, caminha, encontra tua paz. Eu fico. Vá embora.

## BISMAEL BATISTA DE MORAES

CASTRO ALVES NA ESCOLA DE DIREITO:  
 RECIFE E SÃO PAULO(\*)

## INTRODUÇÃO

A poesia sempre me envolveu emocionalmente, porque “os poetas são seres que põem as pessoas acima das coisas e que, embora enfrentando mil senões da vida, cultivam a verdade, procuram entender o mundo e, sem outras exigências, acreditam no amor como instrumento permanente da felicidade”. Por isso, até ousei escrever sobre essa pessoa iluminada: “Eu admiro o poeta, o mais humano vivente. Eu queria ser poeta, que sente o que a gente sente. É um ser maravilhoso, que consegue ver sem luz... *Entre o grave e o jocoso, sofre e ama qual Jesus. Não é feita de cifrão a verdade do poeta, porque leva à divisão. Não fere por vil prazer. Em síntese, é o poeta o ser que eu queria ser!*” E AGORA VEM A MIM, COMO MODESTO MEMBRO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS, A INCUMBÊNCIA DE FALAR UM POUCO SOBRE O BRILHANTE POETA DOS ESCRAVOS, O CONDOREIRO LIBERTÁRIO CASTRO ALVES, Patrono da Cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras!

## ORIGEM DE CASTRO ALVES

Nasceu aos 14 de março de 1847, às 10 horas do Dia de Santa Matilde (domingo), na Fazenda das Cabaceiras, freguesia de Muritiba, a sete léguas da Vila Nossa Senhora da Conceição de “Currálinho” (hoje, Município de Castro Alves, por lei de 25 de junho de 1910), no Estado da Bahia. Filho do Dr. Antonio José Alves, médico, e de D. Clélia Brasília da Silva Castro. Foi batizado, no dia 9 de julho de 1847, com o nome de ANTONIO FREDERICO DE CASTRO ALVES, pelo Padre João do Monte Olivete Pina, pedagogo, do Convento do Carmo. Seu avô foi o abastado fazendeiro José Antonio da Silva Castro,

(\*) Palestra, do dia 07-3-2010, às 20 horas, na “II Semana ‘Castro Alves’ de Literatura e Artes”, realizada entre 7 e 14 de março de 2010, na Casa dos Cordéis, no bairro de Gopouva, em Guarulhos.

major dos "Periquitos" (apelido do batalhão que organizou e que tinha uniforme de cor verde) e que, por isso, foi chamado pelo escritor Pedro Calmon (no livro "A Vida de Castro Alves", da José Olympio Editora, Rio, 1956) de "Avô Periquitão".

Castro Alves teve, além dele, três irmãos - José Antonio de Castro Alves, nascido em 3 de fevereiro de 1846 (o mais velho), João de Castro Alves, de 12 de dezembro de 1850, e Guilherme de Castro Alves, de 13 de fevereiro de 1852, e três irmãs - Elisa de Castro Alves, nascida em 26 de fevereiro de 1853, Adelaide de Castro Alves, de 22 de março de 1854, e Amélia de Castro Alves, de 7 de maio de 1855. A todos, em sua curta vida, ele dedicou poesias.

#### SUA IDA PARA O RECIFE

No ano de 1858, morreu sua mãe, D. Clélia Brasília de Castro Alves. E, três anos depois, o seu pai, Dr Antonio José Alves, casou-se, no dia 24 de janeiro de 1862, com Sra. Maria Ramos Guimarães, também viúva. Um dia após o casamento do pai, no dia 25 de janeiro, Castro Alves e seu irmão mais velho, José Antonio, viajam no vapor Oiapoque para o Recife, o poeta com menos de 15 anos, e seu mano com 16. Publica, no "Jornal do Recife", no mês de junho de 1862, sua poesia "Destruição de Jerusalém". Em março de 1863, após fazer 15 anos, Castro Alves se submete à prova para matrícula no Curso Preparatório da Faculdade de Direito do Recife, mas é reprovado por duas vezes. Longe da vigilância do pai, os irmãos Castro estavam no Recife. Aí, indo assistir a um espetáculo no Teatro Santa Isabel, Castro Alves foi apresentado à atriz portuguesa Eugênia Câmara. Apaixonou-se por ela, mais velha do que ele, e ela por ele. Escreveu seus primeiros versos abolicionistas - "A Canção do Africano", escrevendo, também, a poesia "Meu Segredo", em homenagem à atriz. Em razão da vida de algum modo desregrada, longe do pai, foi atacado pela tuberculose, sofrendo sua primeira hemoptise (expelindo sangue pela boca).

O irmão mais velho, José Antonio, passou a apresentar distúrbios mentais, desde a morte da mãe, cerca de três anos. E, em 1864, o irmão doente retornou a Curalinho e suicidou-se. E Castro Alves, que, com o pai, voltara ao interior da Bahia acompanhando o irmão, após a morte deste e matriculado no 1º ano de Direito na Faculdade de Direito do Recife, embora tendo perdido muitas aulas e exames, retorna à Capital pernambucana, em companhia do poeta Luis Nicolau Fagundes Varela, em 18 de março de 1865. Embora indo mal na Faculdade, mas fazendo sucesso com suas poesias, continuou seu romance com a atriz Eugênia Câmara. Em dezembro de 1865, voltou à Bahia, ficando em Salvador. Com a morte de seu pai, em 23 de janeiro de 1866, retornou a Recife, matriculando-se no 2º ano de Direito, momento em que, com outros amigos - dentre os quais Ruy Barbosa - fundou uma sociedade abolicionista, e entrou em polêmica com Tobias Barreto. Continua com seus recitais de poesia, cresce sua fama, e torna-se, então, amante da atriz Eugênia Câmara, concluindo, em 1867, o seu drama "Gonzaga".

#### CASTRO ALVES NO RIO E EM SÃO PAULO

Em 29 de maio de 1867, Castro Alves, com Eugênia Câmara, deixa o Recife e retorna à Bahia. Em 7 de setembro desse ano, sua peça "Gonzaga" estreia com sucesso em Salvador. Mas o seu sonho, uma vez consagrado como poeta, é ir à Capital da Corte, para onde viaja, em 8 de fevereiro de 1868, acompanhado de Eugênia Câmara, lá chegando no dia 17. No Rio de Janeiro, trazendo consigo uma carta do parlamentar baiano Fernando da Cunha, compadre de seu pai, foi apresentado ao escritor e Conselheiro do Império José de Alencar, este com 38 anos e já famoso pelos seus romances "O Guarani" e "Iracema". É bem recebido e elogiado por Alencar, que se emociona com a poesia vibrante de Castro Alves, agora com 21 anos, e o apresenta a Machado de Assis, então com 28 anos. Além de José de Alencar e Machado de Assis, o poeta tem à sua disposição o "Diário do Rio", onde

podia apresentar seus poemas, na sede da Corte, bem como conseguiu contatos políticos e intelectuais com pessoas a quem admirava, como Quintino Bocaiúva, Emílio Zaluar, Joaquim Serra e tantos mais.

Depois dos contatos no Rio, resolveu partir para São Paulo, com a amante Eugênia Câmara, no dia 11 de março de 1868, descendo do navio no Porto de Santos. Ao chegar à Capital Bandeirante, já no dia 13, requereu, com a guia passada em Recife no dia 5 de fevereiro, sua matrícula, no 3º ano Faculdade de Direito de São Paulo, cujo Diretor, na época, era o professor Vicente Pires da Mota. Castro Alves era o aluno nº 25 e Ruy Barbosa era o nº 26, no 3º ano da Faculdade. Estudavam duas Cadeiras: a primeira era de Direito Civil, com análise e comparação do Direito Romano, cujo catedrático era José Bonifácio, o moço, o gênio da oratória daquela academia; e a segunda era de Direito Criminal, incluindo Direito Militar, pelo catedrático Manuel Dias Toledo, monótono e anotador, “de suíças grisalhas, cara redonda, gostando que decorassem o código”; um era o ídolo nas preleções (Bonifácio); o outro era “o terror nos exames” (Toledo). No dia 20 de março, Castro Alves já escrevia ao seu amigo baiano Luis Cornélio: “Devo dizer-te que aqui chegamos com felicidade. Estou na academia (a Faculdade), ouvindo o grande José Bonifácio”.

Registra o professor Pedro Calmon (“A Vida de Castro Alves”, Edição da José Olympio Editor, Rio, 1956, p. 196) que, “na noite de 1º de abril houve um sarau em que o liberalismo do governo se associava ao dos acadêmicos - num prévio e sonoro aviso aos conservadores, de que com eles estava o estandarte abolicionista! Abaixo a rotina opressora e escravocrata! Lá estava o Presidente da Província, Conselheiro Saldanha Marinho; com autoridade, o pensamento na pessoa dos vários lentes (professores), e a mocidade aos brados. Falaram Duarte de Azevedo, Cândido Leitão, e Castro Alves recitou “O Livro e a América”, “As Duas Ilhas”, e “A Visão dos Mortos”. O próprio Castro Alves informa: “Recitei uma poesia, logo no princípio da sessão e... fui extremamente feliz.

Todos me receberam da maneira mais lisonjeira. Imagine que até a senhora do cônsul inglês veio, entusiasmada, dizer-me: “Mim gostar muito da sua recitativa!”

“São Paulo era uma espécie de antítese do Recife, embora a Faculdade de Direito, no seu casarão arcaico, fosse, nas duas cidades, o centro de animação espiritual, a alma da terra” - cita o professor Pedro Calmon (op. cit. p.198). São Paulo tinha por volta de 50 mil habitantes, se muito. Ao tratar da localização da Faculdade de Direito, do Largo de São Francisco, (nascida em 1928, juntamente com a de Olinda, no Recife), o mestre Pedro Calmon informa que “estendia-se a escola pelas ladeiras vizinhas, espalhava-se pelas ruas adjacentes, e era o seu largo fronteiro, pois as repúblicas dos estudantes - estes, soberanamente - tinham a propriedade moral desses lugares. Numa quadra interna havia um monumento funerário, sem palavras que o explicassem: o túmulo, em alvenaria caiada, do professor de ideias que morrera nos braços dos discípulos, deixando-lhes uma bandeira e um segredo. Chamou-se Julio Franck”.

Em descrição de Campos Carvalho, sobre a conquista de São Paulo pelo poeta Castro Alves, mostra-se que, numa sessão de desagravo, em 22 de julho de 1868, no “Ateneu Paulistano”, onde falaram Joaquim Nabuco e Ferreira de Menezes, falou o nosso homenageado: “Senhores! Álvares de Azevedo, outrora, atirou as suas estrofes no tapete de um rei, pedindo a vida de um herói; eu rodo as minhas estrofes no coração da mocidade, pedindo-lhe o óbolo da imortalidade para o filho espúrio da realiza”. (Nesse instante, registra o professor Pedro Calmon - op.cit.p.208 - “o silêncio impôs-se e a atenção geral correu para ele... Uma bateria tumultuosa de palmas e ovações convenceram-no do resultado feliz”. Esclarece o escritor: “Em qualquer parte será fácil a conquista da opinião; em São Paulo, é difícilimo”. A ode a Pedro Ivo, nas estrofes do poeta e acadêmico de Direito Castro Alves, de forma revolucionária, levou todos ao delírio, e “a queda dos liberais repercutiria no Império como um golpe de Estado”. Só falta a coordenação da

revolta dos jovens, que começara com o festivo desembarque de José Bonifácio na Estação da Luz, saudado por Castro Alves e Joaquim Nabuco, como escreveu Júlio César de Faria (no livro "José Bonifácio o Moço", p.174, SP,1944). Ruy Barbosa, no "Discurso na Faculdade de Direito de São Paulo", de 1909, registra ali a passagem do "poeta dos escravos".

#### O ACIDENTE NO BRÁS, EM SÃO PAULO.

Separado de Eugênia Câmara, nervoso e buscando o esquecimento, no dia 11 de novembro de 1868, com uma espingarda de chumbo a tiracolo, Castro Alves resolveu caçar perdiz na região do Brás, e, quando saltava um córrego, com o cano da arma para baixo, ocorreu o tiro, e toda a carga de chumbo atingiu-lhe o calcanhar do pé esquerdo! Gritou, e correram vizinhos da lavoura próxima em seu auxílio. Muito pálido e contorcendo-se em dor, foi levado ao Dr. Lopes do Anjos, na Rua do Imperador, que o instalou numa república de estudantes. Fora sério o ferimento, atingindo cartilagem e ossos do calcanhar, agravado pela fraqueza pulmonar do paciente. Em dificuldade, em 1º de dezembro de 1868, escreveu uma carta ao seu amigo Luis Cornélio, no Rio: "Meu caro Luis, estou há vinte dias de cama, de um tiro que dei em mim, por acaso...Visto que estou com grandes despesas, manda-me algum dinheiro, se pudeses". Pálido e barba por fazer, na república onde se achava, foi visitado por vários amigos da época, com uma prenda, um sorriso, um recado - Carlos Augusto Ferreira, Rubino de Oliveira, Américo de Campos, Ferreira de Menezes, José Felizardo Junior e até o calouro Brasílio Machado. Foi visitá-lo, também, muito comovida, sua ex-amante Eugênia Câmara, quando também lá estava Martim Francisco.

Mesmo nesse estado, com febre constante e um atestado médico, Castro Alves deu poderes ao colega Antonio José Rodrigues de Oliveira Filho para lhe requerer matrícula no 4º ano da Faculdade de Direito de São Paulo. Quase morreu, entre 30 de março e 1º de abril, pois o pé estava próximo da

gangrena, e foi a afeição dos amigos quem o salvou. O mais recomendável era uma operação no Rio de Janeiro, na sede da Corte, onde havia médicos especialistas. Registra o professor Pedro Calmon o sofrimento do poeta em sua viagem de vapor até o Rio, onde desceu numa cama de trapiche preparada pelo Dr José Rubino de Oliveira até a rua. Ficou na casa do amigo Luis Cornélio. Em resumo, às fls. 250/251 (op.cit.do Prof. Calmon), verifica-se que os Drs "Andrade Pertence e Mateus de Andrade, cirurgiões hábeis, tudo fizeram para evitar a mutilação... Fizeram a operação em dois tempos. Aberto o pé pela face interna, acharam trinta e sete grãos de chumbo nos ossos fraturados...Decidiram separar o pé pelo terço inferior da tibia, em golpes rápidos, durando o corte dois minutos. O poeta gracejou, num esforço sobre-humano: Corte-o, corte-o, doutor. Ficarei com menos matéria que o resto da humanidade...E, apertando com força os lábios, abandonou-se ao bisturi e à serra que o Dr Mateus de Andrade manejava com calma e perícia de cirurgião. A operação foi magistral." Foi operado sem anestesia.

#### VOLTA DO POETA À BAHIA

Deixando para trás o Curso de Direito em São Paulo, sem o pé esquerdo e com o auxílio de muleta, resolve voltar à Bahia para convalescer, em 25 de novembro de 1869, em viagem longa de vapor. Teve uma pequena melhora junto aos familiares, e continuava com suas poesias. Em 1870, estava o poeta em Curralinho, a conselho médico. Continuando as hemoptises, é levado aos ares da Fazenda Santa Isabel do Orobó (hoje Itaberaba). Em seguida, volta a Salvador, quando lança "Espumas Flutuantes". Em janeiro de 1871, Castro Alves se apaixona pela soprano Agnese Murri, quase esquecendo a imagem de Eugênia Câmara, seu primeiro grande amor. E, em 10 de fevereiro, na Associação Comercial, fez sua última declamação pública, no "Comité du Pain", para arrecadar meios destinados às crianças francesas, vítimas da guerra franco-prussiana. Sua saúde se agrava, na noite de São João. "Sem

poder aguentar-se nas muletas, desaba sobre o sofá... Mandou que lhe transportassem a cama para a sala de visitas, junto da janela donde habitualmente olhava a rua, os telhados do Convento de Santa Teresa, uma lâmina de mar e o céu...Queriu morrer olhando o infinito azul".(Pedro Calmon, op.cit.p.316).

#### A MORTE DO POETA

"Na quinta-feira, 5 de julho, circulou pela cidade a notícia de que Castro Alves agonizava...Às 10 da manhã de sexta-feira, o Padre Fiúza, seu professor de latim do Ginásio do Dr Abílio, subiu as escadas do sobrado do Sodré, para levar-lhe a extrema-unção...Começara a morrer, imóvel, os cabelos luzidios, troféu da beleza viril de Dom Juan, alastrando uma grande mancha negra na travesseira alva...Consultaram-se os relógios. Às 3 e meia da tarde, estava morto!". (Calmon, op.cit.p.318/319). "Antonio de Castro Alves era, ao morrer, o poeta mais discutido do país...Cruzara os cimos da publicidade nos caminhos de Pernambuco, da Corte (no Rio de Janeiro), de São Paulo, e ainda andavam no ar os ecos de sua ode pacífica, de sua veemente reclamação contra a violência, quando se extinguiu, silenciosamente, "vítima de afecção pulmonar", naquela tarde ensolarada de 6 de julho de 1871" - como escreveu o Conselheiro João Torres, em 1910, revendo registro do "Diário da Bahia", de 7 de julho de 1871.

Antonio Frederico de Castro Alves foi mais poeta do que jurista, mas frequentou as duas primeiras escolas de Direito do Brasil - do Recife, em Pernambuco, e de São Paulo, no Largo de São Francisco. Embora não tendo terminado seu curso jurídico, pois teve que parar, no 4º ano, por motivo de acidente com arma e de enfermidade pulmonar, participou dos embates abolicionistas e privou da companhia de grandes nomes de brasileiros ilustres do Século 19. De suas obras, destacam-se as seguintes, todas publicadas após sua morte: "Espumas Flutuantes", "Gonzaga ou a Revolução Mineira", "Cachoeira de Paulo Afonso", "Os Escravos", "Hinos do Equador" e "Tragédia no Mar".

## CLARIMUNDO AGUIAR

### O GRANDE LOGRO

#### INTRODUÇÃO

Durante os últimos cinco séculos, a história da descoberta da América vem sendo contada sem a devida minúcia dos acontecimentos de antanho.

Atribui-se a Cristovão Colombo esse descobrimento sem mesmo atentar para os fatos que antecederam a citada descoberta, como também aos eventos que a precederam.

Devemos retroceder muito mais de cem anos ao ano de 1492, em que vamos encontrar um pequeno e atrofiado país pelo seu poderoso vizinho e impelido a um constante estado de vigilância ou mesmo de guerra.

A Saga Lusitana das descobertas tem seu início com a perseguição e prisão dos templários na França em 1312, promovidas por um papa corrupto e um rei devasso.

Um poderoso contingente de monges soldados vem a Portugal encontrar refúgio dentro das suas fronteiras sob a proteção de El Rei Dom Dinis, que, não obedecendo às ordens do Papa Clemente V, deu abrigo a todos os que quisessem a proteção de Portugal, mantendo em Portugal um exército longe da interferência da França e de Castela, para fortalecer a independência portuguesa.

Foi El Rei Dom Dinis um homem de grande poder intelectual, poeta, trovador e amigo das ciências da época. Governou um país que em plena época medieval, tinha um governo centralizado na pessoa do monarca, único senhor e absoluto governante de todos, assim, toda a nobreza de Portugal dependia do Rei, não existindo nobres mais ricos ou mais poderosos que o próprio rei como acontecia por toda a Europa. Também a tradicional obediência a Sua Santidade estava restrita somente à parte espiritual, característica herdada desde o primeiro rei da dinastia dos Bourbons, que

tinham Roma como guia espiritual, sem, todavia, dever-lhe uma obediência irrestrita.

Como não existiam perseguições a mulçumanos ou a judeus em Portugal, eles viviam em plena liberdade nas terras lusitanas, contribuindo junto com os católicos para o fortalecimento do pequeno país. Este fenômeno histórico tem origem no processo de reconquista da península hispânica, quando os portugueses, ao conquistarem os territórios mouriscos, respeitavam as populações originais. Estes fatos históricos tornaram Portugal o único país de toda a Europa a não passar pelo denominado Sistema Medieval em sua estrutura social e política.

A Bula de Clemente V, que extinguiu os Cavaleiros Templários, determinava que todos os bens da ordem revertssem à Ordem dos Hospitalares. Usando um estratagemas jurídico, Dom Dinis informa ao Papa que os bens dos templários haviam sido doações do reino e que, portanto, deveriam voltar para o Reino e assim não permitiu a interferência dos Cavaleiros Hospitalares, de origem castelhana, em território Português. De imediato, cria uma nova Ordem Monástica de Cavalaria, reconhecida em Bula Papal pelo sucessor, o Papa João XXII. Os Cavaleiros do Templo, agora denominados "Pobres Cavaleiros de Cristo", mais tarde esta ordem subdividida na Ordem de Santiago e na Ordem de Avis.

A nova Ordem traz para a sua nova pátria conhecimentos e técnicas antes fortemente guardadas como segredos dos Templários. São mestres em logística, em cantaria (a arte de talhar e cortar a pedra), em náutica e engenharia naval, como também são hábeis financistas. São tantas as qualidades e destrezas dos Mestres Templários que Portugal sofre um forte impacto de desenvolvimento a partir da fixação das ordens templárias, além de fortalecer as suas fronteiras com tropas leais.

Entretanto, o tempo de vida de um homem é curto demais, em contrapartida, as organizações têm o condão de se

sobreporem aos homens, já que os interesses coletivos são muito superiores aos interesses individuais.

Com o falecimento de Dom Dinis, Dom Afonso IV (o bravo) e Dom Pedro I (o justiceiro) fortaleceram as ordens templárias como também protegeram o povaréu em detrimento da nobreza. A semente que fora plantada por Dom Dinis veio a fortificar, alguns anos depois, através do seu bisneto, o Mestre de Avis, Portugal confirma a sua independência ante Castela, sua histórica inimiga.

O Príncipe Dom João, o Mestre de Avis, é um filho bastardo de El Rei Dom Pedro I, neto de Dom Dinis, com uma camponesa. Desde tenra idade, recolhido e protegido pelos Templários da Ordem de Avis, é educado e preparado para o grande dia em que deverá assumir o trono da Casa de Portugal.

O último rei da dinastia dos Bourbons, Dom Fernando (o formoso), há tempo que vinha apresentado deficiências de comando e autoridade, o que veio a culminar com a quase perda de independência. Rei fraco e de pouca autoridade, deixou-se influenciar pela nobreza, desprezando as classes trabalhadoras, provocando descontentamento e revoltas, entretanto, durante o seu governo é criada uma lei de grande alcance social, a Lei das Sesmarias, em que "a terra é atribuída a quem nela trabalha, seja dono, posseiro ou mesmo meeiro, se o proprietário da terra não a usava para a produção, quem a trabalhasse seria efetivamente seu proprietário".

Sua morte prematura, sem deixar descendentes, e sua única filha casada com o Rei de Castela, associada ao fato de sua viúva, a rainha Dona Leonor Teles, castelhana de nascimento, não ter interesse no governo de Portugal e passar a conjurar com o seu amante o Conde D' Andeiro a dependência Lusitana ao Governo de Castela, acaba por provocar uma revolta popular.

Era chegado o momento propício que os Templários tanto aguardavam. Por todo o território português, os prenúncios de revoltas vêm acontecendo nas principais cidades. Como o

trono ficaria com a viúva Dona Leonor Telles, também havia o perigo iminente de o trono ser reclamado pelo rei espanhol. As alarmantes notícias de que o rei de Castela estava preparando um exército para invadir o seu pequeno vizinho, acirraram ainda mais os ânimos dos portugueses, que, liderados pelo príncipe Dom João, invadem o paço de Lisboa onde o jovem príncipe mata o traidor Conde D'Andeiro, amante da rainha, jogando-o pela janela, para delírio do povaréu que o acompanhava. É, de imediato, aclamado rei de Portugal. Assim, Dom João I, também denominado de Mestre de Avis, torna-se o primeiro rei da segunda dinastia portuguesa, a Dinastia de Avis.

Durante três gerações os templários haviam preparado o terreno para uma modificação total do país que os havia acolhido. O pequeno Príncipe, que haviam educado e preparado, é agora um homem conhecedor da arte de governar e possuidor de uma cultura muito acima dos reis de sua época, fora aclamado pelo populacho, que o havia carregado nos ombros e colocado no trono de Portugal.

Novamente a nobreza voltava a ter pouca e quase nenhuma influência na política real, pois desde Dom Dinis era exercida uma política de fortalecimento das classes trabalhadoras, que prestigiava os lavradores e artesãos, sendo que o papel da nobreza era de coadjuvante do poder do rei.

O novo rei tem agora de confirmar o seu reinado. As tropas castelhanas estão atravessando a frágil fronteira de Portugal, e não existe sequer um exército organizado que pudesse dar confronto às tropas invasoras.

Às pressas, as leais Ordens Templárias seguem para Lisboa, sendo seguidas por centenas de homens da chamada "arraia miúda" - católicos, árabes e judeus, todos são homens livres, pois em Portugal não existiam os "Escravos da Gleba". Para um país, onde todos os homens eram livres e donos do seu próprio destino, onde um simples soldado, pelos seus feitos, poderia tornar-se cavaleiro e ascender inclusive à própria nobreza, o fato de Portugal perder a sua liberdade para a

Espanha iria tornar todos esses cidadãos a uma condição de escravidão, à qual não estavam habituados.

Os preparativos para o Grande Combate foram elaborados com a mais estreita convicção de que não poderiam ser derrotados. A derrota iria destruir todo o modo de vida a que estavam habituados e os que por acaso ficassem vivos não mais seriam homens livres.

Os preparativos para a grande batalha, por determinação do Contestável (comandante supremo), foi escolhida a planície de Aljubarrota que apresentava as melhores condições de combate para os portugueses. Quando as tropas castelhanas chegaram ao palco da justa, formando os bivaques, a noite ficou iluminada pelas milhares de fogueiras que se espalhavam pelo acampamento castelhano.

Do alto da colina, Dom Nuno Álvares Pereira, o Contestável, verificou estarecido ao ver que as tropas inimigas eram, em muito, superiores ao exército português. E lá em baixo, estava a fina flor de Castela, ricamente vestida e engalanada, como se o combate do dia seguinte fosse um simples passeio de divertimento e caçada.

Por ordem do Contestável, não foram acessas as tradicionais fogueiras do acampamento, pois Dom Nuno não pretendia dar a conhecer aos inimigos a fraqueza das suas tropas. A noite foi passado sob a luz mortiça das lamparinas de azeite e cada um, de acordo com o seu credo, encomendou a sua alma ao salvador comum.

Entretanto, para os cavaleiros, Dom Nuno tinha outra determinação, após um breve missa e comunhão, na qual todos haviam recebido a extrema unção, reuniu a nata dos seus combatentes e planificou a estratégia de combate.

Naquela longa noite de vigia, do dia 13 de agosto de 1385, o som da algazarra e dos festejos do arraial castelhano chegava até o acampamento português, e a sombra refletida pela luz das fogueiras mostrava que os espanhóis estavam se divertindo, dançando bebendo e comendo. Para os espanhóis, o dia seguinte seria um pouco mais que um passeio, agraciado com

a oportunidade de testar a própria capacidade de matar impiedosamente os desafetos portugueses. O exército inimigo não passava de um conjunto de maltrapilhos composto de lavradores e artesões e de pouquíssimos cavaleiros, enquanto eles contavam com uma proporção de mais de oito para um.

Raiou a aurora do dia 14 de agosto, que prenunciava ser um dia de calor intenso. Ao centro da ravina um pequeno grupo de cavaleiros, com suas reluzentes armaduras, tendo o Sol às suas costas, ostentava majestosamente suas lanças de combate em riste, esperavam o ataque dos castelhanos, entre eles uma ala que ficou famosa por sua ousadia e valentia, denominada a "ala dos namorados", composta jovens cavaleiros.

Com o sol batendo nos olhos, os espanhóis mal podiam vislumbrar os cavaleiros adversários na contraluz amarelado-avermelhada daquela manhã que iria decidir a vida de um povo. Dom Nuno escolhera propositadamente aquela ravina, pois, até que o sol atingisse o zênite, os castelhanos estariam com o astro rei bem em cima de suas vistas, desse modo não poderiam observar o que estava acima dos outeiros, o que daria uma pequena vantagem para os portugueses.

Vendo tão pequeno exército resolutamente à sua frente e querendo acabar logo para retornarem aos festejos da derrota dos portugueses, já perto do meio dia, lançaram-se desordenadamente para o combate. Excesso de confiança, noite mal dormida em comilança e festanças, realmente, não se poderia afirmar qual o motivo do desastre iminente. Na desabalada carreira contra o pequeno grupo à sua frente, não atentaram para os obstáculos colocados pela infantaria, tais como fossos e obstáculos pontiagudos que detinham bruscamente os animais derrubando os cavaleiros, e um cavaleiro no chão era uma arma inútil. A infantaria aguardava escondida nas valas e nas moitas para surpreender os cavaleiros afoitos, que uma vez no chão eram presas fáceis nas mãos daqueles hábeis combatentes.

Antes da chegada do meio dia, o campo da justa estava juncado de cadáveres e de feridos e os poucos que ainda tinham forças bateram em debandada, procurando o refúgio da fronteira, de tal ordem que o rei espanhol, fantasiado de freira, para não ser reconhecido, foge do campo de batalha.

A estrondosa vitória portuguesa dá início ao tempo de glórias e conquistas que irão colocar Portugal como o principal país de toda a Europa.

Dom João I, "o príncipe de Avis", dá início a um tempo de paz e prosperidade por todo o território português. As ciências são cultuadas e a justiça de El Rei, sob a tutela do Mestre João das Regras, ministra a justiça com igual equidade.

Todos os filhos de El Rei Dom João I são príncipes exemplares, tanto em virtudes como em valentia, entretanto, entre todos se destaca o Infante Dom Henrique, jovem cientista das artes náuticas e sonhador com o longínquo horizonte, para lá daquele ponto onde o mundo acaba e o sonho começa.

Fora-lhe dada para governar a província dos Algarves, terra mourisca de marinheiros e construtores de barcos, e do promontório de Sagres, seu lugar de reflexão. Aí Infante sonha com o mar ignoto, e com a sua convicção de cientista, tem a mais absoluta certeza de que além daquela linha misteriosa existe um novo mundo.

Dedica toda a sua fortuna pessoal ao sonho de sua vida e a ele dedicará todos os dias de sua fecunda vida. Faz reunir em Sagres, sob a tutela dos templários da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo, os mais seletos conhecedores das ciências náuticas - árabes, judeus, genoveses e todo e qualquer homem que pudesse contribuir para o desvendamento do mistério oculto no horizonte.

Seguindo à risca as severas regras dos templários, todos os conhecimentos são objeto do mais restrito segredo, os homens escolhidos e preparados para pilotar os pequenos navios ou para elaborar os "portolanos" (primitivos mapas em que se determinam as costas navegáveis) fazem solenes juramentos

de fidelidade e segredo, e os crimes de perjúrio são severa e sumariamente castigados.

É tão forte esse juramente que durante cerca de cem anos, não ficou comprovado nenhum caso de traição ou perjúrio e Portugal continuava como o único país da Europa detentor dos segredos náuticos, o que lhes permitiu o desbravamento do mar ignoto.

Os segredos e os mapas portugueses eram buscados avidamente por todos os cantos da Europa, havia polpudas recompensas a quem os fornecesse, todavia, ninguém quebrava tão sagrado juramente.

Em 1476, um jovem que se dizia genovês, foi acolhido no seio da família templária, desde logo demonstrando grande capacidade de liderança e aprendizado. Foi colocado sob a tutela do Mestre Piloto Bartolomeu Perestrelo, genovês por nascimento e português por adoção, um dos descobridores do arquipélago da Madeira e mais tarde governador da Ilha de Porto Santo.

Não possuía Perestrelo filhos homens a quem deixar os segredos acumulados durante os fecundos anos de suas navegações, entretanto, uma das suas filhas se enamora de Cristovão Colombo e assim o jovem genovês passa a integrar a família de Bartolomeu Perestrelo na condição de seu filho.

Residem os noivos na cidade do Funchal, onde nasce o seu primeiro filho. Com a morte do sogro, Colombo passa a ser o herdeiro natural de todas as posses e segredos do sogro.

Como templário iniciado através de um solene juramente, Colombo passa a fazer parte do seleto grupo de pilotos, homens da mais absoluta confiança de Dom Manuel I, nos quais, o rei depositava os mais cobiçados segredos do mundo, que eram tão importantes que os mestres pilotos deveriam guardá-los com o preço da própria vida. Na hierarquia de comando, o mestre piloto ocupava o segundo lugar dentro do navio.

Por essa altura, Portugal já era detentor do domínio da costa africana até ao Cabo Não e de todas as ilhas descobertas

dentro da área do domínio lusitano. A partir do Cabo Não, a descida pela costa Africana tornava-se impraticável. As corrente submarinas vindas do Sul impeliam os navios para Norte e nem os ventos fortes conseguiam fazer com que os pequenos barcos seguissem a rota do Sul.

Devemos levar em consideração que os portugueses vinham navegando pelo Oceano Atlântico desde 1400, isto tanto ao Norte como ao Sul, como prova a descoberta dos Açores (1432), da Madeira (1419), do Arquipélago de Cabo Verde (1444) e de toda a costa ocidental africana. Se desde o início do século XV, o Atlântico era praticamente um mar português, pois nessa época ninguém mais se aventurava no que era chamado na época de Mar Ignoto, e que da última ilha do arquipélago dos Açores, avista-se, ao longe, a costa nordeste do Continente Americano, é por demais provável que os portugueses tenham por lá chegado, como que por lá chegaram.

Diogo Cão, desde 1481 a 1487, tenta obstinadamente contornar o Cabo das Tormentas, a ponta extrema da costa africana, quase naufraga e perde parte da esquadra, retorna a Portugal, alegando a impossibilidade de chegar ao ponto extremo da África, contornando a costa. Por essa, época várias expedições já haviam chegado por terra até o Cabo das Tormentas, sabendo-se, portanto, sua exata localização.

Em 1488, um piloto chamado Bartolomeu Dias, chegando às ilhas de Cabo Verde, onde a frota se abastecia, constatou que uma forte corrente marítima associada a ventos constantes levava os barcos para sudeste. Pela primeira vez havia uma possibilidade de navegarem para o Sul, sem a nefasta interferência das correntes das costa e dos fortes ventos contrários.

Deixou-se levar pelos ventos e pelas correntes marítimas, e em cerca de quinze a vinte dias as correntes os levaram até próximo da terra localizada a sudoeste. Assim chegaram perto da costa da América do Sul, contudo, o destino não estava para oeste, mas sim para leste. Bartolomeu Dias verificou que

a sorte estava a seu favor, pois lá pelas alturas de Fernando de Noronha, uma corrente marítima o levava para leste. Seguindo sua intuição, deixou-se levar até ao cabo ao extremo sul do continente africano, mas fortes tempestades não permitiram o seu contorno atingindo o Oceano Índico, Bartolomeu denominou-o de Cabo das Tormentas.

Como os víveres estavam terminando e os ventos fortes não permitiam chegar à praia, resolveu levar a boa nova a Dom Manuel.

Tempos antes, Cristóvão Colombo solicitara uma audiência com o Rei Dom João II, baseado nas cartas de seu sogro, que já apresentavam a existência de terras a sudoeste. Afirmava o jovem piloto que se viajasse sempre para oeste, como a terra era redonda fatalmente, chegar-se-ia ao extremo oriente. Dom João II, através dos seus marinheiros, já estava sabendo da forma de atingir o sul da África, como também sabia que a Índia estava a norte da costa Africana. Com todos estes conhecimentos, a proposta de Colombo, além de não ter qualquer utilidade, não passava da palavra de um parlapatão. Com isso, Cristóvão Colombo foi rebaixado a piloto de pequenos barcos e pequenas viagens e não tinha algum interesse para o rei de Portugal.

Dom Manuel I, sucessor de Dom João II, sabedor de terras a oeste sul do equador pelas quais não tinha interesse imediato, sabendo que Bartolomeu Dias descobrira o caminho mais fácil para chegar às Índias, que interesse poderia ter numa proposta visionária de um dos seus pilotos?

A recusa do rei de Portugal frustrou os sonhos de Cristóvão Colombo, que, irritado e magoado com a recusa do rei, a quem devia a mais restrita obediência, resolveu desertar e perjurar o seu juramento de fidelidade e silêncio. Rouba os segredos que pertenciam aos templários e ao rei, seu senhor, e com o filho pequeno parte para Castela, onde vai oferecer seus serviços ao Rei espanhol.

Dom Fernando, que havia nascido em Aragão, província das montanhas e do interior da Espanha, não demonstra

qualquer interesse pela proposta. Ele acabara de vencer o último reduto mouro, o califado de Córdoba, fizera um tratado com o califa, afirmando que seriam respeitados todos os direitos dos mouros, tanto sociais como religiosos. Mas não foram respeitados, as mesquitas ou foram destruídas e convertidas em igrejas, quem não aceitou o batismo imposto, ou teve de fugir ou foi morto pelos seus soldados.

Durante séculos, os califas de Córdoba haviam governado o califado usando de tolerância e compreensão, e esperavam que agora que haviam capitulado para os Reis Fernando e Isabel, que a mesma tolerância seria também verificada. Andaluzia, "a formosa", centro da tolerância e do conhecimento hispânico, era um banho de sangue e intransigência. Foi nesse clima que Cristóvão Colombo foi encontrar o Rei Dom Fernando.

A recusa real foi um balde de água fria. A Portugal Colombo não poderia mais voltar. Se tentasse voltar a terra que o havia acolhido e que lhe dera inclusive a nacionalidade, que agora traía, fatalmente teria a língua arrancada e sua garganta cortada no momento que lá colocasse os pés e seu corpo jogado ao setentrião.

Por sorte, a sua entrevista com o Rei Fernando foi ouvida por Isabel, a Católica, que viu naquela proposta do piloto traidor, o sonho de se igualar aos conhecimentos dos navegantes portugueses. Bem mais inteligente que o marido e uma excelente estrategista, Isabel resolve bancar por conta própria a extravagante ideia de competir com os portugueses.

Como não havia indústria naval na Espanha, os navios para a aventura foram comprados em Gênova, três velhos navios feitos para navegar no Mar Mediterrâneo e não afeitos para a navegação no Atlântico. E como também não havia tripulação hábil no manejo das velas e cordames, grande parte da tripulação foi mercenária. Ainda nos estaleiros de Gênova, os navios recebem alguns preparativos para se adaptar a viajar no Atlântico, seus bojos chatos são acrescidos com uma quilha suplementar e seu peso lastreado com pesadas pedras para

evitar que os ventos fortes virassem os mastros, fazendo com que o navio se mantivesse ereto sem o perigo de virar de cabeça.

Em 16 de maio de 1488, Bartolomeu Dias colocou o padrão português na ponta Extrema da África do Sul, e no fim do mesmo ano chega a Lisboa para dar a notícia ao rei de Portugal.

Em 3 de Agosto de 1492, a frota espanhola levanta âncora do porto de Palos, rumo ao oeste sul do Atlântico, para tentar em vão uma descoberta que já tinha sido feita, o caminho para as Índias já fora desvendado e a própria América já fora descoberta muitas dezenas de anos antes.

Anos mais tarde, desonrado, seguiu preso para a Espanha onde ainda teve que assistir ao batizado do continente que descobrira, quando, por ordem do Rei da Espanha, foi-lhe dado o nome de América em honra a um piloto Genovês chamado Américo Vespúcio, pelo simples fato de o mesmo ter navegado a serviço da Espanha e Portugal, completando o maior número de viagens de todos os navegantes de sua época.

Triste fim para um "herói" que traiu a pátria que o acolhera, a irmandade que o educara, o sogro que lhe havia confiado segredos, pelos quais ele, Bartolomeu Perestrelo daria a vida em penhor. Morreu abandonado pela Espanha que nunca confiara nele, pois, ao traidor não se pode dar toda a confiança, NUNCA SE SABE O QUE FARÁ DE NOVO.

## CLOVIS DOMINGUES

### AINDA E SEMPRE A FAMÍLIA

Nunca será demais falar sobre a família, nosso ancoradouro mais verdadeiro.

Em nossos dias, mais do que nunca, as famílias sofrem muitas e diferentes pressões e até por isso devemos nos ajudar com reflexões que possam indicar caminhos na direção de preservar os vínculos familiares e nos livre de enganos que ocorrem em nosso tempo, com mais facilidade.

Muitas histórias ficam de domínio público e, às vezes, podemos pensar que sejam regras de comportamento ou até aquilo que não tem mais remédio. Iludidos, de modo mais insistente, pelos meios de comunicação, ávidos pela audiência e muitas vezes sem o mínimo escrúpulo, somos envolvidos e nos acomodamos em nosso sofá, dando também audiência a programas que nada somam para nossas famílias, enquanto, por vezes, bem perto de nós, pela distância física ou de parentesco, somos ameaçados a fazer parte desses programas como partícipes de histórias que só mostram a fragilidade humana.

Talvez tenhamos de fazer algo, mesmo que seja não dar audiência aos espetáculos que agridem a natureza humana e difundem opiniões perigosas, mais ainda, cuidar com muito carinho, ao menos da nossa família, para que preserve valores elementares de convivência pacífica, de respeito, trabalho, estudo, religião para que consigamos ver em casa, que vale a pena o convívio familiar e que todos têm o direito de ser feliz, não fazendo tudo que seja sugerido pela sociedade consumista, mas fazendo o melhor para todos, principalmente cuidando de nossas crianças e nossos idosos, aqueles que precisam da nossa experiência e aqueles de cujas histórias necessitamos, com fracassos e sucessos, com tristezas e alegrias, vividas ao longo de suas existências.

Atender às necessidades das crianças e ouvir os mais idosos é atitude sábia.

#### FAMÍLIA: DESAFIOS E NECESSIDADE.

A família humana, sem dúvida, passa por desafios de toda ordem para viver, realmente, como família sonhada por Deus.

Sempre houve dificuldades, pela incompreensão humana do projeto maior, fundamentado na justiça, no amor e na verdade. Porém, no que chamamos de modernidade ou pós-modernidade, experimentamos a evolução tecnológica e os conceitos de “moral” e “vantagens” de uma sociedade do “salve-se quem puder”.

A vivência de valores maiores vai sendo descartada, como tudo, e assistimos à “justificação” do inútil e do injustificável.

Em nome da ciência se produz a morte, em nome de vantagens se resolve tudo com o pedido de desculpas. Banalizam-se a ética e a moral. A morte sofre a mutação de notícia para o entretenimento, as frustrações de roteiristas transformam-se em exemplos de comportamento e vida, pressionando a família humana a ser massa de manobra de “poderes” que deveriam cuidar do bem-estar de todos em detrimento de escusos interesses individuais.

É nesta realidade, ou ainda com outros desdobramentos, que somos chamados a ser família - encontro de pessoas que se amam, se respeitam e se promovem. Sim, a vocação familiar é a mais ampla que pensamos, aí somos chamados à vida.

Temos a família em que nascemos: nosso pai e nossa mãe, nossos irmãos e irmãs.

Temos nossa família de Igreja, família de fé, de sodalício, família de amigos, de clubes, de rua, e poderíamos enumerar outras tantas “famílias” que nem sempre honram esse sagrado e inconfundível nome. Hoje temos muitos grupos que chegam e levar esse nome, como se só a nomenclatura resolvesse as

situações, e isso aumenta ainda mais a dificuldade em perceber a importância da família insubstituível: do pai, da mãe e filhos. Essas atitudes também se somam aos desafios de viver a família, pois certas acomodações só confundem e em nada somam para mudanças necessárias.

Embora saibamos de discussões sobre os conceitos familiares, sobre os “acordos” modernos e principalmente sobre as “justificações” da sociedade que se autodestrói, não considerando como deveria o núcleo principal, pensamos, ainda, ser a família a primeira e mais urgente necessidade. Se não considerarmos seus valores, consideraremos quais?

O elemento masculino e o feminino fazem parte da apresentação do mundo para o novo ser que vem à luz e faz as descobertas, principalmente na infância e na adolescência. Limites, disciplina, comportamentos, são momentos que a família tem o dever de mostrar, como outros momentos elementares do cuidado com a saúde, higiene, vestes etc.

Por mais que as creches tentem substituir o pai e a mãe, faz-se necessário e indispensável o convívio familiar, na preparação do enfrentamento de outros desafios após as creches, colégios, ou outros ambientes que possam inventar. Não devemos pensar que, pelas dificuldades, devemos desistir e muito menos que devamos deixar a família, pois é aí que encontraremos, mesmo com desafios internos, o ponto de apoio melhor, que necessitamos.

#### O REFERENCIAL MAIOR

Temos, certamente, muitos referenciais valiosos que em nossa vida somam para a construção, vivência e partilha da felicidade, mas nenhum é mais importante do que a família.

Ao declararmos como verdade essa afirmação, somos conscientes de que não exageramos porque sabemos o quanto é importante ter uma família, em que pai, mãe e irmãos dividem emoções, se alegram e sofrem juntos as pressões

econômicas, culturais e todo tipo de desafios que, muitas vezes, invadem o ambiente familiar para tornar ainda mais difícil a missão de educar e ser educado, fazer feliz a outros e a si mesmo.

Antes de irmos à luz, precisamos de alguém que nos acolha e nos guarde com muito carinho para que possamos chegar bem e continuar sendo acolhidos como parte importante para todos. Sem isto já nos enfraquecemos e talvez nem consigamos vir à luz, morrendo antes. Nossa mãe é esse alguém que deve enfrentar todos os obstáculos, com responsabilidade, e nos acolher com muito amor. Para tamanho desafio se fazem necessárias parcerias que também acolham, com responsabilidade, a vida que está chegando. As parcerias mais importantes são o marido, o pai e a mãe dessa mulher que foi chamada para viver o momento sublime da maternidade.

Tudo que se possa fazer de bem para acolher a vida, vai influenciar o viver de o novo ser.

Por tantas razões, repetimos que a família é o mais importante referencial, aquele que nos abre as portas.

Sem as condições mínimas observadas tudo será mais difícil. Portanto, a mulher que acolhe em seu ventre uma nova vida deve ser muito bem tratada e amada para que tudo possa somar na construção de uma vida feliz. Teremos sempre, para toda regra, algumas exceções, mais não temos dúvidas que o acolhimento de uma nova vida em um ambiente familiar amoroso é de importância fundamental.

Que tal termos um pai e uma mãe ao nosso lado? Todos concordam que é importante e ninguém deseja que seja diferente. Deles dependem, em muito, nossas primeiras palavras, nossos primeiros passos, nossas culturas de bem e de amor. Sempre que assim percebemos, valorizamos nossos comportamentos até em homenagem aos nossos pais, mesmo que inconscientemente, pois ficamos com registros que jamais serão apagados. É a família que nos proporciona o despertar para a vida. É importante que tenhamos a família estruturada

moralmente, para crescermos éticos e morais e respeitarmos, não somente os laços familiares, mas, também todos os semelhantes e diferentes.

Se o grupo familiar vive valores verdadeiros, será mais fácil mantê-los perpassando gerações e produzindo o bem-estar de todos. Do contrário, se não acontecer assim, mesmo que "educadores especializados" sejam chamados a intervir, serão maiores as dificuldades de preparar uma realidade melhor, pois o referencial principal estará sempre presente, objetiva ou subjetivamente.

Trazemos as características de nossos progenitores e, mesmo sem cultuá-las, marcas indelévels nos indicam ou nos induzem aos caminhos que fomos, com muito amor, colocados, por nossos pais, por nossa família.

#### O RESPEITO ÀS DIFERENTES SITUAÇÕES

Vivemos numa sociedade heterogênea e conhecemos pessoas que defendem os mais diferentes pensamentos e atitudes e precisamos de sabedoria para não cair em ciladas, ou nos indispormos com todos, em todos os lugares.

A sabedoria de viver haverá de ser presente em nossa vida se quisermos viver bem.

Uma coisa é respeitar as diferenças e outra é aceitar como regras, para a vida familiar, todo tipo de opinião ou até de comportamento. Devemos ficar atentos para não incorrerem em erros e fazer de nossa família um depósito de coisas que nada somam para seus membros, a não ser decepções e infelicidade.

Na escolha dos compromissos, dos ambientes, já estaremos precisando da sabedoria para discernir o que podemos e devemos fazer e o que não devemos.

Certamente, teremos na convivência social, nos diversos lugares e com as diferentes pessoas, também, muita coisa a aprender e apreender. Também aí, nossa atenção e principalmente

nossa humildade devem marcar presença para aproveitarmos e crescermos, fazendo crescer nossa família, sempre com muito cuidado, considerando as diferenças culturais e para os filhos também as idades.

Algumas pistas são bem conhecidas e indispensáveis para o sucesso na convivência pacífica e respeitosa com todos os grupos. Algumas situações chegam a motivar prejuízos tão claros que só a imprudência e a irresponsabilidade nos levarão a elas. Nessa perspectiva, estão os locais de jogatina, de sexo fácil, de bebedeiras intermináveis, de brincadeira com o trânsito, com armas de fogo, e tantas outras que acharmos contra a vida e acontecem na contramão de um ambiente que seja ordeiro e harmonioso.

Temos certas situações, porém, que são mascaradas e necessitamos ficar mais atentos, como, por exemplo, os conselhos que recebemos que são, às vezes, sugestões para decisões catastróficas, cuja volta sempre será muito difícil, porque poderemos dar mais valor a esses "conselhos" do que aos de pessoas do nosso convívio familiar que, no mínimo, querem o bem para nós. Saibamos agradecer até a boa intenção de quem nos dá conselhos e pensemos muito, antes de colocá-los em prática, pois uma atitude induzida e impulsiva poderá nos colocar em situações ainda piores.

Ainda temos algumas regras simples para, sem preconceito exagerado, levar adiante nosso projeto familiar, no contexto social, com os cuidados necessários e consequentes. Algo bem fácil de assimilar é o fato de alguém que é infeliz no casamento, certamente, não será a pessoa mais indicada a dar conselhos de como resolver crises ou até de sugerir caminhos de reconciliação. Também, alguém que não tem filhos parece-nos menos indicado a ajudar na educação dos filhos, principalmente dentro do lar. Quando falamos daquilo que vivemos, temos mais facilidade, mais autenticidade, somos mais verdadeiros.

Muitas outras sugestões, até derivadas das atitudes acima descritas, poderíamos tentar passar e acredito seriam úteis;

ocorre porém que, para cada situação, teremos de fazer uma analogia de gênero, tempo e espaço, para avaliarmos o que é vida e o que é morte, e o que poderemos levar para nossa família, para o cultivo e promoção da vida.

As palavras que ouvimos, as imagens que vemos, os conceitos que nos comunicam, os pensamentos e atitudes, devemos respeitar, pois cada qual faz suas opções e cada um deve ser responsável pela sua vida.

Devemos respeitar sim; imitar, nem sempre. Se tivermos o cuidado de separar o respeito da imitação, viveremos melhor nos diferentes ambientes e preservaremos nossa família de muitos desdobramentos que infelicitam a tantos. Cada pessoa deve ser respeitada e também respeitados seus modos de vida e, até por esta assertiva, devemos nos fazer também respeitados em nossa fé, em nosso amor à família e nos compromissos assumidos com ela.

Se devemos respeitar as situações diferentes que desmancham o núcleo sagrado da família e infelicitam pessoas, por que não devemos fazer o mesmo com situações que, no amor fiel e na responsabilidade, permanecem em união e bem-estar familiar? ...

Devemos exercer o respeito mútuo e fazer para nossa família sempre o melhor.

#### NÃO DEIXAR QUE A SOCIEDADE NOS IMPONHA QUALQUER MODELO DE FAMÍLIA

Ainda nos compromissos sociais em que a família se faz presente, até pelas diferentes culturas existentes, encontramos as realidades que muitas vezes nos assuntam e tentamos entender, sem nenhum sucesso, por que cada pessoa é um ser único e como tal, guarda dentro de si, sonhos e pesadelos que não conseguimos vislumbrar. Situações existem que nos fazem pensar como conseguem viver as pessoas envolvidas e que alegrias experimentam? São irmãos que não são irmãos, pais que não são pais, filhos que não são filhos, comprometidos

em determinados horários, em outros não, viajam sem os filhos para viajar com os filhos de outros, e por aí vai... Aqui também, todo o respeito pelas opções ou situações que vivem tantas pessoas, mas não é essa a família sonhada por todos, não é essa realidade que desejamos, não é esse mundo que devemos construir e certamente também, não foi esse o sonho e o desejo que tiveram primeiro.

As “justificações” são muitas e passam pela “evolução”, pelo “direito” de cada um, pelo tipo de sociedade do nosso tempo, pelo trabalho feminino, pelos horários, pela falta de tempo, pela busca da felicidade e tantas outras pseudojustificativas...

Será que os motivos pelos quais tentamos justificar nos satisfazem, nos convencem e nos provam alguma coisa que possa nos fazer alegres sabendo da fragmentação da família? E será que por aí achamos a felicidade?

O respeito e o acolhimento a essas situações, como a outras, é indispensável e demonstra que nem tudo está perdido, pois queremos nos compreender ou, ao menos nos ajudar.

Não se trata de xenofobia, e sim de cuidados para que não passemos a fazer tudo que sugerem ou fazem como se tudo fosse bom experimentar e viver. Se você não come um fruto ou um prato de comida que outros comem, será que isto prova sua aversão àquelas pessoas que assim o fazem? Se você não avança no açúcar porque quer cuidar da sua diabete, será que está discriminando quem faz o contrário? Certamente, são verdadeiros os seus cuidados com a saúde física e seus gostos, e também são muito verdadeiros seus cuidados próprios com a saúde emocional e suas opções para cuidar daquilo que tem de mais importante que é a vida.

Quando vivemos situações que já não podemos consertar, temos que procurar e encontrar os melhores caminhos da negociação, da harmonia, para não sofrermos ainda mais. Porém, se pudermos evitar determinados sofrimentos, agindo com sabedoria e fazendo escolhas mais responsáveis, será, sem dúvida, bem melhor.

Seguindo o raciocínio: na escolha da profissão devemos pesquisar, estudar, nos preparar e só depois seguir em frente. Em outros campos da atividade humana também se fazem necessários a mesma prudência, o mesmo empenho. E com a família, onde esperamos viver, onde queremos nos realizar? Aí, mais do que qualquer outro lugar, devemos nos preparar profundamente para correremos menos riscos de vivermos desilusões e sofrimentos em situações irreversíveis, que poderão afetar até outras pessoas.

Nossa família merece todo cuidado e todo respeito. Ela deve ser nossa preocupação contínua e o motivo que justifique todo nosso empenho. Por isso, não nos deixemos induzir por “histórias” a que assistimos em novelas ou filmes, em que os resultados são manipulados ao gosto de autores ou interlocutores. Na vida real é bem mais sério: somos os agentes e partícipes das escolhas que fazemos, e temos de assumir todas as consequências.

O contexto social deverá ser sempre uma parte importante e até imprescindível para as famílias. Os bons momentos vividos na família devem ser levados e mostrados para que outros possam também acreditar e fazer a experiência de felicidade, cuidando com todo carinho do lugar da vida. Porém, muito do que sabemos existir, nunca deverá ser levado para a família.

#### SOCIEDADE GLOBALIZADA: PRESSÕES, INTERFERÊNCIAS...

Com o advento e a presença da evolução tecnológica do nosso tempo até parece que vivemos no mesmo bairro, na mesma rua, sabendo, de notícias interessantes ou não, querendo ou não querendo.

Se ligarmos os nossos “queridos” aparelhos, teremos muitos canais que nos trarão as notícias e até “exaustivamente”,

por serem cenas de impacto, na busca de audiência e patrocínio, nada se importando se quem ligou pode assistir ou não.

Mesmo vivendo em um grande país, com tantas histórias, não ficamos sem as “informações” do resto do mundo. Sem contar as traduções de tanto lixo que são recolhidos em outras paragens e descarregados dentro de nossas residências, na intimidade das nossas famílias. Sim, não bastassem os “loucos” que temos, também os loucos do resto do mundo, piratas ou não, têm as portas abertas para nos apresentar suas frustrações e a isso chamamos de globalização, interação mundial, “aldeia” global.

Muito bem, sabemos das diferenças de hábitos que alguns têm e se dão bem, quando para outros, as mesmas experiências só provocam complicações, isto em situações bem próximas de nós. E como lidar com costumes europeus, norteamericanos, asiáticos, africanos que, distantes de nós, muitas vezes, são usados para justificarmos comportamentos em nome da evolução, da pós-modernidade e de equiparação com o “primeiro mundo”?

Se países distantes, hoje próximos pelos meios de comunicação, ditam a moda no vestuário ainda não é tão grave, porém, se ditam a moda nos valores fundamentais da pessoa humana, então corremos o risco de nos enganar e nos destruir, porque cada povo com suas histórias e cada pessoa deve ser respeitada em sua cultura e seus limites. Não podemos afirmar que aquilo que é bom em determinado local será em todos os demais.

Não podemos imitar as violências de alguns povos e as discriminações que fazem, pelo fanatismo ou até em nome da defesa de suas soberanias, e muito menos, devemos fazer da nossa família uma repetidora de tudo o que o mundo externo faz ou quer nos impor. O núcleo familiar deve ser preparado para defender seus valores, indispensáveis para a construção familiar.

Quando sabemos de violências que existem em muitos lugares, devemos trabalhar para que nossa família humana e

mais, nossa família de sangue, sejam preservadas. E violências não são apenas assaltos, assassinatos e outras formas hediondas de desrespeito à vida, são também, e até como a origem das demais, as violências contra os valores familiares, pois é aí que nascerão o assaltante, o criminoso, o facínora, se não respeitarmos a família como o verdadeiro lugar da vida e tratarmos tudo que diz respeito a ela com carinho e responsabilidade que merece.

Sofremos interferências explícitas e implícitas, são momentos visíveis ou não que nos convidam a experiências destrutivas. Objetiva ou subjetivamente, recebemos sugestões que poderão nos ajudar a viver melhor e outras que nos conduzirão à infelicidade. Precisamos estar alertas para discernir aquelas que devemos aceitar e seguir, fazendo uma leitura crítica de tudo e também dialogando no lar, sobre as opções que irão afetar a todos a curto, médio ou longo prazo.

A família que vive na direção do bem viverá o bem. Aquela que se descuida e não procura o melhor, poderá amargar situações indesejáveis.

A atitude mais prudente é observar tudo muito bem, antes de absorver, assim erraremos menos.

Por mais que saibamos de situações displicentes para com a instituição familiar, façamos a nossa parte e não nos deixemos vencer por pressões e interferências irresponsáveis e destruidoras, pois só assim faremos da nossa família o lugar da vida.

#### PRESERVAR OS VALORES DA FAMÍLIA

Como casais, somos desafiados, em muitas situações, a abrir mão de princípios elementares da família, às vezes, só para não desagradar outros, e nos acostumamos a falar coisas ou concordar com situações que, na verdade, não queremos.

No contexto social convivemos com opiniões e atitudes que não são do nosso agrado e, até por educação, não denunciemos

em respeito às pessoas e suas opções, e muitas vezes nos servimos do fato para comentários em nossos lares, comportamento esse que aprofunda, ainda mais, certas situações, tornando-nos juizes sem conhecimento das origens de tais procedimentos. Não deve ser esse o modo mais correto de julgar a outros, e muito menos pelas aparências, que podem ser enganosas.

Quando percebemos a infidelidade, mesmo não fazendo julgamentos, devemos renovar nossos votos de fidelidade; quando assistimos a desentendimentos de casais, devemos nos esforçar, ainda mais, no diálogo, que pode construir a concórdia; quando as crianças têm um comportamento que não aprovamos, devemos rever nossos modos de educação se são diferentes, melhorá-los sempre, e assim outros momentos que partilhamos com parentes e amigos, devem servir para construirmos e preservarmos a família que deve ser o lugar da vida.

São muitos os valores que devemos preservar em nossa família, porém alguns são tão importantes que, se faltarem, poderão pôr tudo a perder. Um exemplo é o valor da fidelidade familiar e não somente conjugal. Ser fiel à família é muito mais do que ser fiel ao cônjuge. É fazer sempre o melhor que puder para todos, evitando quaisquer comportamentos que coloquem em risco a saúde e a paz familiar. Lógico, dentre os comportamentos de fidelidade necessária está aquela que foi motivo de juramento no compromisso matrimonial: na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza, amar e respeitar sempre, porém, embora este seja muito importante, devemos lembrar dos filhos, produtos do amor de Deus e do amor conjugal.

Cuidar e ter fidelidade para com os filhos não é somente pagar a creche ou a escola melhor que existe, ou ainda fazer todas as suas pequenas e grandes vontades, providenciando os mais caros presentes e fazendo seus caprichos. É muito mais, é se fazerem companheiros que sejam sempre referenciais de conduta para que possam ser aconselhadores e parceiros. A fidelidade passa pela responsabilidade desde o planejamento,

gravidez, vacinas, e tudo que um recém-nascido necessita, mas não se trata apenas de tratar do corpinho indefeso, vai muito além e se formos fiéis lhes mostraremos os caminhos melhores, e mais, caminharemos com eles em todos os momentos, sugerindo o melhor e mais digno para sua vida presente e futura.

Fidelidade à família também é corrigir quando preciso e elogiar quando merecido, reconhecendo desde as mais simples decisões até aquelas que são próprias de cidadãos que sabem defender seus direitos e cumprir seus deveres.

Na perspectiva de preservar valores familiares, nunca poderemos prescindir da fé, a virtude que vem de Deus e que se faz indispensável para um viver amoroso e fiel. Quem não tem fé, mais facilmente cairá nas armadilhas de um viver irresponsável e sem sentido. Uma fé que é plantada e cultivada fará crescer com ela outros valores que respeitem os limites próprios e dos outros e assim a vida se tornará justificada e feliz.

Outro valor que é indispensável e que até justifica a existência da família é o amor. Aliás, é ele que dá razão à vida conjugal, familiar e é a força motora que nos impulsiona e viver. Sem amor não conseguimos superar nem os obstáculos menores e com ele somos mais fortes e enfrentamos as mais duras batalhas.

Sim, é o amor que promove um viver melhor entre pais e filhos, é ele que faz os jovens ir em frente e formar uma nova família, só o amor deve levar um casal ao momento da paternidade e maternidade responsáveis, o amor que acolhe, perdoa e promove por que ele é a própria razão do nosso existir, porque Deus é amor.

Embora tenhamos compromissos sociais e devam continuar tendo, não nos deixemos induzir por falsas verdades que infelicitam e destroem a família.

Novamente reconheçamos: respeitar sim, mas imitar nem sempre.

## FAMÍLIA, EXIGE ÉTICA

O viver familiar deve ser pautado na ética e no direito, mesmo que isso, aparentemente, nos cobre um preço alto. Nossos comportamentos familiares não podem desconhecer o que é moral ou imoral, ético e antiético.

Quando falamos de preservar valores, podemos nos transformar em cobradores dentro e fora da família e não é exatamente desta forma que melhoramos nosso viver pessoal e familiar. Se quisermos que nossa família seja ética, e nem pode ser diferente, devemos primeiro cobrar de nós mesmos, atitudes coerentes com essa exigência.

Uma família ética é formada de membros éticos. O pai e a mãe são os primeiros que devem construir e viver essa dimensão, pois se eles não conseguem esse intento, dificilmente a família caminhará nessa direção. Não que, depois de uma família cometer alguns erros, não possa haver mais soluções; entendemos que sempre é tempo e que, às vezes, os filhos podem recuperar aquilo que os pais tenham perdido, ou os próprios pais.

Entretanto, quando lembramos a sociedade em que vivemos e os meios modernos de comunicação, conforme o erro cometido, será muito difícil recomeçar.

Então, o que defendemos é sempre uma atitude responsável que ajude a viver na justiça que o direito garante e na moral que a ética nos ensina.

Se assim entendemos para atitudes pessoais, muito mais deve ser o rigor para atitudes familiares que podem envolver pessoas queridas e que nada têm a ver com nossos comportamentos contrários à ética e ao direito.

Muitos são os momentos que nos pressionam a andar na contramão fazendo inconveniências a outros e a nós mesmos: são o mundo dos negócios, os modismos, o consumismo, as tendências imorais pelas quais a própria sociedade vai se deixando seduzir e tantas outras situações que nos aparecem como "soluções", e na verdade só trazem mais complicações e infelicidade.

Está na decisão pessoal a chave do viver ético e é muito fácil solucionar. Basta que tenhamos alguns princípios básicos e teremos mais facilidade de rebater convites ou sugestões que possam nos prejudicar e prejudicar nossa família.

Aquilo que não queremos para nós, possivelmente, não devemos fazer aos outros. O que não gostamos que outros nos façam - enganar, roubar, trair - não devemos fazer aos outros. Aquilo que coloque em perigo nossa família, não nos interessa. Aquilo que não teríamos coragem de contar para nossos pais, talvez não deva ser feito. O que nos seduz com o lucro muito grande e fácil, devemos estudar um pouco mais para saber se é verdadeiro, justo e bom...

A vida familiar exige ética porque assim teremos condições superiores de viver e ser feliz.

## SEMPRE É TEMPO DE HOMENAGEAR

Com muita emoção e gratidão ousei fazer um pequeno relato em homenagem aos meus pais, irmãos e irmãs. Ao relato dou o nome de saga, mas, pensando bem, teríamos muito mais a contar que ficará para outra oportunidade.

Falando de família sempre me desperta a saudade de um tempo lindo, quando as dificuldades não eram justificativas da desonestidade, quando a pobreza era algo a ser honrado e o respeito às pessoas e propriedades não precisava de cercas. Quando pedir a bênção aos pais era uma rotina e propósito de respeito e união, mais ainda, era uma oração!

Com poucas palavras, invocando o testemunho de muitos que ainda sobrevivem às imposições de uma sociedade, no mínimo confusa, deixo aqui um pouco da minha querida família de origem, meu pai, minha mãe, meus irmãos e minhas irmãs.

## SAGA DA FAMÍLIA DOMINGUES (PEIXEIRO) NO BAIRRO DA PONTE GRANDE

A FAMÍLIA DOMINGUES, vinda de Pinheiros - SP, chega ao bairro da Ponte Grande em MAIO DE 1940 e se instala no imóvel da Av. Guarulhos, 375, local que ficava entre as residências das famílias Cordeiro e Batista, descendo após a Igreja São Geraldo, antes de chegar na curva do Batista, como era conhecida, do lado esquerdo, em frente à família Liesse, conhecida como os Ferreiros.

No primeiro momento, a intenção era tirar areia do Rio Tietê e assim foi feito por algum tempo.

Não sendo suficiente o trabalho com a areia, passaram a fazer como faziam também em Pinheiros: com a pesca, antes no Rio Pinheiros, buscaram os recursos necessários para alimentar a prole que já era numerosa. Agora, porém, a pesca seria no Rio Tietê, um rio caudaloso e piscoso, que durante bom tempo consegue ser a garantia da família Domingues. Pelo hábito de pescar durante alguns anos e vender os peixes, ficou sendo conhecida como a família do peixeiro e até hoje muitos fazem a lembrança por peixeiro ou peixeirinho.

O pai Manuel Domingues e a mãe Laura Fernandes Domingues, portugueses, quando chegaram a Ponte Grande já tinham oito filhos, sendo seis homens e duas mulheres. Menos de dois anos em Guarulhos nasce mais um filho e depois mais quatro, somando um total de 13 filhos, sendo onze homens e duas mulheres.

Com as dificuldades da época, como falta de assistência médica, de emprego, de escolas, farmácias, comércios, condução e principalmente pelo número de filhos, a família faz com muita dificuldade a sua caminhada, não conseguindo nem ao menos ter um imóvel próprio, explorando uma pequena chácara para ajudar a receita familiar, prejudicada pelas dificuldades que começavam a existir no rio Tietê, com respeito à poluição provocada pela Nitroquímica de São Miguel e depois por tantos outros acidentes ambientais.

Os mais velhos ajudam os pais em serviços de Olarias, aterros, porto de areia e outros, e o mais novos se viram vendendo os poucos produtos da pesca e da chácara, trabalhando onde era possível, limpando coqueira, cuidando de animais, engraxando sapatos ou outros pequenos serviços.

As primeiras empresas do bairro, como a Durapel, Fábrica de Papel e Papelão e o próprio comércio precário dão oportunidades de trabalho que são aproveitadas por quase todos os filhos. Na Durapel, quatro ou cinco trabalham; na primeira padaria da região, aquela do Camisotti e na IV Centenário, a primeira da Ponte Grande, também e assim por diante. A escola é precária no bairro, primeira e segunda séries na casa da Família Iervolino, alguns estudam na Sayago e no Grupo Barão de Souza Queiroz, quase na Penha, indo e vindo a pé pela precariedade da condução (um ônibus na linha) e também pelo dinheiro escasso para atender a tantas crianças.

A ligação com a Capela São Geraldo sempre aconteceu, cada tempo de diversas formas, tanto na catequese como nas festas e até no envolvimento maior com organizações como a Congregação Mariana e o OFAC, Oratório Festivo, Alma Cristã, inclusive catequese na IPSA junto às irmãs Salesianas de Santa Inês.

Embora humilde, a família do peixeiro (Domingues) foi sempre querida e bem relacionada com todo o bairro, com as diversas famílias que formavam, naquela época, uma só, nos anos 40, 50, 60 e depois as migrações provocaram o crescimento demográfico, como em tantos outros lugares, fazendo com que a identidade familiar ficasse prejudicada e até surgisse o anonimato.

Para os mais novos talvez seja grande o desafio de perceber a FAMÍLIA DO PEIXEIRO, hoje espalhada pelo próprio bairro e por tantos outros, porém para os mais velhos fica fácil pedir uma lembrança. Vejamos: Quem não se lembra do peixeiro Manoel, o Neco? Ou do locutor da Rádio Clube Padre Bento, o João Evangelista? Ou do Pipa da Padaria? Ou do Clóvis, do Oratório? Ou da Nazaré, da Durapel? Ou do Silvério, da

empresa de ônibus? E da Dona Laura, das plantinhas da feira de sexta-feira? E por aí fora.

A família, hoje muito numerosa, sempre amou a Ponte Grande e temos a certeza da recíproca.

*PAI: Manuel Domingues*

*MÃE: Laura Fernandes Domingues*

*FILHOS: Evangelista - Manoel - Angelo - Ivo - Maria - Silvério - Rosa - Valdir - Clovis - Carlos - Joaquim - Nilson - Marcos.*

*Agradecemos a Deus, aos nossos pais, irmãos, cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, e a tantos amigos que fizeram de nossa família uma experiência de amor, de trabalho, sempre permeada por valores essenciais, como verdadeiro lugar da vida.*

## ESPEDITO PINHEIRO DE SOUZA

### ESTADO DE DIREITO E DEMOCRACIA

*“A defesa dos direitos fundamentais do homem está fundamentada na dignidade do ser humano como pessoa constituída de um corpo orgânico animado por um princípio de vida da natureza espiritual”*

*(Concílio Vaticano II G.S. nº 15).*

*“A pessoa humana como individuo existe para o corpo político, mas o corpo político-o Estado existe para a pessoa humana como pessoa.*

*Mas o homem, de maneira alguma, existe para o Estado.*

*“O Estado é que existe para o homem.”*

*(Jacques Maritain, o Homem e o Estado, 4ª ed., Rio de Janeiro, AGIR, p.20.*

Professor Assistente de Graduação em Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Direito de Estado pela PUC/SP. É Advogado. Publicou diversas obras e artigos, entre as quais: Manual de Ciência Política e Teoria do Estado e Limites Expressos do Poder Constituinte de Revisão Constitucional. É Oficial Superior da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

### CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O presente “Artigo” abordará, de forma sucinta, um assunto que julgamos interessante à vida de todos os cidadãos, especialmente para os operadores do direito, que, regra geral, também são leitores assíduos da Revista da Academia Guarulhense de Letras - AGL, que, no dia-a-dia procuram estar bem informados, não apenas através de poesias e contos, mas também com temas Político-Jurídicos atuais.

Trataremos, com base na doutrina nacional, assim como na nossa experiência no exercício da docência superior, nas áreas do Direito Constitucional e da Ciência Política, sobre o ESTADO DE DIREITO E DEMOCRACIA, objetivando o conhecimento dos direitos fundamentais dos cidadãos.

Assim, de forma clara e objetiva, procuraremos tratar do referido tema sob o aspecto doutrinário, tomando por base aqui, sobretudo os ensinamentos contidos na obra “Teoria do Estado, Democracia e Poder Local”, de Cinthia Robert e José Luiz Quadros de Magalhães, da Editora Lumen Juris, Rio de Janeiro, 2001.

Antes, porém, para melhor compreensão do leitor, convém, desde logo, conhecer as noções dos termos: ESTADO E DEMOCRACIA..

**Estado**, expressão de origem Latina, “status” (estado, posição, ordem, condição).

É vocábulo que possui diversas acepções no Direito Público e no Direito Privado.

**Estado**. No sentido do Direito Público, Estado, segundo conceito dado pelos juristas, é o agrupamento de indivíduos, estabelecidos ou fixados em um território determinado e submetidos à autoridade de um poder público soberano, que lhe dá autoridade orgânica.

É a expressão jurídica mais perfeita da sociedade, mostrando-se também a organização política de uma nação, ou de um povo.

Para nós, no nosso Manual “Lições de Ciência Política e Teoria do Estado”, 3ª Ed. 5ª Tiragem, SP, “sponte propria”, 2008, pag. 41, conceituamos o Estado como sendo uma sociedade política e juridicamente organizada para atender ao bem comum. Sua organização é determinada por normas de Direito Positivo e hierarquizada na forma de Governo e Governados e tem uma finalidade própria, que é o bem comum (o interesse público).

**Para Ciência Política**, Estado é a unidade orgânica integral destinada a manter estrutura política de um povo, ou nação, visando ao seu bem comum, por meio do monopólio da coerção e da jurisdição no respectivo território. Pessoa jurídica de direito público externo, detentora da supremacia na ordem interna e de independência na ordem internacional.

## DEMOCRACIA.

Expressão de origem “grega.” “Demokratia”. Demo (povo), kratia (poder, governo): Governo do povo, pelo povo e para o povo. (ABRAHAM LINCOLN).

No Direito Político. Governo do povo expressado na maioria política, assentado nos princípios de liberdade e igualdade, e em que a representação popular das minorias é assegurada por plena fiscalização e crítica.

## MODALIDADES (ESPÉCIES-TIPOS) DE PRÁTICAS DEMOCRÁTICAS.

1. DEMOCRACIA DIRETA - Aquela em que o povo governa por si próprio, reunido em Assembléia Popular para a tomada das decisões mais importantes, de natureza legislativa, executiva e judicial. Regime de Governo que só é possível em unidades políticas de pequena população. Por exemplo, a “polis” da Grécia Antiga e, atualmente em alguns Cantões da Suíça.

2. DEMOCRACIA INDIRETA E / OU REPRESENTATIVA (Participativa) - Aquela em que o povo governa através dos seus representantes eleitos (Parágrafo único do art. 1º, da Constituição da República Federativa do Brasil)<sup>1</sup>.

3. DEMOCRACIA MISTA (Denominada de Semidireta). Democracia representativa, na qual o povo se reserva o poder de fiscalização dos órgãos estatais, mediante técnicas (mecanismos) de controle, como o plebiscito, o referendo e a iniciativa popular (cf. art. 14 e incisos, CF)<sup>2</sup>.

## DESENVOLVIMENTO DA MATÉRIA.

Os direitos fundamentais e o Estado. A ilustre autora selecionada para o presente trabalho, versada em Teoria Política e Direitos Humanos, de forma lapidar, assinala que, para a

compreensão do Estado de Direito, é necessário o estudo dos direitos humanos na ordem interna constitucional, ou, em outras palavras, dos direitos fundamentais, como também são denominados (g.n.).

Com esse pensamento, elenca e analisa, de forma integrada, Direitos fundamentais que compõem os direitos humanos, quais sejam: direitos individuais, sociais, econômicos e políticos.

Por concordar "in totum" com a brilhante e sucinta colocação da referida escritora, peço vênica para reproduzir aqui as lições sobre os aludidos direitos.

Sobre os direitos humanos de forma clara e objetiva, esclarece que, a primeira questão que deve ser enfrentada é a diversidade terminológica. Ou seja: as diversas nomenclaturas encontradas na doutrina pátria. Aliás, acerca dessas dificuldades, noutra edição desta Revista, a de 10/2008, ao abordarmos sobre A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, procuramos enfatizar esta diversidade de nomes.

Quando falamos em Direitos Humanos, utilizamos esta expressão como sinônima dos Direitos fundamentais. Portanto, **direitos fundamentais são os direitos individuais fundamentais**, por exemplo: a vida como direito natural, a liberdade, a igualdade, propriedade, a segurança (cf.art. 5º, in fine, C.F.)<sup>3</sup>.

---

1.C.F., *Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.*

2. C.F., art. 14. *A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo povo direto e secreto, com valor igual para todos, e, nos termos da Lei, mediante: I - plebiscito; II - referendo; III - iniciativa popular.*

3. C.F. art. 5º. *Todos são iguais perante a Lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:*

A segunda categoria, os **diversos direitos sociais**, tendo como exemplo: a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção a maternidade e a infância, a assistência aos desamparados (cf. art. 6º, CF)<sup>4</sup>; já a terceira categoria compreende os direitos econômicos relativos ao pleno emprego, meio ambiente e consumidor e, por derradeiro, os direitos políticos relativos às formas técnicas de realização da soberania popular (cf. art. 14 e incisos da CF).

Conforme observa Carlos Alberto Bittar<sup>5</sup>, citado na obra em estudo, os chamados direitos de personalidade recebem diferentes nomes frente à perspectiva de análise, verificando-se, como mais comuns, os seguintes: "Direito do Homem", "Direitos Fundamentais da Pessoa", "Liberdades Fundamentais", **Liberdades Públicas** (g.n.) e, especialmente, "Direitos de Personalidade".

O referido autor faz diferenciação entre direitos de personalidade e liberdades públicas, e, por sua vez, dos Direitos Humanos. Isto nos desperta para a extrema diversidade de expressões que devem ser ordenadas, pois só contribuem para a dificuldade de compreensão do tema, conclui a autora ora estudada.

#### CLASSIFICAÇÃO DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

É importante que se faça, desde logo, uma classificação dos Direitos Fundamentais do Homem, ou simplesmente dos Direitos Humanos.

1.DIREITOS INDIVIDUAIS, OU NATURAIS (art. 5º, e incisos, CF); o ponto fulcral dos direitos individuais será sempre o primado da vida, tendo como elementos essenciais: a liberdade, a igualdade, a propriedade e a segurança. Convém

---

4. CF - art.6º - *são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.*

5. BITTAR, Carlos Alberto. *Os Direitos da Personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária 1982.

ênfatizar que nos deparamos na doutrina, conforme já assinalamos referênciamente, os “direitos de personalidade (vida, liberdade). A propósito, vale consignar a lição de Jorge Miranda<sup>6</sup>, grande constitucionalista português, em seu Manual de Direito Constitucional, assevera que “os direitos de personalidade são posições jurídicas fundamentais do homem que ele tem pelo simples fato de nascer e viver, são aspectos imediatos de exigência de integração do homem; são condições essenciais ao seu ser e dever; revelam o conteúdo necessário da personalidade; são direitos de exigir de outrem o respeito a própria personalidade; tem por objeto, não algo de exterior ao sujeito, mas modos de ser físicos e morais da pessoa ou bens de personalidade física, moral e jurídica”.

1.1 **Direitos da intimidade:** vida privada, inviolabilidade de domicílio (art. 5º, X e XI, CF); liberdades públicas: liberdade reunião, associação, etc. (art. 5º, XVI e XVII, CF).

OBSERVAÇÃO: objetivando simplificar a matéria em comento, não abordaremos todos os dispositivos constitucionais referentes aos direitos individuais fundamentais.

2. DIREITOS SOCIAIS (art. 6º e 7º, CF) – correspondem às obrigações positivas do Estado (são recíprocos: direitos e deveres). Compreendem os direitos relativos à saúde, educação, previdência social, lazer, trabalho, transporte, entre outros que visem à melhoria da condição social do trabalhador.

3. DIREITOS POLÍTICOS (art. 14, incisos e parágrafos, CF) – Dizem respeito à cidadania e a nacionalidade – são de natureza Constitucional, são relativos. São direitos de participação popular no poder do Estado. No texto Constitucional

---

6. MIRANDA, Jorge. *Manual do Direito Constitucional*, tomo IV. Coimbra: Coimbra Ed., 1988.

brasileiro, estes direitos compreendem o exercício da soberania popular: votar e ser votado, do plebiscito, do referendo e da iniciativa popular das leis.

#### 4 - DIREITOS ECONÔMICOS - (TAMBÉM CHAMADOS DE SOCIAIS)

Os direitos econômicos são aqueles contidos na Constituição Federal, assim como na legislação infraconstitucional de conteúdos econômicos que viabilizarão uma política econômica e social. Por exemplo: o direito de pleno emprego, transporte integrado à produção, direito ambiental e direito do consumidor. Esses direitos econômicos contêm normas que estão protegendo interesses individuais, coletivos e difusos, (arts: 170 e incisos, 225, parágrafos e incisos, CF.; Lei 8.078/90 – Código de Defesa do Consumidor.

#### CONCLUSÃO

Gostaria de concluir, inspirado ainda nas lições da autora da obra que serviu de base para a pesquisa deste tema.

A doutrina consagra a expressão DIREITOS HUMANOS ao tratar dos direitos inerentes à pessoa humana quando consagrados em textos jurídicos internacionais. Ao serem transportados para o Texto das Constituições, recebem o nome de Direitos e Garantias Fundamentais.

Ao escrever sobre o Estado de Direito, Leon Duguit, ensina-nos que: para compreensão deste, é necessário ter-se como pressuposto fundamental que o Estado é subordinado a uma regra de direito superior e anterior a ele mesmo, a qual ele não pode violar.

“...todas as manifestações do Estado de Direito estão limitada por um direito superior, que proíbe aquele de agir contra determinados direitos individuais.

É essencial para consolidação dos direitos humanos e as liberdades públicas, a ratificação pelos Estados de Direito dos instrumentos nacionais e internacionais a respeito do tema.

Os direitos e liberdades fundamentais da pessoa humana e dos povos são inalienáveis, sendo que os problemas afetos aos direitos humanos devem ser tratados globalmente. Portanto, os direitos humanos serão indivisíveis. Isso significa que eles devem ser cumpridos globalmente.

Nessas condições, cabe ao Estado de Direito, através da sua **Lei Maior**, buscar a real concretização dos direitos fundamentais e efetivação da cidadania plena para todos os seguimentos sociais representados nas quatro categorias de Direitos Humanos que procuramos sucintamente demonstrar na elaboração deste breve trabalho.

ESTANISLAU HENRIQUE DA CUNHA

METABOLISMO INTERMEDIÁRIO

AMINOÁCIDOS (UM ENSAIO)

Proteínas são as substâncias químicas mais complexas da natureza. Possuem um alto peso molecular, pois são macromoléculas formadas de dezenas e dezenas de aminoácidos. Uma molécula de proteína possui forma linear, podendo ser comparada a um colar de pérolas em que cada pérola do colar corresponde a um aminoácido da proteína. Os aminoácidos se ligam entre si através de ligações chamadas peptídicas. Num único corpo humano, existem dezenas de milhares de tipos diferentes de proteínas, cada um exercendo uma função específica. Carne de boi, de ave, de peixe, leite, ovos, queijo, feijão e berinjela são alimentos ricos em proteínas.

Ao serem ingeridas, as proteínas são hidrolisadas e seus aminoácidos (pérolas) liberados exatamente como se o cordão que une as pérolas do colar se rompesse. Uma única molécula de proteína, depois de hidrolisada, produz mais de cem aminoácidos e, após serem absorvidos, esses aminoácidos são levados ao interior das células onde terão dois destinos metabólicos possíveis. Um deles é quando são cuidadosamente reorganizados numa nova sequência imposta segundo um novo código genético seguindo assim novos padrões genéticos específicos. Desta maneira, com os mesmos aminoácidos, uma nova proteína com características totalmente diferentes daquela que foi originalmente ingerida vai ser produzida.

Um outro destino para os aminoácidos é aquele em que, antes mesmo de entrarem no processo de formação de uma nova proteína, são submetidos à ação de enzimas específicas, que os levarão a transformações, criando assim vias metabólicas diferenciadas, formando dezenas de novos compostos.

A maioria dos aminoácidos que compõem uma proteína pode ser produzida no nosso próprio organismo, tendo como matéria-prima subprodutos do metabolismo através de uma intrincada trama de vias metabólicas. Aminoácidos como alanina, ácido aspártico e ornitina são exemplos, contudo, há aqueles que o nosso organismo não consegue produzir por duas razões possíveis, ou não possuímos os gens especializados para tal tarefa ou se estiverem presentes, por alguma razão, apresentam-se inativos.

São cerca de vinte os aminoácidos mais comuns encontrados nas proteínas. Cada um deles possui uma via metabólica diferente, formando assim novos compostos importantes para as células. Dentre esses vinte aminoácidos, oito são chamados essenciais, pois não podem ser produzidos no nosso organismo. Daí a necessidade de estarem presentes nas nossas refeições diárias, sendo normalmente esta a única forma de obtê-los. Uma vez presentes no nosso organismo, podemos então metabolizá-los e obtermos seus produtos. Os aminoácidos essenciais são: fenilalanina, isoleucina, leucina, lisina, metionina, treonina, triptofano e valina. Os demais podem ser produzidos no nosso organismo a partir de compostos resultantes do metabolismo de substâncias de origem proteica ou não.

A produção dos aminoácidos aromáticos, que possuem a maior parte do radical constituído por uma cadeia carbônica em forma de anel, tem início a partir de três metabolitos originados durante a primeira fase da respiração celular conhecida por glicólise anaeróbica. Tais componentes são: a frutose - 6 - fosfato, uma cetoxose que é um isômero da glicose - 6 - fosfato, que por sua vez é uma aldexose; o gliceraldeído - 3 - fosfato, uma aldotriose fosfatada isômero da diidroxicetona-fosfato, que é uma cetotriose; e, finalmente, o ácido fosfoenolpirúvico, precursor do ácido pirúvico.

De início a frutose - 6 - fosfato reage com o gliceraldeído - 3 - fosfato, desviando assim o curso da glicólise, formando dois novos compostos: a xilulose - 5 - fosfato, uma aldopentose

fosfatada e a eritrose - 4 - fosfato, uma aldotetrose também fosfatada. A xilulose-5-fosfato e a eritrose - 4 - fosfato constituem dois "braços" que vão iniciar rotas metabólicas bem diferentes entre si, porém com o objetivo final que é o da produção dos aminoácidos aromáticos. O papel do primeiro é se responsabilizar pela produção do fator-chave que levará à produção do triptofano, um aminoácido heterocíclico.

A via metabólica que leva à formação do triptofano é diferente daquela que forma os aminoácidos aromáticos fenilalanina e a tirosina. O divisor de águas é o ácido corísmico,, que necessita da glutamina como doador do grupo amina, além da presença do magnésio que age como efector para a reação. Dessa maneira, formam-se o ácido glutâmico e o ácido antranílico. Esse último constitui o ponto de arrancada final para a biossíntese do triptofano.

O processo em si resume-se da seguinte maneira: inicialmente o ácido antranílico reage com um composto chamado fosforribosil-pirofoafato (PRPP) formado a partir da xilulose - 5 - fosfato (aquele originado a partir de componentes do processo de glicólise anaeróbica) formando o ácido fosforribosil antranílico que em seguida sofre a perda do pirofosfato resultando no composto carboxifenilamina desidro ribulose - 5- fosfato, que após sofrer uma desidratação e uma descarboxilação transforma-se no composto indolil glicerol - 3 - fosfato. Em seguida, este último então reage com o aminoácido serina, produzido a partir de um desvio metabólico de outro composto da glicólise, formando então dois novos compostos: o aminoácido triptofano e o gliceraldeído - 3 - fosfato. Este último, outro metabolito da glicólise, possui várias vias metabólicas, a saber: reiniciar o processo da biossíntese dos aminoácidos aromáticos; produzir nova molécula de glicose via ciclo de Calvin; produzir o ácido pirúvico com o qual podem ocorrer vários eventos: por transaminação forma a alanina; na mitocôndria é importante para a produção de energia via ciclo de Krebs; pode entrar na

rota de biossíntese da lisina; é ponto de partida para a biossíntese de valina, leucina e ácido pantotênico; dentre outras. Em termos alimentares o triptofano é encontrado nas folhas verde escuras como a couve e o espinafre. Possui várias possibilidades de vias metabólicas nem sempre no corpo humano, como a produção de indol e escatol pela flora intestinal; produção de serotonina em células nervosas do hipotálamo; produção de acetoacetil coenzima A; produção de nicotinamida e de ácido indolil acético em vegetais.

De volta à biossíntese dos aminoácidos aromáticos, temos que a segunda via metabólica a partir do ácido corísmico é a via de produção do ácido prefênico que, por sua vez, também apresenta duas novas rotas metabólicas. Uma delas ocorre quando ele sofre uma descarboxilação e uma desidratação transformando-se no ácido fenilpirúvico, que reage com o ácido glutâmico numa reação de seis etapas, sendo duas delas por tautomeria e a participação efetiva da coenzima B6. Ao final, formam-se o ácido alfacetoglutárico, um componente do ciclo de Krebs, e a fenilalanina, o segundo aminoácido aromático.

A outra via metabólica alternativa do ácido prefênico ocorre quando ele sofre uma descarboxilação dando origem à formação do ácido p-OH-fenilpirúvico, que, por transaminação, forma outro aminoácido aromático, a tirosina. A fenilalanina é um aminoácido essencial, a tirosina não. Ambas as moléculas seriam idênticas a não ser pelo grupo hidroxila presente na molécula de tirosina.

A fenilalanina não pode ser acumulada no nosso organismo, sendo assim é convertida em tirosina por hidroxilação. Este sim apresenta diversas vias metabólicas importantes, uma delas a da produção de adrenalina e de nor-epinefrina a partir do ácido 3,4 dihidroxifenilalanina (DOPA) em células medulares das glândulas suprarrenais. Uma segunda via metabólica a partir do DOPA é a de produção do pigmento melanina em melanócitos do tecido conjuntivo propriamente dito.

Existem outras vias metabólicas da tirosina, dentre elas a da biossíntese do acetil coenzima A, composto importante para a fase aeróbica da respiração celular; na produção de vitamina D; hormônios esteroides; colesterol e do ácido cólico, dentre outros. Além disso, por descarboxilação, a tirosina é convertida na tiramina, importante hormônio cuja função é provocar a contração do miométrio uterino no momento do parto. De fato a tirosina é um aminoácido fantástico, pois em células da glândula tireoide, juntamente com o iodo, é convertido nos hormônios tireoidianos tri e tetra-iodo-tironina.

A biossíntese da grande maioria dos aminoácidos possui como matéria-prima componentes do metabolismo da glicose, quer seja direta ou indiretamente. Vejamos alguns exemplos. Temos o caso da serina, um aminoácido não essencial, cujo início de sua biossíntese ocorre a partir de um desvio da rota metabólica do ácido fosfoglicérico formado durante a glicólise anaeróbica. A inserção do grupo amina durante o processo é feita pela doação deste pelo ácido glutâmico formando ao final o ácido alfacetoglutárico e a fosfo-serina, que se transformam em serina com a perda do fósforo na forma de fosfato inorgânico. A serina é convertida em etanolamina por descarboxilação e se transforma em seguida em colina. Esta última reage com o ácido fosfatídico formando a fosfatidilcolina, um fosfolípido.

Um outro exemplo de aminoácido originado do metabolismo da glicose é o ácido aspártico que é produzido a partir de um composto formado da segunda fase da respiração celular, o ácido oxalacético. Esta é a fase aeróbica da respiração e ocorre no interior da mitocôndria, mais exatamente no espaço entre as cristas mitocondriais. Didaticamente podemos dizer que ele inicia o ciclo de Krebs. Esse ácido, ao que me parece, controla a velocidade com que se processa o ciclo e assim a liberação de hidrogênios para a produção de energia na célula. Sua atuação no ciclo consiste na sua reação com a acetil coenzima A, formando o ácido cítrico com o

desprendimento da coenzima A, que é reaproveitada, formando nova acetil coenzima A a partir da reação com o ácido acetil lipóico.

A maneira como age o ácido oxalacético na produção do ácido aspártico é feita por transaminação, desviando assim a sua rota normal no ciclo. Nesse processo, há o envolvimento do ácido glutâmico e, ao final, há a formação de outro componente, também do ciclo de Krebs, o ácido alfacetoglutarico, que acaba produzindo novo ácido oxalacético em substituição ao primeiro. Esta manobra de desvio da rota do ácido oxalacético não traz nenhum déficit energético para a célula; pelo contrário, neste caso haverá um maior rendimento de energia, cerca de 50% a mais por mol numa volta completa do ciclo.

Um aminoácido de considerável importância é a arginina, pois se trata de um aminoácido básico, que, além de compor as histonas, atua no organismo estimulando a queima da gordura branca. O bloqueio da arginase acarreta queda acentuada do nível de ureia com aumento significativo do nível de amônia no plasma sanguíneo.

A biossíntese da arginina ocorre a partir do ácido aspártico, que, produzido por transaminação do ácido oxalacético, reage com a citrulina, a qual é formada no interior da mitocôndria, formando o ácido arginino succínico sob ação da enzima arginino succinato sintetase em presença do íon magnésio. Em seguida, o ácido arginino succínico, por ação da enzima arginino succinase, sofre uma clivagem, transformando-se finalmente em arginina mais o ácido fumárico.

A histidina não é um aminoácido essencial. É produzida pelo fígado a partir do fosforribosil pirofosfato, tendo o magnésio como efector, pelo menos nos estágios iniciais do processo. Apresenta duas vias metabólicas. Quando descarboxilada converte-se em histamina, substância que provoca uma vasodilatação capilar com vermelhidão no local, típica de processos alérgicos. Uma segunda via metabólica indica que inicialmente se converte em ácido urocânico e

posteriormente no ácido formimino glutâmico, que requer a atuação do ácido tetraidrofólico antes de se converter em ácido glutâmico.

Uma outra via interessante é a da biossíntese da cisteína, um aminoácido sulfatado. Pode ser biossintetizado a partir de duas vias metabólicas diferentes. A primeira ocorre em microorganismos mais exatamente em sulfobactérias. O processo em si é iniciado com o aminoácido serina que reage com o ácido sulfídrico, o qual atua como doador do enxofre numa reação de desidratação, tendo a cisteína como produto final. A segunda via ocorre em organismos superiores. O doador do enxofre nesse caso é a metionina, que inicialmente reage com o ATP formando a adenosil metionina com a liberação de pirofosfato mais um fosfato inorgânico. Em seguida, a adenosil metionina perde um grupo metil formando a adenosil homo cisteína, que é cindida formando dois compostos, a adenosina e a homocisteína. O primeiro é um composto formado por duas substâncias interligadas, a ribose, uma aldopentose, e a base nitrogenada púrica adenina. Este composto possui duas vias metabólicas alternativas, a primeira consiste na recomposição da molécula de ATP às expensas de energia mais fosfato inorgânico; a segunda consiste na sua decomposição e consequente formação do ácido úrico a partir da base nitrogenada.

A homocisteína por sua vez reage com o aminoácido serina formando a cistationina que é, em seguida, "desmantelada" em três novos compostos, amônia, ácido alfacetobutírico e finalmente a cisteína. A importância do ácido alfacetobutírico consiste do fato de que é, pois, precursor da propionil coenzima A, que se transforma numa molécula de metilmalonil coenzima A. Em seguida, esta molécula, em presença da coenzima B12, se transforma em succinil coenzima A, que, também formado no ciclo de Krebs, reage com a glicina formando o ácido delta-aminolevulinico que, convertido no porfobilinogênio, entra na rota de biossíntese das porfirinas.

A cisteína é um aminoácido de importância fundamental para a célula, pois descarboxilada forma a betamercaptoetilamina, substância precursora da formação da molécula de coenzima A, tão importante para o metabolismo celular.

Como já foi dito, a molécula de proteína é linear, isto é, os aminoácidos acham-se ligados uns aos outros formando uma longa fita. Em alguns pontos desta fita, porém, ocorrem dobramentos bruscos constituindo o que chamamos estrutura terciária das proteínas. Tais dobramentos são mantidos devido à presença de moléculas de cisteína. Sua atuação sobre a molécula de proteína é de fato notável, pois estabelece ligações dissulfeto entre si ao longo da cadeia polipeptídica mantendo os tais dobramentos, tornando as proteínas ativas. Sem este aminoácido a vida para existir talvez precisasse encontrar novos rumos ou novas alternativas, pois ele é um dos fatores responsáveis, se não o maior, pela estrutura terciária das proteínas. Tal estrutura é o fator fundamental para a atividade das mais importantes substâncias responsáveis pela vida, as enzimas.

## GASPARINO JOSÉ ROMÃO

### A VIDA É COMO UM SOPRO

Como restos de noite, o dia atropelando,  
nos claros da manhã, no seu radiante brilho,  
da noite o rociado, aos poucos acabando,  
a passarada acorde entoa o seu idílio.

Como do orvalho, as gotas lentas, despencando,  
que a aragem não diluiu, e o sol no seu rastilho,  
esparsos seus eflúvios, as flores exalando,  
quais dores da saudade de um cruel exílio.

Como as dores da alma que, discretamente,  
guardamo-las secretas pois, a nós somente,  
contêm algum sentido e a mente nos socorre.

Enquanto a nossa vida, vai se esvaindo,  
como à tardinha o sol, no poente, vai caindo,  
a vida, como um sopro, expira e também morre.

## AQUELAS VELHAS CARTAS

Eu quis reler um dia aquelas velhas cartas,  
guardadas com carinho, restos do passado,  
do tempo em que eu sentia dela enamorado,  
e emoções saudosas conservava-as fartas.

Na busca em meus guardados, lesto eu fui. Coartas,  
achei-as num baú, já velho e desbotado,  
reli-as sem prazer, sereno e mui calado,  
nas segundas e nas terças-feiras e nas quartas.

Curioso, entretanto, eu não achei ao lê-las,  
qualquer razão plausível a guardadas tê-las,  
no escrínio da minha alma, com zelo e capricho.

De todo aquele encanto, nelas tido, outrora,  
apenas erros crassos da língua, vejo agora.  
Rasguei-as sem remorso e as atirei no lixo!

## AS RUINAS DOS MEUS SONHOS

Um dia visitei sombrio e sempre em calma  
nas ruínas os meus sonhos, poucos que restaram,  
resquícios que guardei das dores que ficaram  
semeados pelos ermos campos da minha alma.

Silente a caminhar, soturno, pelas palmas,  
nas brenhas do caminho, as plantas que brotaram  
silvestres rentes ao Morro que ali, hirtos, ficaram  
sem sombras, esquecidas, sem vida, que se espalma.

Ao fim da caminhada à mente me ocorreram,  
os lúgubres sepulcros dos sonhos que morreram,  
e não tiveram preces, pranto, vela ou flores...

E, nessas memórias, esparsas, malogradas,  
trazidas dos escombros das ruínas visitadas  
deixei os sonhos loucos dos meus fúteis amores.

## DESCAMBA O SOL DE AGOSTO

Descamba o sol de agosto, em chispas, despencando  
lá para atrás dos morros, trêmulo, sumindo...  
Em lânguido cansaço, qual se despedindo  
dos vales e dos montes e o calor deixando.

Da tarde o lusco-fusco, lento, vai chegando  
acarinhando a terra, em brumas encobrimdo  
as serras e os grotões na noite que caindo  
envolve no seu pálio os cômoros beijando.

A tarde vai tombando e o mundo escurece...  
Transmonta-se do dia e a luz do Sol fenece...  
esconde-se na bruma e fimbrias das quebradas.

No dia que agoniza, os sonhos contrafeitos  
também vão se esvaindo, aos poucos, já desfeitos,  
em cinzas como pó das ilusões baldadas.

## MEUS SONHOS, MEUS CASTELOS

O vogar das nuvens por sobre o Oceano...  
Das águas, o evolver do mar, fazendo espumas...  
As aves em revoada, em giros, entre as brumas...  
E em meu imo eu a remoer meu grande plano...

Para o fundo do meu peito, quanto engano  
fui deixando em minha estrada, sem queixume,  
carregando meus tormentos com azedume,  
um mundo de ilusões e o desengano.

Nas ondas do pensar, do mar da minha vida,  
deixei rolar mil sonhos não realizados,  
num turbilhão revoltado de uma ilusão perdida.

Entanto, nos meus passos, lentos e cansados,  
os sonhos e os castelos, da estrada na descida,  
leveí pelos caminhos curvos palmilhados.

## UM CANTOR NA MINHA RUA

Na noite silenciosa, tranqüila e inspiradora,  
em que derrama a lua os seus raios de prata,  
quebrando a solidão um vate em serenata,  
desperta da saudade a musa sonhadora.

Nas curvas dos suspiros, que a mágoa enganadora,  
despenca-se nas trevas, quais rios em cascatas,  
a voz do menestrel, chorosa nas cantatas,  
perdia-se no espaço na noite sedutora.

Agora, há muito tempo, os laivos da lembrança,  
me fazem recordar, dos tempos de criança,  
aquele solitário aedo em minha rua.

Às vezes quando escuto, na noite enluarada,  
acordes de um violão, perdidos nas quebradas,  
eu busco memorar, boêmio, a mágoa tua.

## UM VULTO DE MULHER

Na estrada do destino em curva do caminho,  
eu encontrei você e, a sorrir, paramos.  
Um cumprimento, enfim, a murmurar baixinho,  
seguindo a nossa estrada, um ao outro, olhamos.

Não sei se, em seu pensar, você teve o carinho  
de um dia, inda lembrar do instante em que ficamos  
parados por momentos, em que me viu sozinho,  
na tarde, pondo o sol morrente, que saudamos.

No encontro tão furtivo, assim, inesperado,  
e que eu, ainda, o tenho na alma bem guardado,  
gravei dele a lembrança sem nunca o esquecer.

E, assim, no meu silêncio, eu levo pela vida,  
atroz reminiscência da visão querida,  
de um Sol se pondo ao longe e um vulto de mulher.

UMA HARPA E UM PIANO

Uma harpa emudecida a um canto lá da sala,  
e, ao lado, solitário, mudo, um piano...  
Qual um casal de amantes que se cala  
na solidão, talvez, do pensamento humano.

Parece-nos lembrar, dos tempos bons de gala,  
que o cíciar do vento e o murmuro do Oceano,  
nas sonoras ondas que o coração embala,  
repletam-se de vida o imo alegre e ufano!

Uma harpa e um piano, um par que sem sentido,  
num canto lá da sala, um par adormecido,  
que, ao tombar da tarde na quietude insiste.

Nas voltas deste mundo os homens, lado a lado,  
olvidam-se que a vida é um sopro e, apagado  
o Sol não mais reluz se o amor não mais existe.

ISABEL BORAZANIAN

MEMÓRIA VIVIDA

Nas peripécias da vida,  
o amor se instalou.  
Virou memória vivida,  
virou história de amor.

Toda memória vivida  
traz escondida uma dor.  
Cabe a nós decidir  
qual o seu peso e valor.

E quando o tempo desperta  
a nossa memória vivida,  
só então é que sabemos  
se foi fechada a ferida.

A vida segue adiante,  
o tempo é a solução.  
Toda memória vivida  
faz parte da construção.

## VELEIDADE

velhos  
valores  
viajam  
vulneráveis  
volitam

valores  
velhos  
viajam  
volitam  
vulneráveis

vulneráveis  
volitam  
viajam  
velhos  
valores

volitam  
vulneráveis  
viajam  
valores  
velhos

## INSTANTES

A sensibilidade permanece.  
O sensível enrubesce minha face.  
A frase falada.  
A pele tocada.  
Sensivelmente absorvo  
o universo das emoções  
que habitam  
a minha vida, a tua vida,  
a vida que somos nós.

## O CONCRETO IMPALPÁVEL EXISTE!

A noite cai morna no espaço.  
O existir e o viver se encontram.  
O concreto impalpável existe!  
Ecos do dia embalam a noite.  
Paro,  
revolvo meu interior,  
meus sentimentos e pensamentos se misturam.  
O concreto impalpável existe!  
Um fio invisível liga minhas emoções,  
absorvo essências diversas,  
consigo perceber intenções.  
Sei de queres  
mesmo que as bocas não falem.  
Sinto dores  
mesmo que em meu corpo não morem.  
O concreto impalpável existe!  
Olhos invisíveis absorvem e traduzem  
muitos sentimentos, muitas emoções.  
São os olhos invisíveis do coração.



## MÚSICAS

Mágicas	Misteriosas
Melodias	Mágicas
Misteriosas	Melodias
Modulam	Mutuam
Mutuam	Músicas
Músicas	Modulam
Músicas	Melodias
Mutuam	Misteriosas
Modulam	Músicas
Misteriosas	Mágicas
Melodias	Modulam
Mágicas	Mutuam
Mutuam	Modulam
Modulam	Músicas
Mágicas	Mutuam
Músicas	Melodias
Misteriosas	Mágicas
Melodias	Misteriosas

## BRINCAR

Brinca de roda,  
roda a rodar.  
Infância linda  
no teu olhar.

Roda no vento,  
o vento é veloz,  
o vento espalha  
a tua voz.

Cantos libertos,  
a voz é candor.  
braços abertos.  
tempos de amor.



Sempre que a coragem permite, dirijo-me ao Lago dos Patos, em vila Galvão, onde procuro exercitar minhas pernas e minha cabeça, buscando um melhor condicionamento físico, aliado a um conjunto de ideias mais construtivas: mente sã em corpo são. No sábado, 11, lá estava eu às 6 da manhã, caminhando e observando quantas pessoas já se encontravam de pé: algumas, por lazer; outras, trabalhando. Ao passar por elas, contudo, passei a fazer um outro exercício. Bom dia!, disse eu, ainda tímido (talvez em razão do sono). A consequência? Sucesso! As pessoas responderam à minha saudação e seguiram adiante. É, o amor é mesmo contagiante. Gestos de atenção e respeito como um simples sorriso, um aceno amigável ou um cumprimento sincero podem fazer verdadeiros milagres a qualquer ambiente. Uma expressão facial de alegria transforma a vida das pessoas. Para melhor, é claro. Todo ser humano normal, vacinado e civilmente responsável (18 anos, pelo novo Código), sabe que não é possível agradecer a todos que estão à sua volta. A história de que temos muitos conhecidos e poucos amigos pode e deve mudar. Afinal, nenhuma lei nos proíbe de qualificar o nosso rol de amizades; muito menos de cultivarmos novos amigos. Ao plantar sementes de bondade, gentileza e atenção, estaremos abrindo caminho para uma vida mais agradável, repleta de satisfações duradouras e surpresas dignas de gratidão a Deus. Assim, estou propondo que você se junte ao nosso time e adote, mentalmente, um novo amigo a cada contato que empreender daqui por diante. Dê o primeiro passo - agora! Procure por alguém bem próximo e diga-lhe: "Eu admiro você e agradeço por sua amizade." O resultado? Semeie, cuide e colha...

## VOCÊ É IMPORTANTE PARA MIM!

*Um simples refrão musical pode melhorar o nosso dia.*

A Fernão Dias tem sido citada na mídia pelas incontáveis imperfeições no seu asfalto. Em julho de 2003, Dom Mauro Morelli, presidente do Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado de São Paulo - Consea, sofreu um acidente na cidade de Campanha, MG, e passou 44 dias internado no Hospital das Clínicas em estado grave e em coma induzido. Segundo afirma, nasceu de novo.

Na quinta-feira, 5, D. Mauro esteve na Agência de Desenvolvimento de Guarulhos, em companhia de seu assessor de comunicação, Humberto. O objetivo da visita foi conhecer as instalações do CPT e, ainda, ter contato com os colaboradores efetivos daquela instituição de ensino. D. Mauro Morelli dirigiu algumas palavras de incentivo ao trabalho feito com amor e dedicação e defendeu que uma vida mais regrada em termos de alimentação traz importantes benefícios no cotidiano. Ele também incentivou o hábito da caminhada, afirmando que anda sete quilômetro por dia, o que lhe proporciona grande disposição para enfrentar as suas responsabilidades.

A superação do acidente ocorrido no ano passado proporcionou a esse homem uma força extra. Ele mesmo afirma que, no hospital, quando percebeu que Deus lhe dera a chance de prosseguir nesta missão, tomou a decisão de dedicar os próximos anos à conscientização da sociedade brasileira de que devemos nos unir para que ninguém passe fome - condição básica para a dignidade humana e o exercício da cidadania.

Ao final do encontro, o simpático Humberto começou a cantar músicas motivacionais. Em uma delas, o refrão dizia: "Você é, você é, você é, você é, você é importante para mim!". Todos os presentes passaram a acompanhar a melodia, caminhando, cantando e sorrindo. Foi um momento mágico da semana em que todos se sentiram mais felizes com a visita de Dom Mauro Morelli - um brasileiro muito importante para todos nós.

## VIAJAR É PRECISO

*O melhor investimento é aquele que nos proporciona o conhecimento e a evolução. Nesse sentido, viajar enriquece a mente, o coração e o espírito.*

Quando conheci a Rosana, no dia 20 de julho de 1999, no bairro paulistano da vila Guilherme, eu soube que nós estávamos iniciando um feliz e promissor relacionamento. Exatamente dez anos depois, em Roma, capital da Itália, nós recebemos os cumprimentos entusiasmados de cerca de 40 pessoas que conhecemos havia pouco mais de dez dias. Como é possível? Também eu estranho bastante, acredite. Mas a verdade é que, nesses 3.653 dias de 'reencontro', todos os caminhos nos levaram à Roma de nossos antepassados.

Desde aquele distante 2002, quando fizemos um pacto de que os 'dez anos' seriam comemorados no Velho Continente. Para que fosse atingido esse resultado, foram necessários muitos exercícios de fé e de visualização. Assim, no dia 09 de julho, nós embarcamos para Portugal. Lá foi feita a conexão para Paris. Na capital da França, nós chegamos no dia 10. Nós conhecemos um pouco da história de Paris e arredores - seus palácios, museus e costumes. A Revolução Francesa estava presente em todos os cantos para onde mirávamos o olhar, afinal, no dia 14 seria comemorado o 220º aniversário da Queda da Bastilha.

**ABSOLUTISMO** No terceiro dia de viagem nós fomos conhecer o Palácio de Versalhes, símbolo do Absolutismo. Naquele tempo, século XVIII, os reis se distanciaram do povo. Os impostos eram cada vez mais abusivos, e os gastos públicos realizados sem a mínima parcimônia - desde que enriquecessem os monarcas e seus súditos. Aliás, para esse pequeno grupo, valia a regra da melhoria da qualidade de vida - a deles. Para os demais franceses, os contribuintes, isso não foi observado. Deu no que deu...

Ainda na França, nós pudemos conhecer os diversos monumentos, as catedrais, o bairro dos artistas, o Champs Elysées. Navegamos pelo belo rio Sena, que divide a cidade ao meio. Mas e a Torre Eiffel, com seus 324 metros de altura, construída para comemorar o primeiro centenário da Revolução, em 1889, e que tinha prazo de validade de 20 anos, quando deveria ser destruída! Hoje não existe quem não associe Paris a esse cartão postal.

**ALPES** Para evitar toda a mudança viária do 14 de julho, em Paris, nós viajamos na segunda-feira, 13, para a Suíça. Fomos de ônibus, percorrendo centenas de quilômetros, observando todas as paisagens, todas as cores - os girassóis, os milharais, as parreiras. Aliás, passamos pela Borgone - região famosa pela qualidade de seus vinhos. Também observamos pela janela o condado de Alsácia, até que cruzamos a fronteira. Em terras suíças, o roteiro incluía somente uma noite em Lucerna. Antecipando o que viria depois, eu e a Rosana jantamos um belo prato de gnocchi ao molho quatro queijos. O momento não poderia ser mais romântico, pois um jovem violinista tocava belas músicas clássicas sobre uma ponte próxima ao restaurante. Na manhã de terça-feira, 14, fizemos um passeio de barco pelo Lago Quatro Cantones e visitamos o Monte Rigi.

**ITÁLIA** De Lucerna, nós rumamos para as terras italianas. Começamos por Milão, a capital financeira do país. Lá, conhecemos a Duomo, a Catedral Gótica, a Galeria Vitória Emanuele II, entre outros pontos dessa cidade, que em muitos aspectos lembra São Paulo.

De Milão, partimos para Sirmione - uma cidade às margens do Lago de Garda. Nós ficamos encantados com a beleza das construções e das paisagens. Parada seguinte: Verona, a chamada "cidade dos amantes", onde conhecemos o anfiteatro romano, e a casa de Julieta, do romance com Romeu, de Willian Shakespeare. Não ficamos muito mais do que uma hora em

cada uma das localidades italianas. No final do dia 15, chegamos a Mestre, a parte continental de Veneza.

A viagem de barco de Mestre a Veneza já traz muitas emoções. No caminho, a beleza do Mar Adriático, as construções históricas no arquipélago no Golfo de Veneza. Na ilha principal, quase mil anos de história dessa cidade tida como a primeira potência econômica do capitalismo. Lá visitamos uma fábrica de cristais, localizada próximo à Praça de São Marcos – padroeiro da cidade – onde se ergue uma imponente basílica. O veneziano Roberto foi o nosso gondoleiro. Ele disse que atua nessa área desde pequeno e que está muito surpreso, pois agora existe uma gondoleira – entre 400 homens. É a primeira mulher da história a conduzir esse pitoresco barco pelas estreitas ruas de Veneza. Apesar do intenso calor, nós nos divertimos muito. Até pão para os pombos nós demos. No caminho para Roma, ainda passaríamos por Florença, berço da arte renascentista italiana, e por Assis, a bela terra de São Francisco.

ROMA Ao chegarmos a Roma, nós fizemos um passeio panorâmico, observando a Piazza Venezia, o Coliseu, o Circo Máximo, a Trastevere e o Vaticano. No dia seguinte, nós nos levantamos às 4h da manhã e pegamos a estrada. Fomos conhecer os restos arqueológicos de Pompeia, cidade que sofreu, ainda no século I dC, os terríveis efeitos de uma erupção do Vesúvio. Depois, passamos pela cidade portuária de Nápoles, ao sul da Itália. E, finalmente, tomamos um barco rumo à Ilha de Capri, onde os imperadores romanos, no passado, e nós, no presente, descansamos a alma e os olhos – as vistas são paradisíacas.

No último dia, visitamos especialmente o Museu Vaticano, a Capela Sistina e a Basílica de São Pedro. Foi uma experiência ímpar! Nos momentos finais da viagem, uma aventura exclusiva: eleito pelo grupo como o responsável pela compra e entrega de presentes para o guia turístico, Christian, e para

o motorista, Sven, eu recebi a inspiração de oferecer livros para os nossos amigos. Assim, eu e a Rosana atravessamos a cidade de Roma, andando de ônibus, de metrô e – a maior parte do tempo – a pé, para encontrarmos uma livraria que tivesse obras estrangeiras.

LIÇÕES Nós aprendemos muitas lições durante os doze dias de julho de 2009 em que estivemos na Europa, comemorando os nossos dez anos de ‘reencontro’. Mas creio que a maior delas tenha sido perceber que nós, humanos, temos muita necessidade de nos relacionarmos com nossos semelhantes. Todos estamos em busca de conhecimento, de alegrias e de novas amizades. Ainda assim, para finalizar, eu quero destacar um aspecto muito especial dessa viagem: foi ótimo conviver tão intensamente com a minha esposa, Rosana. Eu penso que, agora sim, eu a conheço muito bem. E estou ainda mais apaixonado por ela.

#### TERNO E ETERNO ABRAÇO MATERNO

*Um gesto de amor de incalculável valor*

Quem me conhece um pouco já sabe que as rimas e os versos não fazem parte do meu cotidiano literário. Pouco leio e nada escrevo em forma de poesia. Mas nem por isso posso me privar da oportunidade de colocar as emoções, ainda que desordenadamente, de uma forma diferente. Mais sensíveis, eu diria. Afinal, no domingo, 8, comemoraremos o ‘Dia das Mães’. Assim, com maiúsculas, pois é superlativa a presença materna e onipresente seu amor.

De quando em vez, eu recebo cartas dos leitores. E-mails são mais frequentes, mas correspondências encaminhadas pelo correio têm um significado mais intenso. Saudosismo, quem sabe? Em uma dessas cartas, uma senhora me emocionou com

sua história. Eu a chamarei de Maria. Ela afirmou, na primeira mensagem, que um de meus textos a deixara mais confortada com uma situação que consumia suas últimas energias.

A segunda missiva é mais recente. Nesta, Maria pediu permissão para chamar-me de “filho”. A minha resposta foi positiva. Então, na semana passada eu recebi sua visita em meu lar de progredir espiritual. Sem que trocássemos uma palavra, abraçamo-nos com a alegria de dois amigos que se reencontram após longo tempo. Quando dirigimos o olhar um ao outro, ela ‘apresentou-se’. Contudo, pela vibração, eu a reconheci.

Na Índia, existe uma senhora de nome Mata Amritanandamayi (que, em sânscrito, quer dizer Mãe da Eterna Felicidade), ou simplesmente Amma – que significa mãe. Ela é chamada de santa pelo médico e escritor indiano Deepak Chopra. Segue o hinduísmo e incentiva a meditação e o auxílio ao próximo como forma de elevação espiritual. Amma abençoa as pessoas abraçando-as e afirmando: “Sejamos como velas, que se consomem para oferecer luz ao outro”. Feliz dia de todas as mães da Terra!

#### O PADRE E O SONHO

Eu me considero um amante do rádio. Até onde a outrora memória infantil alcança, eu ouço mensagens radiofônicas. Afinal, a família não tinha TV – que era realmente um privilégio de poucos lares brasileiros. Por isso, afeiçoei-me ao meu radinho de pilha. Bendito padre Roberto Landell de Moura (1861-1928), esse gaúcho que inventou as transmissões de voz sem fio.

Para quem está sendo apresentado agora a esse saudoso e injustiçado cientista, consta no site Wikipedia: “Pelo seu pioneirismo, o Padre Landell é o patrono dos radioamadores do Brasil. A Fundação Educacional Padre Landell de Moura foi assim batizada em sua homenagem, assim como o CPqD

(Centro de Pesquisas e Desenvolvimento) criado pela Telebrás em 1976, foi batizado de Roberto Landell de Moura”.

A insistência no nome se justifica: nós não preservamos os nossos valores. Em recente viagem à Itália, eu pude observar várias referências a Guglielmo Marconi, o físico bolonhês que patenteou o rádio. Ele inclusive ganhou o prêmio Nobel de Física, em 1909. Por isso, é considerado mundialmente o ‘pai’ desse importante veículo de comunicação de massa.

O site [www.mlm.landelldemoura.qsl.br](http://www.mlm.landelldemoura.qsl.br) colocou no ar um abaixo-assinado para corrigir esse erro. Como exposição de motivos, consta: “Você certamente sabe que Santos Dumont é o Pai da Aviação. Mas você sabia que o rádio foi inventado por um padre-cientista brasileiro, Roberto Landell de Moura, antes de Marconi? Além do rádio, Landell de Moura também projetou a televisão, no início do século XX, muitos anos antes da referida invenção ser anunciada ao mundo.

Ele patenteou inventos no Brasil e nos Estados Unidos, mas, por uma série de infortúnios, não conseguiu nenhum apoio para o desenvolvimento dos artefatos. Foi incompreendido, tachado de maluco e de ter pacto com o demônio. Não foi reconhecido em sua época e, pior ainda, até hoje é pouco conhecido, embora tudo esteja devidamente documentado”.

Vamos valorizar a nossa história. O Governo Brasileiro precisa reconhecer oficialmente o pioneirismo de Landell de Moura no desenvolvimento das telecomunicações. Participe, apoiando essa iniciativa, para que as invenções do padre – e foram muitas – sejam incluídas no currículo escolar obrigatório.

O sonho – Devidamente apresentados ao padre, eu escrevo agora sobre o sonho. Cada um de nós acalenta um objetivo de vida, no fundo, todos temos uma importante missão na vida. Algo que quem ainda não descobriu, viverá imensamente mais feliz quando encontrar o seu próprio caminho e... segui-lo.

O meu destino estava traçado desde a mais tenra idade. Foi fazendo uma locução de rádio, em emissora e jogo fictícios,

que aos dez anos eu narrei um jogo de futebol - com base nos atletas cujas fotos estampavam as páginas de um álbum de figurinhas. Houve muitos gols nesse jogo imaginário. Aos 15 anos, passei a integrar a equipe de esportes da Rádio Boa Nova, comandada pelo mestre Osvaldo Tassi. O sonho tornara-se realidade, enfim.

Existe uma lembrança que me causa muita emoção: naqueles tempos de adolescente precoce, eu tentei escrever textos sobre futebol para a Folha Metropolitana. Ofereci meus préstimos, mas não consegui um espaço. Ainda não era a hora. Porém, guardei mais esse sonho de algum dia observar o resultado de meus pensamentos, transformados em palavras impressas a ilustrar as páginas do jornal. Demorou cerca de 30 anos. Aqui estou.

A paciência, para mim, é um estilo de vida. Há anos abandonei o uso do relógio. Eu sigo o tempo de Deus. Assim, e somente assim, eu me blindei contra as decepções. O meu plano maior é não planejar coisa alguma. Vivo, portanto, um dia de cada vez - da melhor maneira possível. Luto tão-somente pelos valores eternos - aqueles que o dinheiro não compra. Nesse rol de virtudes, incluo a perseverança: quem avança um passo por dia, ainda que devagar, chegará infalivelmente a um lugar inimaginável no começo da história. Na bagagem, familiares queridos, muitos amigos e um radinho de pilha.

José Augusto Pinheiro, 47 anos, é guarulhense, bacharel em Direito, pós-graduado em Marketing e Propaganda, jornalista, radialista, escritor, professor universitário e membro da Academia Guarulhense de Letras

## CASAMENTO DE MYLTON E IVONE

Senhoras e senhores, boa tarde! É com grande satisfação que eu anuncio a entrada das famílias dos noivos; inicialmente, a família Pontes... e, agora, a família Mesquita...

Eu convido a todos para que, de pé, recebam os nossos queridos noivos...

Ivone e Mylton

"Amados noivos, queridos familiares, caríssimos convidados,

Dentre as inúmeras lições que temos aprendido com o Dr. Mylton e a laboriosa família Mesquita, faltava esta: O amor rejuvenesce.

Tem sido muito gratificante observar a felicidade estampada no rosto, nas palavras e nas atitudes do Dr. Mylton. De certa forma, todos nós estamos contagiados com essa alegria incontida.

O homem que aprendemos a admirar por sua postura simples, ética e amável - e a quem a cidade de Guarulhos e o cooperativismo de crédito estão na coluna de débitos - une-se hoje, em matrimônio, a uma linda dama.

Os olhos claros de Ivone nos oferecem a real dimensão da transparência de sua alma. No primeiro contato com ela, tem-se a impressão de que a amizade data de há muitos séculos. Sinal de outras existências, quem sabe?

Hoje, as famílias Pontes e Mesquita se irmanam. Neste 24º dia de outubro de 2009, o Dr. Mylton e a Ivone se transformam em um só ser - esse fenômeno só pode ser explicado pela inexorável alquimia do amor.

O amor não tem idade, mas oportunidade;

O amor não tem limites, tampouco fronteiras;

O amor não produz dúvidas, mas sim todas as respostas;

Por fim, o amor não tem futuro, pois é fruto que se consome tão somente no tempo presente.

Inestimável presente de Deus, o amor fraternal é o elixir da eterna juventude. Quem tiver emoção para sorver as vibrações vitais advindas de um abraço afetuoso, que se levante...

Troque energia positiva com quem você tanto estima. Movidos pelo exemplo dos noivos Mylton e Ivone, vamos nos abraçar mutuamente. Ofereça a sua melhor atitude, abra o seu coração e... seja muito feliz!

Parabéns, Dr. Mylton! Parabéns, Ivone!

Que a sua união seja coroada de bênçãos de saúde, paz, harmonia e prosperidade!

## JACQUES MIRANDA DE OLIVEIRA

ÀS VEZES, FALANDO, DESTA VEZ, CRONICANDO.

ETERNIZANDO O ESQUECÍVEL

*Talvez o lado complicado do escritor esteja em eternizar coisas que deveriam ser esquecíveis.*

Li um livro muito triste de um autor chamado Hermann Hesse, que era gravado de um lado muito depressivo. Tratava de uma viagem relatada de maneira objetiva, mas com muitos, mas muitos percalços. O livro chama-se Viagem ao Oriente. Ele, Hesse, magistralmente relatou aquela viagem, eternizando, como fazem os escritores, ou seja, mesmo aquelas coisas que lhes são ruins, penosas.

Mas o que quero dizer é que todos nós temos aquele "dia para esquecer". Pra mim, aconteceu dia desses. Nada dava certo.

Pela manhã, ao acordar, derrubei café. Até aí, tudo bem, troquei de roupa e segui meu caminho. Entretanto, num momento, lá pelas 9h da manhã, tive uma discussão com um aluno, sem muito propósito, nos excedemos, é verdade, e isso me aborreceu.

Fiz o pedido de um livro pela Internet que extraviou. Fui visitar um cliente e fiquei 2 horas no trânsito. Por conta do trânsito, ida e volta, perdi o horário para encontrar com meus amigos. Mandeí um motoboy resolver um assunto e voltou sem nada conseguir - não deu certo - pior, sequer ligou. Precisava falar com uma cliente, não a encontrei, perdi o horário.

Que dia! Péssimo.

Dizem que isso é coisa dos astros. Preciso aprender mais a respeito.

Enquanto isso, vou eternizando os dias bons e ruins.

## CUIDADO COM TUDO

O exercício de escrever um livro é fascinante. Você se recluso de tudo e de todos. Não se permite sequer assistir à TV pois pode contaminar o seu senso, fazê-lo perder o foco e, oportunamente, colocar no texto algo como “Ronaldo”, “Ô Loco Meo”, “Barbaridade”, “Põe na Tela”, “Isso é uma Vergonha”, dentre outros verbetes.

Muito pior do que isso acontece se você está escrevendo um livro técnico extremamente elaborado, fruto de pesquisas, com teses objetivas comprovadas, equações diversas e, para comprovar tudo isso, acaba escrevendo “nunca antes neste país...”.

Cuidado com o que ouve e vê, pois você pode contaminar? Salomão Swartzman, jornalista dos bons, daquela safra da saudosa Revista Manchete, disse certa vez que não acredita em nada que não possa tocar ou sentir, por isso não acredita em Juliana Paes.

Outro cidadão, de cujo nome não me lembro, disse que ninguém vive de ilusão, só de realidade, só acredita naquilo que é concreto. Casou-se com um saco de cimento. E aquele amigo dentista - a profissão não tem nada a ver com o que vou falar, mas achei bom colocar só para constar... aliás, cuidado com o que lê por aí - disse que a vida dele está diferente: tomou wiskie Johnnie Walker (cuja logomarca é um personagem em marcha, como se estivesse caminhando) com Activia (bebida láctea que promete melhorar o trânsito intestinal de qualquer um) e agora está - com um milhão de perdões pelo argumento escatológico - cagando e andando. Tá vendo, precisa tomar cuidado com o que ouve, com o que vê, com o que fala e por onde anda, pois pode-se pisar no objeto deixado pelo dentista que está no parágrafo anterior.

Aliás, por falar em dentista, mais uma de outro dentista: Vá em busca de seus sonhos. Se não tiver em uma padaria, vá a outra.

Para finalizar, tome cuidado ao rir, também, pois quem está do lado pode achar que você é louco.

Aliás, adoro falar aliás!, diga para ele [quem achou você louco] tomar cuidado com o que ele anda achando sobre você!

Parei.

## SABOREIE A RETIDÃO. POR QUE NÃO!

Já comentei algumas vezes que todas as coisas da vida têm um certo sabor, mesmo aquelas que não ousamos sequer colocar próximas da boca. Aliás, o nosso cérebro responde aos estímulos físicos da mesma maneira que o psicológico. Por isso, tem aquele assunto, inteligência emocional, que se tornou matéria, abordado pelo brilhante Daniel Goleman. Mas isso é uma outra história... (meeeeesmo)

Imagine o gosto do limão? Isso, aquele limão verdinho no qual você acabou de dar um talho com uma faca afiada, separando-o em duas metades? Imagine levando à boca e espremendo-o? Claro, vai espirrar para os lados, não se preocupe, porque alguns pingos irão cair, azedos, azedíssimos por sinal, na sua boca. De tão azedo, você vai fechá-la e fazer furinho nas bochechas, balançando a cabeça para ambos os lados, fazendo careta e cerrando os olhos. Pronto! Sua boca ficou cheia d'água. A minha pelo menos!

Dia desses, recebi um e-mail de um amigo-irmão que trouxe uma sentença em uma determinada contenda judicial cujo juiz deixou de lado todo o objetivo da ação e partiu para o filosófico, aludindo o réu à sua vida pessoal, considerando que ambos, réu e juiz, tinham uma semelhança: eram filhos de marceneiro. Claro que ao final, ele sentenciou a favor do réu, mas o que importa é que - mesmo nos momentos de retidão - há que se saborear os detalhes e colocar um pouco de arte no dia a dia.

Enfim, que inspiração magnífica daquele causidico! Aliás, eu me deparei com uma colega com quem convivi por pouco tempo na faculdade de Direito e que está com um blog de viés litero-filosófico sensacional. Acho isso o máximo. Vibro

quando um aluno me diz que está lendo, escrevendo, se inspirando, enfim, caminhando para as letras e a cultura. Diz-se que está saboreando a arte, não só o azedo do limão, mas o doce do morango e de tudo que pode ser fruta ou não.

Diga-me dos seus sabores.

### O NOME DA PESSOA

Adoro encontrar papéis em livros comprados no sebo. Por acaso, descobri que este é um hobby de muita gente, principalmente daqueles que adoram livros e eventualmente não têm mais nada de interessante para fazer.

Um dia, abri um livro e encontrei um bilhete que dizia assim:

- Oi, se você puder, compre seis pãezinhos na padaria.

Veja que lindo: alguém pedindo para outra pessoa comprar pãezinhos, que romântico, não é? Olha que assunto idiota, mas vou tentar me redimir desta asneira. Veja bem, quando alguém começa com um 'veja bem' é um perigo!

No texto não dá para saber se quem pediu foi uma mulher para um homem ou o contrário. Talvez o mais óbvio seja a primeira opção. Também não dá para afirmar se era um casal, um pedindo ao outro. E se foi o pai pro filho; neto para o avô... Não dá também para saber se o cidadão ou a cidadã comprou o tal pãozinho. Aliás, dá para ir mais além, dependendo da inspiração. Usando o lado funesto das coisas, será que ela (ou ele sei lá) não comprou e foi morto a facadas quando estava lendo o livro, e o bilhete caiu dentro? E, se ele (ou ela, diacho!) achou tão carinhoso o pedido que guardou como marca-página para todo o sempre?

Ah!, isso vai longe demais. Vou guardar minhas conclusões para uma outra crônica.

Mas, a última: será que o dono da livraria colocou este bilhete só para me sacanear?

Conseguiu.

### DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS EM 09 DE DEZEMBRO DE 2009.

Cumprimento Excelentíssimo Senhor, digníssimo presidente da egrégia Academia Guarulhense de Letras, jornalista Aristides Castelo Hanssen, a quem agradeço a honra em ocupar a tribuna e em cujo nome, saúdo os demais membros da mesa diretora.

Cumprimento o nosso ilustre mestre de cerimônia, José Augusto Pinheiro, a quem peço mercê, antecipadamente, pois irei lhe dirigir a palavra por algumas vezes e, assim, saudando-o, estendo tal saudação aos futuros e atuais confrades deste sodalício.

Cumprimento meus pais, José e Shirley, bem como minha esposa Ana Paula e minhas filhas Cibele e Gabriele, em nome das quais saúdo e reverencio o distinto público presente.

Minhas senhoras, meus senhores.

É flagrante o meu contentamento ao me encontrar neste instante num dos mais prósperos momentos de minha vida. Faltam-me verbetes do nosso rico idioma para compreender como a minha humilde obra, atrelada à minha tímida trajetória, me faz merecedor de tão preciosa honraria.

Confesso ter relutado em aceitar este encargo. Confesso, também, ter reconhecido bondade na indicação do meu nome feita pelo querido amigo-irmão e confrade José Augusto Pinheiro, a quem passei a admirar não somente pela sua postura austera, entusiasta, mas, sobretudo, pela sua sensibilidade.

Senhoras e senhores. Venho de uma caminhada estimulada por diversas vias, pais, esposa, filhos, amigos iluminados, colegas, relacionamentos profissionais preciosíssimos, alunos, que são seres provocativos, todos, de cuja inspiração transborda um entusiasmo que me impulsiona à trilha das letras e que são figuras que compõem a feliz paisagem de minha vida.

No instante em que me coloco para discorrer breves considerações acerca do meu patrono, OTÁVIO RODRIGUES LANGGAARD FILHO (Luiz Octávio), permito-me falar um pouco a respeito da semelhança havida na escolha do meu nome para ocupar a cadeira de número 12 deste sodalício.

Otávio é um nome que tem uma relação muito próxima da minha família por parte de meu pai, pois seu irmão mais velho se chama Otávio e me lembro de que, quando criança, este nosso tio tinha o costume de frequentar nossa casa na capital paulista. Octávio também foi o nome de um sobrinho falecido há mais de 20 anos, filho da irmã de minha esposa.

A família LANGGAARD, em sua árvore genealógica, notabilizou-se por ter diversos membros ligados às ciências jurídicas, coincidência havida também em função de uma de minhas formações acadêmicas.

Luiz Octávio tinha afinidade com o idioma francês, outra coincidência baseada na grafia original de meu nome: Jacques. Ainda assim, seu pai era baiano da cidade de Barra do Rio Grande, sem contar que viveu um determinado período na cidade de Campinas. Estas duas coincidências dizem respeito também aos meus ascendentes, pois José, meu pai, nasceu na pequenina cidade de Paripiranga, no norte da Bahia. Minha mãe, Dona Shirley, na cidade limítrofe a Campinas, Limeira.

O sobrenome Oliveira, da família do pai do meu patrono também, faz sentido em relação ao meu sobrenome herdado de meu pai. Coincidências demais? Seríamos parentes? Não, apenas meras e ledas coincidências. Coisas das quais diriam os ávidos exotéricos tratar-se de "alinhamentos dos astros".

Neto de dinamarquês, seu avô médico chegou ao Brasil em 1842. Seu pai, Rodrigo Octávio, foi advogado hábil, orador fluente, político vibrante e liberal apaixonado.

Latejante de ambições literárias, bacharelou-se em Direito. Homem de letras, era poeta, memorialista, contista, novelista, ensaísta, historiador, mestre, jurista e magistrado. Poderia ser chamado nos dias de hoje, seguramente, de um cidadão multimídia.

Seu pai foi um dos fundadores da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS e ele sucedeu a cadeira 35. Suas dezenas de obras se iniciaram com a publicação em 1922 do livro de poesias chamado de Alameda noturna. Um dos seus mais expressivos trabalhos foi o livro Política e Direito Internacional de 1955.

Pelas suas mãos, conduziu alguns grandes nomes para ocupar cadeiras na egrégia Academia Brasileira de Letras. Destaque-se, o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda.

Fundou revistas, fez parte do Conselho Superior do Instituto dos Advogados Brasileiros e do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil. Foi orador oficial do Clube dos Advogados. Fundador e presidente da Sociedade Felipe d'Oliveira. Organizou e foi o secretário-geral do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula, comemorativo do centenário de Rui Barbosa e promovido pela Academia Brasileira de Letras, em 1949. Foi um dos fundadores do PEN Clube do Brasil, do qual foi secretário-geral, vice-presidente e fez parte do seu Conselho da Presidência.

Ocupou diversos cargos na Academia Brasileira de Letras, iniciando como segundo-secretário e chegando a ocupar a presidência em 1955.

Nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1892, curiosamente no 8 de dezembro, data em que se comemora o dia de Nossa Senhora da Conceição e o aniversário da Cidade de Guarulhos.

Segundo narra o acadêmico Josué Montello, até para morrer Octavio requintou-se na meiguice do seu estilo. Após uma festa de casamento em que passou em uma por uma das mesas com uma terna palavra para cada um que cumprimentava, retirou-se da festa, foi para casa, trocou de roupa, vestiu o pijama, deitou-se com a mão no peito, fechou os olhos e morreu sem um ai, sem um gemido, como quem se retira da vida na ponta dos pés, em 20 de abril de 1969 aos 77 anos de idade.

Um belíssimo legado com princípio, meio e fim.

Seguramente, minha trajetória pessoal não possui uma ínfima parcela do que foi LANGGAARD, por outro lado, o conhecimento da obra de meu patrono será para mim um estímulo para trilhar o caminho das letras. Inspiração que me fará buscar na palavra escrita o alimento para a alma das pessoas, colaborando para quebrar a miopia cultural dos incautos da sociedade e, enfim, baldear o anseio dos seres humanos: a busca felicidade. Aliás, sentimento do qual nutro à plenitude e que se mistura ao outro sentimento: o de gratidão por tal oportunidade de ocupar espaço nesta nobre tribuna.

Por derradeiro, me despeço de José Augusto Pinheiro, pela indicação, aos meus pais, minha esposa, filhas, colegas da Faculdade Eniac e especialmente ao público presente, muitos dos quais fazem parte da minha história e, assim, tomando emprestadas as sábias palavras de Santo Agostinho, para quem o homem precisa repartir o que tem para ter o que merece de volta, divido esta honraria com todos vocês.

Muito obrigado!

## JOÃO BOSCO DA SILVA

### O PASSARINHO

Era uma vez um Reino de nome *Agnacussiob*, Situado em uma ilha perdida no Caribe. Neste Reino vivia uma família remanescente de um Naufrágio de um Navio, ocorrido no século X. A Família se compunha de cinco pessoas. O Mais velho era o Conselheiro, de nome *Leicam Ocsob*. A ele cabia resolver as questões mais complexas da Ilha. A esposa do Conselheiro era uma Cortesã de nome *ILram. Oicirbaf*, por ser jovem e forte, cuidava da Segurança da ilha. E, *Enomis, sua mulher*, Cuidava dos afazeres da casa e do filho Murilo.

A família vivia em uma sociedade, onde todos se Ajudavam. Enquanto *Leicam Ocsob* atuava como O Juiz da comunidade, *Oicirbaf* cuidava da Segurança da ilha. Para fazer a vigilância das praias, utilizava uma prancha de surf. E para vigiar o Continente, ele tinha um plantel composto de sete Cavalos e duas éguas. Por serem animais muito fortes, os cavalos foram batizados com nomes de planetas. Mercúrio, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e eram os cavalos *Plutão*, eram seus nomes. As éguas chamavam-se *Vênus* e *Terra*. *Enomis* recebia a ajuda de *ILram* para cuidar de *Murilo*, criança saudável e risonha, que era a Alegria da família. E o menino tinha poderes e Conhecimentos mágicos, que só o Conselheiro e *Oicirbaf* sabiam. O restante da Família desconhecia tais atributos.

A ilha onde viviam, era dividida por uma Muralha que ia de uma serra à outra, atingindo a Distância de trinta quilômetros. Enquanto de um Lado da muralha vivia a família, o outro lado não era habitado por ser considerado a "Terra dos pássaros encantados". O muro, do lado dos habitantes, tinha inscrito em letras gigantes, a palavra *MURILO*. As seis letras atingiam a distância de seis quilômetros. É importante saber que *Enomis* inspirou-se na palavra de letras

gigantes da Muralha, para dar nome a seu filho.  
 E, em uma tarde do primeiro dia do primeiro mês  
 Do ano I do segundo Milenio, a família se reunia  
 no quintal do Castelo para comemorar a "Festa de  
 ano novo". Quando, um passarinho branco de asinhas  
 pretas, e manchas negras nos olhos parecendo um  
 Curumin, apareceu para comer algumas migalhas de  
 pão espalhadas no quintal. então ILram, que estava  
 com a criança no colo, começou a falar;

"Vem passarinho, vem !"

"Vem passarinho, vem !"

"Vem passarinho, vem !"

Quando Enomis, diz;

"Gostaria de pegar aquele passarinho com as  
 Mãos, e dá pra Murilo acariciá-lo"

Rapidamente Leicam Ocsob, intervém;

"Não é tão fácil assim. Este passarinho é  
 quase intocável, por ser um pássaro encantado.  
 Este é um dos pássaros que vivem do outro  
 Lado da muralha"

E Enomis, lamenta;

"Que pena, gostaria tanto !"

E Leicam Ocsob, novamente intervem;

"Só existe uma situação em que este passarinho  
 Pode ser tocado. E se me permitirem, eu explico"

E todos concordaram em ouvir o Conselheiro.

E ele começou;

"Estão vendo aquela caverna !"

Era uma gruta tendo na frente de sua entrada, uma pedra  
 Enorme. Para se ter uma idéia, a pedra tinha  
 Aproximadamente dez metros de diâmetro, com  
 Uma espessura de dois metros. Seu peso se aproximava  
 De duzentas toneladas.

E Leicam Ocsob prosegue;

"Dentro desta caverna existe uma chave de ouro.  
 A pessoa que conseguir pegar esta chave,  
 Deverá - com a chave nas mãos - chamar  
 O passarinho. Aí o passarinho virá do outro lado  
 Do muro, e se deixará pegar. Como recompensa,  
 pela conquista, o Deus dos Mares concederá  
 à família, muitos Anos de paz, prosperidade e saúde.  
 Isto só pode ocorrer uma vez a cada mil anos,  
 Ou seja, no dia 1 do mês 1 do início de um milenio"

Feito o relato, todos seguiram calados,

como se estivessem diante de um desafio.

Então, ILram lembrou;

"Hoje é o dia 1 do mês 1 do início do segundo  
 milenio, portanto, a data quando este  
 Fato é possível de acontecer. Porque não,  
 tentarmos ?"

E Oicirbaf adverte;

"O difícil é remover a pedra que fecha a entrada  
 Da caverna"

E o Conselheiro, lembra;

"... Tem mais. Diz a lenda, que os diálogos travados  
 Pelas pessoas que estiverem com a missão de  
 remover a pedra, devem ser feitos em forma de  
 poesia, que é a linguagem dos Deuses. E porisso,  
 qualquer erro, poderá botar tudo a perder"

E Murilo, agora usando de seus conhecimentos mágicos, fala;  
 “Meu pai. A saída para a remoção da pesada pedra  
 está nas letras que estão na muralha. É que cada  
 letra tem uma propriedade capaz de levantar e até  
 remover grandes pedras. Só não sei como trazer  
 as letras gigantes da montanha até aqui.”

Mas, Oicirbaf completa;

“Por isso, não! Para ir buscar as letras, posso  
 Utilizar meus poderosos cavalos”

E com um grito que podia ser ouvido  
 A quilômetros, ele convoca seu plantel,  
 Já em forma de poesia;

Meus poderosos cavalos  
 Que venham nos ajudar  
 As letras dessa muralha  
 precisam vir para cá !

E num piscar de olhos, apareceram do nada  
 os sete poderosos cavalos. Não vieram as  
 Éguas Vênus e Terra, por tratar-se de uma  
 Missão de uso de força bruta.  
 E Oicirbaf em tom forte, diz;

“Estou pronto para a missão !”

E Murilo diz ao pai;

A letra “M” em meu nome  
 É “M” de martelar  
 Por ser a primeira letra  
 Tem tudo pra começar

Então Oicirbaf, com um assobio,  
 Ordena que o cavalo Mercúrio  
 Vá até a muralha e traga a

Letra “M”. E como um raio,  
 O cavalo obedece trazendo a letra  
 Aos pés do pai de Murilo.

Em seguida a letra “M”  
 Começou a martelar  
 Tentando quebrar a pedra  
 E a pedra sem se quebrar

E Oicirbaf responde;

Infelizmente não deu  
 Com outra vamos tentar  
 A letra “M” do nome  
 Não pôde nos ajudar

E Murilo diz ao pai;

A letra “U” de meu nome  
 É capaz de ajudar  
 A letra “U”, oh meu pai  
 Tem o poder de urrar

Então Oicirbaf com um assobio,  
 Ordena que o cavalo Marte  
 Vá até a muralha e traga a  
 Letra “U”.

E a letra “U” de Murilo  
 Deu Urros de amedrontar  
 Tentando mover a pedra  
 E a pedra parada lá

E Oicirbaf responde;

Infelizmente não deu  
 Vamos de novo tentar  
 A letra “U” de seu nome  
 Não pôde nos ajudar

E Murilo diz ao pai;

A letra "R" em meu nome  
Terceira daqui pra lá  
É "R" de remover  
Com esta vamos tentar

Agora Oicirbaf ordena que o  
cavalo Júpiter Vá até a muralha  
e traga a Letra "R".

E a letra "R" do nome  
Fincou as pernas no mar  
Com os ombros forçou a pedra  
E a pedra no seu lugar

E Oicirbaf responde;

Infelizmente não deu  
Com outra vamos tentar  
A letra "R" do nome  
Não pôde nos ajudar

E Murilo diz ao pai;

A letra "I" de meu nome  
Tem o poder de imar  
A letra "I", oh meu pai  
Eu acho, vai ajudar

Rapidamente Oicirbaf ordena  
que o cavalo Saturno  
Vá até a muralha e traga a  
Letra "I".

E a letra "I" se atirou  
Lançando imãs pro ar  
Tentando içar a pedra  
E a pedra parada lá

E Oicirbaf responde;

Infelizmente não deu  
Vamos de novo tentar  
A letra "I" de seu nome  
Não pôde nos ajudar

E Murilo diz ao pai;

A letra "L" em meu nome  
Tem força pra levantar  
Vamos tentar esta letra  
Agora vai ter que dá

E Oicirbaf ordena que o  
cavalo Urano Vá até a muralha  
e traga a Letra "L".

E a letra "L" imponente  
Depois de se concentrar  
Ordena: "Levanta pedra!"  
E nada de levantar

E Oicirbaf responde;

Infelizmente não deu  
Agora pra completar  
Se com o "O" não der certo  
A pedra não sairá

E Murilo diz ao pai;

A letra "O" de meu nome  
que agora vamos tentar  
De todas letras do muro  
só ela que sabe orar

Finalmente Oicirbaf ordena  
que o cavalo Netuno  
Vá até a muralha e traga a  
Letra "O".

E a letra "O" de Murilo  
Ajoelhou-se a rezar  
Rogando "Senhor dos Mares,  
Retire a pedra de lá!"

E Oicirbaf responde;

A pedra nem se mexeu  
Permaneceu no lugar  
Infelizmente não deu  
Mas solução haverá

Diante do impasse, ILram sugere

E se juntar todas letras  
E pô-las pra atuar  
As forças se multiplicam,  
E a pedra explodirá

E Oicirbaf concorda em  
Por em prática tal sugestão.

E com um assobio, e um gesto  
Circular com o braço, ordena que o cavalo  
Mais forte de seu plantel "Plutão",  
Posicione todas as  
Seis letras diante da caverna.  
O cavalo obedeceu-lhe fielmente.  
E, com um grito que pôde  
Ser ouvido a quilômetros  
Dali, Oicirbaf ordenou;

Que todas letras do muro  
Com a força que Deus lhes dá  
Cumpram o que está escrito  
Destruindo a pedra JÁ!

Em seguida a letra "M"  
Começou a martelar

Na mesma hora o "U"  
Desembestou-se em urrar  
Rapidamente o "R"  
Fincou as pernas no mar  
Os imãs da letra "I"  
Zuniam de tanto imar  
Em prantos a letra "L"  
Gritava: "vou levantar!"  
Enquanto que a letra "O"  
vibrava de tanto orar

Foi quando se ouviu uma grande explosão.  
E a pedra da caverna se transformava  
Em uma grande nuvem de pó.  
Nuvem que demorou duas horas para se  
Desfazer totalmente. A partir de então,  
já era possível se vê o interior da caverna,  
onde, bem ao centro, jazia imponente,  
uma chave de ouro. E sem saber de onde  
vinha, uma luz intensa aumentava ainda mais  
o seu brilho. Enomis foi ao interior da caverna,  
Pegou a chave com muito cuidado,  
E vagarosamente afastou-se do local.  
Minutos depois, todos lhe acompanhavam  
chamando o passarinho;

"Vem passarinho, vem ! "

"Vem passarinho, vem ! "

"Vem passarinho, vem ! "

"Vem passarinho, vem ! "

"Vem passarinho, vem ! "

"Vem passarinho, vem ! "

De repente surgiu voando sobre  
A muralha, um passarinho branco,  
Vindo posar bem próximo da mãe

de Murilo, onde havia as migalhas de pão. Então, a mãe cautelosamente acolhe o passarinho em suas mãos, e leva até o menino, para que este possa acariciá-lo. E Murilo acariciou-o delicadamente. Logo, se estabeleceu entre todos ali presentes, um clima de calma e harmonia. Dizem que por sete gerações aquela Família viveu em paz, com muita saúde E prosperidade. Dizem até, que estas Pessoas Atravessaram séculos, e vivem em Nosso meio nos dias de hoje. Há pessoas até, que dizem, que é possível identificar quatro dos personagens desta história, e o local onde ela ocorreu, bastando para isso, ler as palavras sublinhadas deste texto, contra o espelho. Eu particularmente não acredito. Acho que tudo isso não passa de uma Lenda.

## LINEU ROQUE ACEIRO

### IRONIA DE MORIBUNDO

José Aureliano Lessa, nasceu em Diamantina, Minas Gerais, em 1928, falecendo na cidade de Conceição do Serro, também Minas Gerais, nos idos de 1961.

Notabilizou-se como importante poeta brasileiro, ultrarromântico, boêmio contumaz, tendo o seu trabalho sofrido forte influência de Álvares de Azevedo. Sua esparsa produção poética foi publicada após sua morte, num único volume intitulado: "Poesias Póstuma", em 1873.

Poeta digno de louvor e admiração, apesar de atitudes inoportunas, cuja intemperança ficou famosa na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, no tempo de Álvares de Azevedo, de quem foi companheiro mais íntimo e fiel. Ainda assim, conseguiu chegar aos 33 anos, porém, inteiramente inutilizado pelo consumo exacerbado de bebidas alcoólicas. Botequins, tabernas e fumaças - dias e noites adentro....

Às portas da morte, o ventre enorme, percebendo a esposa Augusta em prantos, consolou-a entre risos, declinando a quadrinha abaixo tão bem inspirada, improvisada quase nos estertores da agonia:

"Enxuga, Augusta, este pranto  
nas dobras da tua anágua;  
que teu pobre Aureliano  
morre de barriga d'água!"

### MUDAR O MUNDO

Ao desabrochar das flores, início de tempos primaveris, nascia na distante bucólica São João da Boa Vista, São Paulo, uma robusta menina. Era o dia 06 de setembro de 1918 e a recente criatura dada à luz, é registrada no único cartório da

vilazinha, com o nome de Antonia Silveira, depois Ribeiro, quando contraiu matrimônio com Jaime Ribeiro, bombeiro de inúmeros prêmios conquistados na antiga e gloriosa Força Pública do estado de São Paulo.

Concebia-se, assim, o mais belo exemplo de casamento feliz, abençoado e duradouro com a vinda de vários filhos, sempre imperando na família o afeto, o respeito, carinho e amor.

Quanta gente de valor não há por aí, completamente esquecida, sem o reconhecimento que tanto merece pelo que fez, realizou e idealizou pelo bem comum, vivendo no mais triste e completo anonimato. Entretanto, a posteridade venera dona Antonia Silveira Ribeiro, como uma santa imortal, vencedora imbatível da força do mal, de injustiças e incompreensões que jamais conseguiram destruí-la porque ela se tornou um símbolo da verdade, de alto valor humanitário, de amor e de coragem.,

Em meados do ano de 1947, dona Antonia muda-se com a família pra Guarulhos, vindo residir na recém-formada Vila Pascoal em Gopouva.

A estaçãozinha solitária, apesar de quase sempre às moscas, encantava com suas fumaças, apitos, idas e vindas dos poucos passageiros que dela se serviam, inclusive, um bombeiro fardado que todos os dias, ao cair da tarde, descia do comboio e devagar caminhava para sua casinha aconchegante - a terceira construída no lugarejo.

Ah!, o Gopouva, a Vila Pascoal daquele tempo... Como seria agradável aos nossos olhos se tudo pudesse voltar a ser como antigamente. Se o implacável tempo retrocedesse, nós poderíamos, acima de qualquer desejo, ter o prazer, ante a oportunidade, de rever as imagens e os cenários românticos que foram vividos nas suas ruazinhas, nas praças, nos trilhos do trem madrugador, que cruzava os barrancos úmidos do bairro de Torres Tibagi.

E dona Antonia, nesse período, se desdobra, eram tempos difíceis. Lava, passa, cozinha, dá banho nos filhos, envia-os

para a escola e tenta, de todas as formas, melhorar a ciência doméstica, inventando pratos saborosos, práticos e baratos, porque eram poucas as misturas.

Nossa biografada mostrou-se sempre atenciosa com o marido, filhos e com as suas mulheres, como ela mesma gostava de afirmar. Não pôde, infelizmente, se formar obstetra, mas tinha qualidades que a autorizavam para tal, além do dom extraordinário que Deus lhe deu de assistir partos interessantes, ora simples, às vezes complicados, mas todos muito bem sucedidos. A partir de 1949, dona Antonia passa a exercer incansável trabalho comunitário à frente da Liga Feminina de Gopouva. Na modesta e benfazeja organização guarulhense, teve a oportunidade de demonstrar toda sua competência e habilidade como dedicada parteira, tendo feito vir à luz, com raríssimo sucesso, aproximadamente, 800 bebês, hoje criaturas dispersas por toda Guarulhos, da Ponte Grande ao Cabuçu.

Evidentemente que, por tais realizações, era constantemente procurada pelas gestantes para apadrinhar os seus filhos - e o seu enorme coração nunca permitiu que se negasse a tão nobre incumbência, participando ativamente no auxílio da educação de inúmeras crianças por ela batizada. Para as operações mais delicadas, teve, dona Antonia, o apoio oportuno dos poucos profissionais da época, médicos de inegável valor e competência: Nicolau Falci, Antonio de Brito, Dr. Nogueira, Cotrim, Dácio Montans, entre outros. Esses estudiosos da medicina conheciam muito bem e admiravam o trabalho laborioso da parteira guarulhense, e não foram poucas as vezes que encaminharam jovens sem condições financeiras para que suas benévolas mãos atendessem.

Pouco, ou quase nada, cobrava pelo serviço de parto, e as que pudessem pagar, cooperavam com pequena ajuda de custo para as principais necessidades do momento, porém, na maioria das vezes, esses trabalhos eram graciosamente realizados. E, se esse cordial atendimento não bastasse, para as parturientes mais pobres, logo após darem à luz, dona

Antonia, vendo-as muito fracas, preparava, em sua própria casa, um revigorante e aquecido caldo de galinha que Silvio, seu filho, menino ainda, fazia entrega por todo o período de resguardo.

Não foram poucas as vezes em que a mãe de um recém-nascido, primária e inexperiente, não tinha nem o que vestir em seu bebê, então, dona Antonia outra vez ia em socorro da jovem parturiente, costurando, em sua Singer, roupinhas com retalhos ofertados por comerciantes ali mesmo estabelecidos. Adquiria nas padarias da região sacos de farinha vazios transformando-os depois em suaves fraldas, cueiros, que com a lavagem constante tornavam-se macios e sedosos. Não havia ainda as práticas descartáveis.

E assim foi por mais de três décadas, de 1950 a 1980. Nada justificava, não havia desculpas e nem tempo ruim. Em nome de Deus, caiu-lhe do céu a voz "Avança sem temor", e fizesse sol ou chuva, de manhã, à tarde, à noite ou nas frias madrugadas, lá ia a dona Antonia socorrer a sua mulherada, expressão carinhosamente usada e por ela mesma retratada. Zelando sempre pela integridade física da paciente, demorasse o tempo que fosse, custasse o que custasse, somente deixava a casa da parturiente quando percebia encontrar-se tudo em ordem e o problema resolvido. Aos médicos acima citados, apenas recorria em ocasiões especiais quando o caso lhe parecia mais grave, fora de suas condições de conhecimento e resolução. Nessa hora, largava todas as coisas e acompanhava a gestante até a Santa Casa de Guarulhos, ou em situações mais complicadas, encaminhava-a à Maternidade Leonor Mendes de Barros, no Bairro do Tatuapé, que em caráter gratuito atendia aos mais necessitados.

Por sua postura singular e benevolente, ainda nos dias atuais, quando caminha pelas ruas da cidade, surpreende-se ao ser chamada com carinho de "madrinha" por uma grande parte da população - famílias que acompanharam o esmero que empregou na feitura de sua obra, assistindo partos, salvando vidas nas pequenas povoações que iam surgindo: Vila Leda, Jardim Tranquilidade, Jardim Vila Galvão, Vila Augusta...

Seu trabalho apostolar não se desenvolveu unicamente nessa área da medicina, Antonia foi também importante líder comunitária, prestando serviços de real valor para a comunidade local. Graças ao seu esforço, moradores viram entrar em circulação a primeira linha de ônibus ligando Vila Galvão e Gopouva a Guarulhos, centro, na gestão Fioravante Iervolino, nesse época, proprietário da Empresa de Ônibus Guarulhos. Esse saudoso alcaide-empresário é quem providenciou a abertura do trecho da Avenida Emílio Ribas que ligaria o bairro de Gopouva ao Jardim Vila Galvão, hoje Praça Ana Antonelli. Para tal empreendimento, entretanto, teve o senhor Prefeito Municipal que tomar atitude corajosa - momento em que, adquire uma possante motoniveladora que com maior eficiência abriu o caminho que existia morro abaixo da Emílio Ribas, até atingir o anel viário, encerrando-se na Vila do Padre Galvão.

Digna de belíssima nota a indicação de dona Antonia, porque naquele tempo as ruas do acanhado bairro eram feitas por trabalho manual, demorado e cansativo - na pá e no enxadão. Suas terras pedregulhosas, retiradas dos barrancos altos foram sendo vagarosamente retiradas, transportadas por caçambas ambulantes, carrocinhas coloridas puxadas por mulas e mulos. Formava-se, assim, um quadro interessante de se observar: "os animais mansos e obedientes com suas caçambas colocadas umas atrás das outras dispostas em boa linha - mais de vinte".

No dia da inauguração houve festa, música, discursos e novas promessas. Dona Antonia e moradores compareceram prestigiando a solenidade e felizes puderam acompanhar quando duas reluzentes jardineiras de cor amarela fizeram o trajeto inaugural entremeio a grande queima de fogos que a todos encantou. A motoniveladora, entretanto, que tantas ruas abriu e aplainou, trazendo visível progresso para a cidade, encontra-se atualmente, exposta ao grande público, que pouco ou quase nada sabe da sua importância, atirada atrás do Teatro Nelson Rodrigues, na Praça Cícero Miranda, na Vila Galvão,

completamente esquecida, descoberta e sem identificação, exposta a todo tipo de poluição, intempéries e ferrugem, agentes causadores de sua destruição.

### · AQUI NINGUÉM PÕE A MÃO!

Corria tranquilamente a década de 50. Para obra de reparo e alargamento de ruas, a Secretaria de Obras da municipalidade decide, apenas para ganhar espaços, sem se preocupar com a desastrosa atitude e prejuízos que causaria para o meio ambiente do progressista bairro de Gopouva, ou seja, o corte e derrubada de importante árvore ali plantada, uma Paineira, estimada por todas, não só pela paina que produzia como, principalmente, pela beleza e abundância de suas flores.

No dia determinado, logo às primeiras horas da manhã, um trenzinho apinhado de passageiros parou na pequena estação Gopouva - e todos olharam com espanto. De um caminhão basculante saltaram, dispostos, inúmeros braçais da Prefeitura empunhando machados, pás e picaretas para a execução do aniquilamento cruel da bela, altíssima e frondosa árvore.

O trem ia partir novamente, mas agora todos sorriam admirados quando perceberam a Liga das Mulheres de Gopouva, liderada por dona Antonia, que, de mãos dadas, rodearem o grosso tronco da Paineira e, em bom tom a grande líder alertava: "Aqui ninguém põe a mão".

Na locomotiva estridente, os passageiros felizes partiram para São Paulo, e o Prefeito Municipal, com urgência, ordenou ao mestre de obras que colocasse as ferramentas no caminhão e trouxesse de volta os operários e que deixassem a árvore em paz com os seus protetores. Solicitou ainda o Prefeito que providenciassem junto à Câmara Municipal, uma Moção Congratulatória para a excelsa mulher - e não se fala mais nisso.

Tudo voltou à normalidade, o trenzinho fumarento que encantava parou para sempre, os moradores não são mais os mesmos - a parteira aposentada ainda está entre nós - velhinha, velhinha e de maneira elegante a avelhada paineira todo ano flori...

Faltava, para maior conagração dos moradores do vilarejo, que aos poucos ia progredindo, a edificação de um pequeno templo, um altar onde pudessem, aquelas criaturas, iniciar o culto cristão. Outra vez a líder comunitária toma a dianteira, e, junto ao esposo, Capitão Jaime, consegue sensibilizar o proprietário da gleba, senhor Martinho Polillo, e assim, recebem por doação um belo lote de terreno, onde mais tarde, com sacrifício, trabalhos comunitários, bingos, mutirões e ajuda de todo tipo, conseguiu-se construir a Capela de São Francisco de Assis. Atualmente aumentada e várias vezes reformada, recebe um considerável número de católicos que nela se flexionam, cultuando com ardor sua fé e sua religião.

"Reze como se tudo dependesse de Deus e trabalhe como se tudo dependesse da criatura humana". Essa palpitante citação se encaixa perfeitamente na caminhada terrestre da dona Antonia - muito querida e respeitada por todos os políticos daquele período feliz, afáveis e de nobres sentimentos: Fioravante Iervolino, Rinaldo Poli, Heitor Mauricio de Oliveira, Mylton Mesquita, Adolfo Vasconcelos Noronha, Gasparino José Romão, Valdomiro Pompêo, Moyses José Zeraibe, Alfredo Nader, Néfi Tales, Oswaldo de Carlos, entre outros. Muitos se manifestaram com entusiasmo a respeito.

"Na minha primeira candidatura à vereança guarulhense, tive uma grata e surpreendente surpresa no momento em que vi nas urnas o meu nome sufragado em números elevadíssimos. Dona Antonia foi minha madrinha política. Muito devo a essa mulher generosa, excelente parteira e ardorosa praticante do bem comum."

Alfredo Antonio Nader.



“Foto, paineira, abril de 1992 – Estação e o sobradinho de Alfredo Nader”.

“Papai várias vezes me confidenciou: “uma dona Antonia Ribeiro em cada bairro e eu facilmente me elejo prefeito desta cidade”.

Décio Pompêo.

Ao ler e relembrar o andar triunfante dessa mulher incomum, a gente sente umas vontade inexaurível de ...mudar o mundo.

### MÃE É MÃE

Meu tio major é que contava esta, e eu, lembrando dele agora, aumento um pouco...

Existia nas proximidades do bairro do Ipiranga, em São Paulo, uma vetusta figueira conhecida com meiguice pelo nome de Árvore das Lágrimas. Curioso, não? De onde teria vindo esse sugestivo nome?

A história é singela, mas comovente. À sombra dessa copada figueira, despediam-se dos seus, os rapazes que, tomando a estrada de Rodagem de Santos, partiam para o Rio ou para a

Europa, a fim de se dedicarem a estudos universitários. E essa sombra hospitaleira também testemunhou os últimos abraços e os derradeiros adeuses trocados entre os moços que partiam para a guerra do Paraguai. E os irmãos, pais, noivas, que ficaram...

Finda a guerra, iam eles aguardar seus queridos vitoriosos. Alguns voltavam, outros nunca, haviam tombado no campo de luta.

Ora, conta-se que nessa romaria à árvore figurava uma velhinha, que para lá se dirigia todas as tardes, à espera do filho soldado. O rapaz, porém, não voltava... Uma tarde, a anciã deixou-se ficar imóvel, colada às raízes da árvore centenária, a orar, sem dúvida, pelo filho. O manto negro da noite, que era de junho, desceu frio, e na madrugada seguinte, os passantes quando iam para o trabalho, encontraram junto à figueira um corpo exânime: era a mãezinha do soldado.

Pouquíssimos haverá entre nós, acadêmicos guarulhenses, que ainda têm os carinhos e conforto da presença materna. Haverá, sim, os que dela terão apenas uma reminiscência muito remota, a esbater-se vagamente na distância dos dias em que a mãe lhes dirigia o passo sem rumo certo - duvidoso.

Já que falamos desse sentimento tão profundo, o amor materno, ocorre-me o caso daquela criancinha que adoecera gravemente, acometida pela peste pneumônica e se achava internada em um hospital onde sua mãe trabalhava como enfermeira. Altas horas, na quietude da noite escura, ouve o médico de plantão, um ruído suspeito. Seria um ladrão, um enfermo delirante? Ergue-se mais que depressa para ver de que se trata, e no corredor depara com a mãe do doentinho desenganado. Pergunta-lhe, energicamente, o que ali está fazendo tarde da noite, contrariando os regulamentos da instituição hospitalar.

- Fui dar de mamar a meu filho, respondeu mansamente a interpelada.

- Aquela criança atacada de peste é seu filho? Que loucura essa! Não sabe então que aquela doença é contagiosa e fatal? - exclama o médico.

- Sei sim, volve a enfermeira, mas tive pena dele, gosta tanto de mim!

Passados alguns dias foram para a mesa do necrotério dois corpos: mãe e filho...

Maio 2010

MARIO YOSHINAGA

### FALTA DE CLINICA GERAL NO URBANISMO?

Conversava com um engenheiro civil sobre as especialidades da Engenharia e da Arquitetura. Os profissionais se tornam tão específicos, em estudos tão aprofundados, que perderam a visão geral do assunto em que se inserem. A especialidade, cada vez mais competente no seu fragmento, foi perdendo a capacidade de diálogo entre as partes e enfrentando uma crescente dificuldade no entendimento do conjunto. Isso acontece na maioria das ciências, além da Arquitetura e Urbanismo e da Engenharia, sendo um exemplo bastante presente no campo da medicina: faltam bons Clínicos Gerais. Aqueles profissionais que detectavam, com certa precisão, as possíveis deficiências do paciente.

No Urbanismo de hoje, carecem os Clínicos Gerais. Urbanistas mais generalistas que possam reunir as diversas especialidades compondo-as de forma a obter maior eficiência, qualidade urbana, conforto e segurança.

Enquanto na área de edificações, o Arquiteto consegue reunir as especialidades como engenharia de estruturas, de hidráulica, mecânica, elétrica, comunicação, incêndio, transporte, entre outras, e projetar um prédio com um desenho adequado à sua função, dando-lhe uma forma com a expressão desejada sem comprometer o desempenho de cada instalação, no projeto urbano ainda vivemos uma situação de improvisações.

Ainda, o projeto urbano vive a condição das antigas - ainda usuais nas pequenas construções - edificações, onde as paredes, depois de erguidas e revestidas eram cortadas para a colocação das redes hidráulicas, elétricas e de comunicações. Nos prédios modernos, existem previsões de espaços para essas redes, pensadas em conjunto, para que não tenham interferências, funcionem com eficiência e tenham manutenção de baixo custo.

No Urbanismo, as redes correm no espaço público das ruas, cada uma com seu projeto independente, e não raras vezes ocorrendo interferências entre elas, paralisando o fornecimento aos consumidores.

No Urbanismo acontecem especialidades que estão muito além da paisagem urbana. Muito além do que se vê. Sob a superfície do solo, nos subterrâneos, correm gases, líquidos, elétrons, bits, etc. carros em tuneis, metrô em tuneis e até adutoras em túneis. Pela superfície do solo circulam veículos diversos e pessoas. Pelo ar, ondas hertzianas, fios diversos para inúmeras voltagens, capacidades e utilizações.

O Urbanista precisa conhecer o visível e o não visível, do todo que se ligam e interferem e que são partes indispensáveis ao funcionamento da cidade.

O Urbanismo com suas especialidades crescentes ficou difícil de ser dominada por um único profissional, como nos tempos do Eng. Prestes Maia que criou o Plano de Avenidas para o centro de São Paulo. Esse Clínico Geral do urbanismo, como na medicina, está desaparecendo nas grandes cidades e sua ação reduzida a pequenas intervenções.

É possível que o Urbanista de hoje deva ser mais generalista, reunindo os conhecimentos básicos das várias áreas de estudo que compõe o todo urbano, saber como essas áreas se relacionam com adequação e principalmente com eficiência. Nesse sentido, entende-se que o Urbanista passaria, cada vez mais, a ser um profissional com a habilidade de reunir várias partes necessárias às funções urbanas, de forma eficientemente compatíveis. Enfim, um Clínico Geral da cidade.

### LICITAÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS

O assunto de hoje é licitação de obras públicas no Brasil: uma vergonha. Aliás, uma falta de vergonha, uma evidente incompetência da administração pública e um lesa pátria descarado.

Enquanto em alguns países as obras públicas só são licitadas com projeto executivo, como é o caso dos Estados Unidos da América, EUA, no Brasil permite-se que obras públicas sejam licitadas apenas com um Projeto Básico. O Projeto Básico não traz detalhes da obra, deixando brechas para interpretações, alterações, adaptações e aditamentos, dando oportunidade para aumentos de prazos e de custos. É quase uma rotina ler nos jornais que uma obra custou 2 a 3 vezes o valor licitado devido a imprevistos e modificações nas quantidades de serviços.

Essa prática, com amparo na lei de licitações, é na verdade um desrespeito ao cidadão, pois tornam as obras públicas mais caras, e por permitir decisões, muitas vezes políticas, que comprometem a qualidade das obras e portanto do meio urbano.

Sem o projeto executivo a execução da obra passa a depender de freqüentes e improvisadas estimativas de quantidade, custos, prazos, etc. na qual decisões posteriores à contratação serão então negociadas, nem sempre com a presença dos técnicos, e nem sempre do interesse e benefício da cidade.

Paralelamente a essa prática, os governos procuram manter um quadro de técnicos permanentes minimamente indispensáveis para dar legalidade aos trâmites burocráticos das licitações, fiscalização, medições e pagamentos. Minimamente, pois na medida do possível o quadro de funcionários comissionados, portanto com cargos preenchidos sem concurso e sem passar pelo processo de seleção, crescem cada vez mais. O número de cargos de confiança a nível federal no Brasil gira em torno de 21.000 enquanto países como os EUA tem apenas 4.000. Não tenho dados sobre os cargos de confiança à nível dos Estados e dos Municípios, mas deve ser um bom tema para ser estudado ou para uma reportagem investigativa. Também não tenho dados sobre os limites na proporção de cargos de funcionários de carreira e de comissionados, mas é um assunto que merece

maior atenção pois tudo indica que se trata de uma forma de duvidosa legalidade, remunerando pessoas apenas pelo engajamento político, portanto com pouca ou nenhuma contribuição às cidades.

As equipes permanentes de funcionários públicos sofrem a falta de incentivos para oportunidades de atualizações profissionais por parte dos governantes eleitos, sendo esse despreparo técnico aliado ao baixo salário ( muitas vezes descumprindo o salário mínimo profissional de Engenheiros e Arquitetos), uma condição favorável às empresas privadas, seja para ter condições vantajosas de negociação face à superioridade de conhecimentos, seja em atrair os técnicos para fornecer informações privilegiadas ou favores particulares.

Além da alta proporção de comissionados no serviço público, ultimamente estão sendo questionados os acessos de cargos permanentes através de concursos públicos onde algumas pessoas teriam informações privilegiadas, aumentando assim o número de funcionários escolhidos politicamente. Com esse artifício, os políticos conseguem que seus partidários ocupem os cargos permanentes, aumentando assim o contingente de pessoal improdutivo para a cidade.

Tanto as licitações sem Projeto Executivo como o excessivo numero de cargos de confiança drenam os recursos econômicos das cidades, e como Urbanista não posso deixar que as cidades continuem com o grau de ineficiência e de qualidade urbana devido ao desperdício de recursos.

Com as obras feitas com Projetos Executivos, teríamos muitos profissionais especializados empregados e produzindo ambientes urbanos mais eficientes; e com menos cargos de confiança e melhor remuneração dos técnicos de carreira, o serviço público teria maior eficiência técnica e menos dreno do dinheiro público para servir a interesses políticos.

## O FENÔMENO "SUSAN BOYLE" E OS ARQUITETOS.

Susan Boyle, o fenômeno, parece não ter nada a ver com os arquitetos. Realmente nada tem, diretamente.

Mas,... me ocorreu outro dia um pensamento: se ela não tivesse a oportunidade de se apresentar naquele programa, e se fosse repetido com ela a inacessibilidade ao palco pelo preconceito da boa aparência, como ocorre com muitas pessoas sem os privilégios físicos de nascença, a Susan Boyle ainda estaria no anonimato, a despeito de suas comprovadas qualidades artísticas.

Então, me ocorreu traçar um paralelo com o caso do profissional arquiteto: de muitos arquitetos que ficam eternamente na sombra, misturado em meio a equipes, nas salas dos fundos e no fundo das salas, trabalhando 14 horas por dia e em alguns fins de semana, resolvendo projetos de grande porte durante muitos anos, ao ver a obra pronta não tem o prazer de ver seu nome na placa, muitas vezes exibindo simplesmente o nome da empresa e do coordenador de projeto.

Toda a sua competência fica arquivada nos papéis e memórias digitais. Enquanto isso, alguns de seus colegas vivem profissionalmente com grande visibilidade, aparecendo como autor de projetos, eclipsando a sua equipe, a construtora, os instaladores e até mesmo o proprietário da obra.

Alguns arquitetos têm a oportunidade de exibir a autoria de projetos. Mais ainda, conseguem clientes que os apóiam, até mesmo nas formas pouco usuais e bastante onerosas, permitindo-lhes buscar o inusitado formal e promocional.

São arquitetos que já nasceram no palco e apenas aguardaram o acender das luzes.

E assim, lembrando Susan Doyle, me ocorreu que alguns arquitetos nasceram longe do palco, estavam fora da casa de espetáculos e nem tinham o endereço do local, mas pela perseverança foram se aproximando aos poucos, encontraram o endereço, conseguiram os ingressos, e a muito custo

chegaram até o palco e tiveram enfim o seu momento sob os holofotes. Em alguns casos, as luzes se acenderam após o final da carreira, que para muitos arquitetos coincide com a vida biológica.

Muitos outros arquitetos, também competentes, viveram sem saber da existência do palco iluminado, ou se souberam, não se interessaram em ser eles o espetáculo, mas as suas obras. E para eles, o espetáculo da obra arquitetônica estaria menos no visual formal, ( preocupação de alguns arquitetos que se auto promovem), e muito mais na emoção que seus espaços causam nos usuários, de forma correta, adequada, segura, confortável e sem desperdícios.

Alguns arquitetos conseguiram o efeito Susan Boyle ao sair do anonimato ao ganhar um concurso internacional de projetos. Sim, subiram ao palco e as luzes se acenderam. A diferença é que em concursos de projetos existe um custo de trabalho e de materiais de apresentação, que limita aos que dispõem de tempo, de equipe e de dinheiro. Portanto, apenas para as Susan Boyle mais riquinhas.

Portanto, temos muitos arquitetos aguardando a oportunidade que teve Susan Boyle, com um palco de maior acessibilidade.

## MARIA AURORA JOSÉ ROMÃO

### NOITES E DIAS...

Hoje, neste dia, minha vida, tão minha!  
 Todos meus dias e noites; noites e dias...  
 Eu me sinto tão eu! Tão viva! Vida, vida.  
 Os meus passos; passo a passo; ainda...

Entre uma coisa e outra, dentre muitas idas...  
 Meus passos, às vezes, cansados; outros não!  
 Sigo em frente, qual, a lichia: adocica...  
 Os meus sonhos de menina; meu coração!

As noites e os dias adocicam a vida!  
 Eu e você, você e eu... Toda sua e você tão meu...  
 Viajamos juntos, a tempo, assim, mesmo!  
 Baby, o que somos: um único coração.

O nosso amor tão real e forte, sem cortes...  
 Amantes confiantes na vida; vida...  
 Tão sal... Tão minha... Vida a vida, caminha!  
 Dias e noites; dias e noites; noites e dias...

[Majr/02/09/2010]

## O QUE É A VIDA, AFINAL?

Dar a luz: é vida.  
 Os seus filhos: é vida.  
 Uma criança: é vida.  
 A sua saúde: é vida.  
 O respirar: é vida.  
 Viver a vida: é vida.  
 Sol a brilhar: é vida.  
 Lua a iluminar: é vida.  
 O seu acreditar: é vida.  
 O acreditar em si mesmo: é vida.  
 O seu amor ao próximo: é vida.  
 O convívio com sua família: é vida.  
 O amor de seus pais alimentados pelo seu: são vidas!  
 O acreditar no mundo: é vida.  
 A luta por um dia melhor: é toda uma vida intensa.  
 O que move os seus dias: é a sua crença na vida inteira!  
 E, são os passos que vocês dão!  
 "Drão. A vida é como um grão. Uma semente de ilusão..."  
 (Gilberto Gil).  
 O seu amor diante de você, dos seus, da vida, alimentam sua fé!  
 A fé: em seus passos...  
 Passos: firmes, ou, tortos? Desviados, ou, retos?  
 Passos seus. Passos dos dias; passos das noites...  
 O seu olhar ilumina todos eles!  
 A sua boca canta os seus ritmos: noite e dia, noite e dia...  
 As suas mãos, e, seus pés: nas labutas da vida, sinas... Sinas.  
 Passo a passo: seguem seus caminhos, de pronto!  
 Um sentir de toda essa magia, às vezes, ainda; que, tardia.  
 Em, seu corpo: respira a vida. Toda uma vida: dia e noite, dia e noite...  
 Então, tudo emana na fé que depositamos em nós!  
 Da fé: em Deus, Nosso! Nos Anjos de cada um de nós, em nossas vidas!

Sem essa fé, ainda que, arrastada, às vezes, é sua, só sua. E, de mais ninguém!  
 Mesmo assim, fracos; arrastando os passos; sedentos de amor...  
 Ainda!  
 As suas mãos, os seus pés, o seu corpo: adocicam a vida, em meio, grassa...  
 O seu olhar que ilumina a tudo isso!  
 A sua boca que propaga esses ritmos: encanta e canta, qual, a lichia, ainda...  
 "Um dia... Vivi a ilusão de que ser homem bastaria..."  
 (Gilberto Gil).  
 Qual, uma criança, ainda; exalando o aroma, qual, a lichia...  
 "Eu, fico com a resposta das crianças: é a vida, e, é bonita! É bonita!  
 Viver, e, não ter a vergonha de ser feliz.  
 Cantar, e, cantar, e, cantar com a certeza de ser um eterno aprendiz.  
 Ah, meu Deus! Meu Deus! Eu queria que a vida fosse bem melhor, e, será!"(Gonzaguinha).  
 Só, o seu olhar a iluminar toda uma vida, ainda...  
 "Tente outra vez...  
 "Veja, a água viva, ainda, está na fonte... Você tem dois pés pra cruzar a ponte..." (Raul Seixas).  
 O sabor dos ventos, das chuvas, dos orvalhos, tudo: é vida!  
 Morangos, pêssegos, cerejas...  
 Por Ele a vida emana em nós, sempre! Por Ele...  
 Que nos dá a vida de todos os dias!  
 Que nos dá a vida de todas as noites, ainda.  
 Que, somente, Ele, impulsiona nossas vidas!  
 Mesmo, que, qual, o arco-íris: a vida, assim, não pareça.  
 Saboreie o aroma da vida: morangos, pêssegos, cerejas...  
 Tudo: Emana de Deus, Senhor Nosso! Assim, Seja.

Majr/24/10/2009

## OS TAMANHOS DE MEUS SONHOS!

A quem importa?  
 O andar de meus dias...  
 O sonhar de minhas noites; o pisar de meus passos!  
 Não finto os dias, nem as noites, nem sequer seus açoites!  
 Sigo a sonhar sonhando meus dias...  
 De nada me importa a sua língua!  
 Não enfeito as noites quentes e frias?  
 O seu veneno champanha minha língua!  
 Nem a luz de minhas noites e dias que tanto iluminam...  
 Atuo no palco de meus passos tão vivos!  
 Mesmo, que sua língua me agrida; ainda.  
 O que faço, ou, não, de minha vida?  
 Não importam meus sonhos...  
 Nem tampouco seus tamanhos!  
 Quimeras; quimeras; quimeras; finto!  
 Ouso sonhar, ainda! Querelas de menina...  
 A vida se faz cada vez mais viva. Tudo traz!  
 Grassa a vida contida; giras e giras!  
 Sou o grão que adocica sua vida!  
 Qu'importa o tamanho de meus sonhos? Meio...  
 Quiçá a lichia em noites quentes e frias!  
 Giro em giras a grassar em sonhos!  
 De nada importa sua língua; tão viva ainda!  
 O seu veneno champanha minha língua.  
 Assim... Mesmo, assim, ainda; canto, meu acordar.  
 Não importam meus sonhos, meus encantos tantos!  
 Nem tampouco seus tamanhos! Luas e sóis: sonho...  
 Sonhos... Sonhos... Sonhos...

Majr/ 29-08-2006

## TAMANHO DE MEUS SONHOS!

Sou louca! Dizem a bocas pequenas...  
 Que vejo o mundo cabisbaixo; sussurros mudos.  
 A minha vida tão fingida! Reescrevo o mundo de meus dias...  
 No palco da vida atuo, antes do show acabar!  
 Finto a vida com muito escarro; essa vida bandida!  
 Finjo sentir a dor que sinto! Paradoxo destino...  
 Mesmo que digam; não ouvem!  
 Mesmo que provem; negam ainda; mentiras!  
 A dor tão sentida está viva nas noites e nos dias...  
 É uma dor voraz; com uma fome atroz de chamas!  
 Mesmo que queira de nada adianta!  
 O meu grito se cala na garganta.  
 Sigo a sonhar sonhando os meus dias!  
 De nada me importa a sua língua!  
 A quem importa o tamanho de meus sonhos, senão a mim mesma!  
 O andar de meus dias; o sonhar de minhas noites tão minhas...  
 O veneno de suas línguas em minhas entranhas; vulneráveis meninas!  
 Sou assim: a fênix de todos os dias; de luas em luas; anarquista!  
 Finto as noites e os dias de minha vida?  
 Os seus venenos champanham minha língua!  
 Saboreio-os com paixão os aromas desses vinhos... Ébrios tintos!  
 Passo a passo minha trilha traço; o avesso do avesso, ainda...  
 Sigo sonhando os sonhos: enfeites das noites quentes e frias!  
 As suas línguas, a mim, de nada importam, ainda! O meu agora?  
 Encantos!  
 Não importam meus sonhos; nem tampouco, seus tamanhos!  
 São tão meus! E, pronto! De todos os tamanhos, decanto-os...

Majr/ 21-05-2005

PLINIO TOMAZ

#### FATOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Vou expor, sem nenhuma ordem, alguns fatos interessantes da segunda guerra mundial, pois, segundo alguns especialistas em história, eles se repetem em 30%.

1. Os industriais e banqueiros alemães e italianos ajudaram com enormes recursos financeiros a criação do fascismo de Mussolini na Itália e do nazismo de Hitler na Alemanha. O termo fascismo abrange o nazismo.

2. A igreja católica apoiou inteiramente o fascismo de Mussolini, e as igrejas católicas e protestantes na Alemanha apoiaram totalmente Hitler, tanto é assim que adotaram o livro "Minha Luta" de Hitler em substituição à Bíblia e, ao invés da cruz de Jesus Cristo, adotaram a Cruz Gamada Nazista nas Igrejas Alemãs. Foram muito poucos os padres católicos e protestantes que foram contra e foram obrigados a fugir da Alemanha. Na Europa até hoje é comum os padres e pastores receberem do governo para o seu sustento.

3. Hitler achava firmemente que o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, cuja sigla é NAZI e que deu origem ao termo nazista, era um partido socialista. Mussolini era comunista e virou fascista. Quando foi deposto pelo grande conselho fascista, voltou a ser comunista.

4. Após a primeira guerra mundial, a União Soviética (USSR) assinou um pacto em 1922 com o Ministério da Defesa Alemã para treinamento de soldados e armas dentro do seu território. O pacto foi assinado na Itália na cidade de Rapallo e recebeu este nome. Havia um acordo público e um acordo secreto.

O pacto de Rapallo vigorou até 1933 quando Hitler ascendeu ao poder na Alemanha. No pacto, os alemães eram treinados com os seguintes nomes secretos: Lipestk (aviação), na cidade de Lipestk; Kama, na cidade de Kazan (tanques); e

Tomka (armas químicas), na região do Volga em locais secretos dentro da União Soviética. Isto foi documentado por dois russos: Yuri Dyakov e Tatyana Buscheyeva em 1995 no livro *The Red Army and the Wehrmacht*.

Lembremos que na paz assinada em 1919 com o término da 1ª guerra mundial a Alemanha não podia ter mais de 100.000 soldados.

A Rússia encorajou a criação do fascismo alemão e treinou os melhores soldados dentro da própria USSR. Os autores russos informam que a verdade não é difícil de achar como todos pensam, mas o problema é provar, pois as mentiras e meias verdades são substituídas por outras. Não há dúvida de que os maiores crimes do século XX foram cometidos pelo fascismo alemão e pelo stalinismo.

5. A segunda guerra mundial iniciou quando a Alemanha invadiu a Polônia. O objetivo era deixar a Polônia um país livre novamente. No final, os americanos e ingleses deram a Polônia de presente aos soviéticos. Por quê ?

6. Ao término da guerra, em 1945, o ditador Stalin quase ganhou o prêmio Nobel da Paz.

#### BASE AÉREA DE CUMBICA

Na década de 50, quando eu era moleque, nossas grandes atrações de Guarulhos eram a igreja Nossa Senhora da Conceição, que era bem velha (1635 ou 1761), a represa do Cabuçu, que tinha sido inaugurada em 1905, e a Base Aérea de Cumbica. Somente em 1948 é que foi pavimentada a rua Dom Pedro II.

O grupo escolar Capistrano de Abreu, que fica na esquina das ruas Capitão Gabriel e Gabriel Machado, conforme Dr. João Ranali, foi inaugurado em primeiro de julho de 1926. Quando entrei na escola Capistrano de Abreu em 1948, aos 7 anos, eu e meus vizinhos íamos jogando bolinha de vidro até a escola. Não havia nenhuma rua pavimentada.

Na base Aérea de Cumbica, ficavam os militares com os seus aviões. Havia um trenzinho que vinha da capital de São Paulo e ia até aquele imenso brejo onde ficavam as sete pontes onde os soldados faziam os seus treinamentos e os pilotos frequentemente faziam as simulações de voo.

A temperatura da Base Aérea de Cumbica era muito fria. Dizia-se que era no mínimo sempre uns dois graus abaixo da temperatura do centro de Guarulhos. Ninguém podia entrar na "Base" e no Cabuçu. Todos comentavam como se conhecessem, mas não tinham entrado para ver como era.

Em Guarulhos, as ruas não tinham pavimentação e eram frequentes à noite as garoas. Todos tinham a sua capa. Por isso é que São Paulo, capital, tinha apelido de terra da garoa, que hoje não existe mais. Quando estudava à noite no ginásio da Escola Estadual Conselheiro Crispiniano, que provisoriamente funcionou nas dependências do Grupo Capistrano de Abreu, durante certa época do ano todos íamos de capa. Era, na época, exigido dos alunos que frequentavam as aulas, o uso de terno e gravata, sem os quais não se entrava na escola. Para entrar no ginásio, tínhamos que fazer um cursinho chamado "admissão" e como havia poucas vagas somente os melhores faziam o ginásio. Meus professores do cursinho de admissão foram: Elio de Castro Mesquita, Hernani Furini, João Copoloni (da Penha) e a dona Ivete Zacarias.

Lembro-me de ter visto, várias vezes, caminhões cheios de militares, que tomavam conta das esquinas das ruas de Guarulhos com seus fuzis às costas.

Quando já estava formado engenheiro civil e trabalhava no SAAE, conversei com um topógrafo e ele disse que tinha trabalhado com um primo do meu pai, o engenheiro civil Olavo Facchini, formado no Mackenzie, que tinha construído a base militar de Guarulhos na época da segunda guerra mundial.

Meu pai confirmou, dizendo que o engenheiro Facchini era seu primo e que morava na capital e que de fato tinha construído o aeroporto militar. Soube depois, lendo um livro do Dr. Manoel Botelho, que o projeto e a obra foram feitos

por brasileiros e que meu professor José Augusto Martins foi quem construiu a pista dos aviões em Guarulhos. Como a construção da pista de aviões em Guarulhos requeria muitos conhecimentos de drenagem, após o término da obra, o engenheiro Martins foi convidado pelo Dr. Lucas Nogueira Garcez para ser professor de hidráulica na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Conversei em 2010 com o prof. José Augusto Martins se tinha visto um antigo hangar onde ficavam aviões e planadores para treinamento de pilotagem dos alemães antes da 2ª guerra. O prof. Martins me informou que logo que estourou a 2ª guerra mundial o presidente Getúlio Vargas mandou demolir tudo que fosse suspeito dos alemães, italianos e japoneses, de maneira que quando foi construir a pista não se observava nenhum vestígio da pista de treinamento, anteriormente construída.

O meu sogro fez treinamento para pilotar aviões naquela pista e manejo com metralhadoras alemãs e não foi para a Alemanha porque seu pai não deixou e todos os que foram de Guarulhos lutaram na Luftwaffe e ninguém sobreviveu.

Segundo o Dr. João Ranali, o terreno para a construção da Base Aérea de Cumbica de 401 alqueires foi doado para o governo federal pela família Guinle. A inauguração oficial da Base Aérea de Cumbica foi em 26 de janeiro de 1945, quase no fim da guerra.

O prof. Martins me enfatizou que todas as construções, mesmos aquelas em estilo californiano, foram projetadas e construídas por engenheiros e arquitetos brasileiros, sempre dirigido pelo brilhante Dr. Olavo Facchini, chefe do Setor 4 das obras da Força Aérea Brasileira.

O Dr. Facchini, mais tarde, fez parte da comissão que construiu o novo aeroporto internacional de Guarulhos. O interessante é que um primo da minha mãe, Aldo Forli Scocatti, tinha conhecido o Dr. Facchini numa loja maçônica em São Paulo e se tornaram grandes amigos.

O Dr. Aldo foi dentista da seleção brasileira e viajou para o mundo inteiro. Era considerado uma figura nacional na odontologia no que se refere às operações buco-maxilo-faciais. Meu filho Plínio Augusto, que também é dentista, numa palestra sobre operações buco-maxilo-faciais ouviu a menção ao Dr. Aldo Forli Scocatti como uma figura de proa.

Hoje, junto à Base Aérea de Cumbica, existe o Aeroporto Internacional de Guarulhos, o maior do Brasil.

#### ALEGRIA DO MAL

Um americano judeu, que foi diretor de cinema, fez um curso de literatura na Universidade de Colúmbia em New York e escreveu um livro sobre todos os livros que teve de estudar para concluí-lo.

Uma vez, foi assaltado no metrô de New York por duas pessoas e só foi entender a satisfação dos bandidos, após ler o livro de Santo Agostinho, denominado "Confissões".

Neste livro, Agostinho declara que um dia quando tinha 16 anos de idade, junto com um amigo, foi roubar peras do seu vizinho. Após colhê-las, sentiu-se contentíssimo, mesmo observando que as frutas furtadas não estavam boas, sendo, por esta razão, jogadas aos porcos.

Comenta então sobre a "alegria do mal": um estado de euforia que sentiu ao praticar aquele ato e a necessidade de ter consigo alguém que presenciasse e com quem repartisse tamanha satisfação, por isso levou seu amigo.

## FALTA DE ÁGUA E EXCESSO DE ÁGUA

Quando eu era aluno na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, o professor doutor José Meiches, Secretário de Obras Públicas do Estado de São Paulo, em seu primeiro dia de aula, disse:

-Os problemas de água são dois: a falta de água e o excesso de água.

A falta de água potável é devida à demanda, isto é, o consumo é maior que a capacidade do fornecimento, ou seja, do suprimento. O equilíbrio baseia-se em três fundamentos, o suprimento, a demanda e a eficiência do serviço público, no que se diz respeito ao abastecimento.

O excesso de água é a conhecida enchente, em que casas, ruas, bairros, indústrias são alagados, causando, além dos problemas econômicos, problemas de saúde pública, pois os rios poluídos com esgotos e as enchentes fazem com que os ratos defequem e urinem em locais onde o homem se alimenta.

Vamos nos preocupar agora com o excesso de água, ou seja, das enchentes.

Primeiramente é necessário entender que o conceito de enchente é relativo. O que é enchente para uns pode não ser enchente para outros.

Um rio, um córrego possui dois leitos. O primeiro é o pequeno leito, onde ele corre a maior parte do ano e que tem aproximadamente o período de retorno de dois anos. O segundo é o grande leito, que ele ocupa na época de chuvas, que geralmente vai de dezembro a fevereiro e tem período de retorno aproximadamente de 100anos.

Para se ter um exemplo, quando eu era criança, na época de chuvas olhávamos o rio Tietê da rua D. Pedro II em Guarulhos e víamos as margens todas alagadas. Ninguém se importava e não se falava em enchente, pois não havia habitantes nas margens do rio Tietê e, portanto, não havia pessoas prejudicadas.

Com o crescimento populacional, as áreas próximas dos rios e córregos, as chamadas áreas ribeirinhas, foram loteadas e construídas, casas, favelas e indústrias. Então, quando chove, nós dizemos que houve uma inundação, que houve uma enchente. Na verdade, não houve inundação, tampouco enchente, apenas o rio ocupou o grande leito.

O que faz o poder público? Trata de canalizar aquele córrego ou rio. Trata de alargar o rio, aprofundá-lo para que um maior volume de água seja transportado. Assim, os governos municipais, estaduais e federais consomem grande quantidade de dinheiro alargando os rios, retificando, desassoreando, concretando as margens, para aumentar a velocidade e, conseqüentemente, a vazão dos rios.

O escoamento das águas de chuvas são chamadas pelos engenheiros de drenagem. Assim, temos a drenagem rural, que se dá na área rural, e a drenagem urbana, que se dá nas cidades. Para nós, o mais importante é a drenagem urbana. A parte da engenharia que estuda o escoamento de rios, canais, água subterrânea é a hidrologia. Chama-se hidrólogo o engenheiro que é especializado em hidrologia.

Existem dois conceitos principais de drenagem urbana.

O conceito antigo é o seguinte: você coleta a água de chuva, coloca numa tubulação e joga o mais longe possível de você. Assim, você faz redes coletoras de águas pluviais, ou seja, as galerias tiram a água da frente das casas e joga-a o mais rápido possível para longe, nos córregos e rios mais próximos.

Quando você joga a água de chuva nos rios, o que é feito é transferir o problema, isto é, aquela água que estava atrapalhando você, é jogada para o rio, e no rio vai haver um transbordamento, ocasionando um problema lá embaixo, isto é, a jusante.

O conceito moderno de controlar inundações é segurar a água de chuva. A água de chuva deve ser segurada, retida certo tempo, até passar a chuva para depois soltá-la aos poucos nos rios sem causar transbordamento. Trata-se de um conceito novo no Brasil, que surgiu de forma efetiva nas áreas urbanas

em 1992, quando o engenheiro civil Aluisio Pardo Canholi, de São Paulo, projetou e construiu o piscinão do Maluf, na Praça Charles Muller, no bairro do Pacaembu.

O problema que havia na região do Pacaembu era bastante simples. Chegavam à praça Charles Muller  $43\text{m}^3/\text{s}$ , e a avenida Pacaembu tinha galerias que só podiam comportar  $13\text{m}^3/\text{s}$ . O que o Dr. Canholi fez foi somente dimensionar um reservatório bem grande para deter a água e deixar passar no máximo a vazão de  $13\text{m}^3/\text{s}$ . O reservatório de detenção calculado tem  $74.000\text{m}^3$  e está enterrado e coberto com laje de concreto para não atrapalhar o trânsito.

Este conceito moderno, na verdade é bastante antigo.

Os egípcios, os caldeus, os assírios e os chineses já o usavam em 2000 aC a 3000 aC.

Nos Estados Unidos, um arquiteto paisagista famoso chamado Frederick Law Olmsted elaborou o mais antigo parque naquele país. É o parque do Fens, feito na cidade de Boston em 1877 (notar a data), cujo objetivo principal era a detenção das águas de chuvas e melhoria da qualidade das águas pluviais. O interessante é que o paisagismo foi um complemento do projeto e daí a importância e inteligência do arquiteto Olmsted.

Em 1925, o engenheiro civil Saturnino de Brito projetou dois enormes reservatórios na cidade de São Paulo, que não foram construídos. Um deles ficava na foz do Rio Tamantuateí com o rio Tietê, e o outro ficava no rio Tietê perto do Clube de Regatas Tietê.

Há alguns anos, várias cidades dos Estados Unidos, como Denver e Chicago, divulgaram "ideias inovadoras", que são os piscinões, que Olmsted já tinha executado em 1877. Aliás, foi Olmsted quem projetou o Central Park de New York e outros seis parques nos Estados Unidos.

Os hidrólogos, os engenheiros que lidam com rios, canais etc. criaram um conceito de período de retorno. O conceito de período de retorno é complicado de entender. Se você estudasse todas as chuvas num período de 100 anos e visse a

chuva mais forte, isto é, quando há uma grande precipitação num pequeno intervalo de tempo, teria uma chuva bastante importante. Seria, por assim dizer, a chuva de 100 anos, a chuva com período de retorno de 100 anos. Significaria que em 100 anos a probabilidade de aparecer uma chuva que você escolheu, aconteceria uma única vez. Uma outra maneira de falar, usada pelos engenheiros do exército americano, é de que há 1% de probabilidade, em um ano, de ocorrer uma chuva maior que aquela usada. Teoricamente, então, o período de retorno é o tempo médio em que um determinado evento hidrológico é igualado ou superado pelo menos uma vez.

Os americanos de hoje são os romanos de antigamente. Eles adotam, através de lei federal feita em 1973, a chuva de 100 anos, isto é, o período de retorno de 100 anos.

Os americanos, como os romanos, são práticos. São feitos mapas de rios e córregos em que estão indicados até onde atingem o rio ou córrego com uma chuva de 100 anos.

Distinguimos dois trechos no mapa da curva dos 100 anos. Uma é quando a profundidade é maior que  $0,30\text{m}$  e neste caso não se pode construir nada na área. O outro trecho é quando as águas da enchente têm profundidade menor que  $0,30\text{m}$  e aí poderá ser construído com restrições do código de obra e será obrigatório o seguro da propriedade.

O prof. dr. Kokei Uehara me informou que quando o Japão era pobre na década de 1950, os engenheiros das várias partes do país chegaram à conclusão do uso do período de retorno de 100 anos.

No Brasil, isto não existe. Ninguém usa a chuva de 100 anos como nos Estados Unidos ou adota outra chuva. É uma bagunça total. Adota-se o que é mais conveniente política e economicamente. Assim, o piscinão do Pacaembu foi construído com período de retorno de 25 anos quando deveria ter sido adotado 100 anos. Os professores da Escola Politécnica, como o Dr. Kokei Uehara, adotam 100 anos. Isto foi recomendado recentemente pela Prefeitura Municipal de São Paulo.

As medidas para controle das inundações são duas: medidas estruturais e medidas não estruturais.

As medidas estruturais são geralmente obras, tais como reservatórios de retenção (piscinões), galerias de águas pluviais, canais, alargamentos de rios e córregos, diques, armazenamento em telhados, armazenamento da água em cisternas, infiltração da água em trincheiras, bacias de infiltração em gramados etc.

As medidas estruturais geralmente são dispendiosas.

As medidas não estruturais são medidas que não significam a construção de obras de grande envergadura, mas que resolvem muitos problemas, sendo muito recomendado ultimamente no Brasil, devido à falta de grandes obras de drenagem.

Uma medida não estrutural bastante usada nos Estados Unidos é o seguro contra inundações, que não existe no Brasil. Outra medida é que as casas construídas nas áreas de inundações tomem medidas especiais contra as enchentes, como, por exemplo, construí-las em nível alto, de maneira que a enchente não as atinja.

Uma medida não estrutural bastante usada são os sistemas de alerta, isto é, o governo do Estado de São Paulo, através de aparelhos chamados pluviógrafos, que marcam a altura da chuva e o tempo, conseguem alertar as populações para seu deslocamento e transferência para áreas seguras. Estão, inclusive, na Internet e são elaborados pelo DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica) e pela Fundação Centro Tecnológico de Hidráulico do Estado de São Paulo (FCTH).

Concluindo, é necessário estabelecer legislação municipal, estadual ou federal para a obrigatoriedade do mapa da curva dos 100 anos em todos os córregos e rios do Brasil, principalmente nas áreas mais urbanizadas.

## SILVIO RIBEIRO

### A GRANDE MISSA

O saber da História, segundo o bom entendimento filosófico, trata de conhecer o passado para vivenciar o presente e poder programar o futuro..

Saber do passado, no sentido genérico, seria recordar fatos e momentos passados tristes ou alegres que nos fazem sentir emoções vividas, tristes ou alegres, que ficaram gravadas em nossas mentes e que na maioria das vezes se tornaram inertes e totalmente esquecidas.

Em se tratando de patrimônio histórico e cultural de uma coletividade, recordar o passado faz parte da história dessa comunidade.

No Brasil, na maioria de suas cidades, esse esquecimento é totalmente generalizado, ou seja, não há por parte da maioria dos responsáveis pela manutenção e avivamento dos fatos históricos passados que de uma forma ou de outra enriqueceram a história local da comunidade e dos dados que formaram as cidades, dados que são preservados pelos chamados museus históricos, que, de algum modo, conservam em suas dependências alguns vestígios que possam traduzir e ilustrar os frequentadores sobre os momentos históricos dessas cidades e municípios e suas respectivas comunidades.

Infelizmente, por total desinteresse dos dirigentes, tendo em vista naturalmente este tipo de trabalho não render dividendos políticos, o conhecimento histórico local deixa de configurar uma grandeza, sendo irrelevante e sem maior importância.

Muitas são as vezes que deixamos de saber se esse ou aquele fato ou acontecimento ocorreu em determinada localidade e em que época, por falta de dados que possam nos esclarecer sobre determinada realidade ocorrida em tempos passados.

O patrimônio histórico de um município é composto de bens materiais e imateriais, representados por prédios, que

contam fatos da história, logradouros, personalidades, usos e costumes locais, danças, acontecimentos e muitos outros tipos que marcaram época nas coisas do município.

Guarulhos, um município que conta em sua história quatrocentos e cinquenta anos de existência, um dos municípios mais antigos do Brasil, tem incrustado em seus anais centenas de fatos e histórias que reproduzem toda sua existência, contudo, desconhecidos de seu povo, por terem sido esquecidos e perdidos no decorrer dos tempos.

Poderia aqui ficar falando seguidamente de momentos históricos de Guarulhos, porém, apenas para emoldurar estes comentários, vou falar apenas de um momento que marcou muito a vida do guarulhense do final da década de quarenta até início da de sessenta, que era o dia da Missa do Galo na noite de Natal.

Nesses tempos, Guarulhos dispunha apenas da Rua D. Pedro II para passeios e encontros nos finais de semana, onde todos se reuniam no famoso vaivém incansável da Rua. No início dos anos cinquenta, com a construção e inauguração da Praça Getúlio Vargas, os passeios se dividiram entre a Rua D. Pedro e a Praça recém-construída.

O momento principal da noite de natal em Guarulhos estava fielmente reservado à grande Missa do Galo, cujo início ocorria às 24:00 horas, ou seja, à meia noite.

Normalmente, os encontros da Rua D. Pedro II e da Praça Getúlio Vargas nunca ultrapassavam as 23:00 horas, mas no dia da Missa do Galo a multidão, que lotava esses logradouros guarulhenses, aguardava ansiosa o início da grande missa, que, em média, durava uma hora, e ninguém arredava pé do local.

Naturalmente, a Igreja Matriz, atual Catedral, onde era celebrada a Missa, não comportava todos os presentes, assim os fiéis se espalhavam por toda a extensão da Rua D. Pedro e participavam ativamente da missa com auxílio de alto-falantes espalhados por toda a extensão da Rua. O silêncio era profundo e o culto celebrado com muito respeito e na mais profunda fé.

Nesses tempos da grande missa, a igreja católica era muito respeitada por seus fiéis. Infelizmente, nos dias atuais, pelas atitudes reprováveis de membros do clero, as atividades católicas diminuíram tão acentuadamente que nem mais se ouve falar, assim como frequentar cultos dessa natureza nas grandes Igrejas de Guarulhos, por - puro descrédito.

Outra missa muito concorrida era a de Nosso Senhor Morto, na sexta-feira da paixão, com a conseqüente procissão pelas ruas do centro da cidade. Ambas as missas configuravam um grande espetáculo religioso. Tudo terminou.

Este é um comentário que vem locupletar o deficiente acervo patrimonial e histórico de Guarulhos.

#### A IGREJINHA DO MACEDO

Quando falamos Igrejinha do Macedo, estamos tratando-a de forma carinhosa, pois sabemos tratar-se de um templo religioso histórico para as coisas guarulhenses, em particular sua história. Situada ao lado da Avenida Monteiro Lobato, quando de sua passagem pelo bairro do Macedo, entre a avenida e a rodovia Presidente Dutra, por volta do início da década de sessenta, tinha sua importância como casa religiosa principalmente nas missas do domingo. Era o marco inicial do bairro, tendo à sua volta uma larga praça que servia de espaço para instalação das antigas quermesses e outras festividades do bairro. Praticamente a Avenida Monteiro Lobato terminava por ali, pois, além da igreja, rumo ao bairro da Cumbica, não passava de um simples caminho de carroças que seguia matagal adentro. Assim era aquela passagem, totalmente cercada de matas de ambos os lados, completada por riachos e lagoas, que, diga-se de passagem, ofereciam farta pescaria. Com a ideia das autoridades municipais de prolongar a Avenida Monteiro Lobato até Cumbica, cuja utilidade visava também a servir ao futuro complexo do CECAP, que se encontrava em planejamento e em sua real execução, o plano original previa a demolição da igrejinha, o que causou muita

polêmica, Mas seu valor histórico culminou com a sua não demolição, porém tendo sido reduzido a quase nada seu espaço de ocupação, transformando-a no que vemos hoje, abandonada, depredada, despercebida, inútil, na calçada da avenida, praticamente imprópria para uso dos fiéis, devido ao perigo que pode ocasionar a estes pela constância e intensidade de tráfego de veículos diuturnamente por aquele local. Infelizmente o que menos importa para as autoridades guarulhenses são os fatos e coisas históricas de nosso município, como temos acompanhado ao longo dos últimos quarenta e cinco anos, podendo sentir o abandono de nossas praças históricas, como, por exemplo, a Getúlio Vargas no centro da cidade. Há ainda os percalços por que passou nosso museu com seu abandono, mudança de um lado para outro, o monumento de cidade símbolo doado pela colônia japonesa ao município, instalado na Praça Getúlio Vargas, sujo, pichado, sem a devida iluminação noturna. O mais interessante é a falta da estátua do fundador da cidade, o padre jesuíta Manuel de Paiva, apesar de haver uma lei especial aprovada e tudo mais acertado, lei essa de autoria do então vereador Osvaldo Celeste Filho, aprovada e sancionada pelo Prefeito da época Dr. Osvaldo de Carlos, para ser instalado em uma de nossas praças. Também cito o nosso “marco zero” na pracinha contígua à Praça Teresa Cristina ao lado da Catedral, ou seja, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos, que não é difundido entre a população, pouquíssimas pessoas o conhecem e os que têm notícia de sua existência se sentem abismados por saberem que Guarulhos também possui o seu marco zero.

PEDRO DIAS GONÇALVES

BIOGRAFIA

Pedro Dias Gonçalves foi um grande mestre e dedicado professor que atuou nas redes de ensino estadual e municipal

de Guarulhos. Foi um emérito escritor, poeta e ator que demonstrou suas qualidades em São Paulo, Rio de Janeiro e em seu estado natal, Minas Gerais.

Natural de Caldas, estado das Minas Gerais, de origem humilde, assim como um bom número de jovens brasileiros, muito cedo deixou sua terra para procurar melhores condições de vida em centros maiores que pudessem lhe oferecer uma estabilidade social com atrativo de trabalho e melhora profissional, o que ocorreu com sua chegada a São Paulo, culminando em Guarulhos, onde por último era funcionário municipal da área de educação.

Veio para tornar-se um dos poetas mais ativos de Guarulhos. Suas obras ficaram na história da literatura guarulhense e tiveram um marco importante no movimento cultural da cidade. Tornou-se membro da União Brasileira dos Escritores, da Academia Guarulhense de Letras e do Grupo Literário Letraviva.

Fez os lançamentos dos seus livros em performances teatrais, nas quais representava Charles Chaplin junto com a poetisa Isabel Borazanian, no espetáculo “Tributo a Charles Chaplin”

Residiu em Guarulhos durante quinze anos, tendo aqui alcançado sua maturidade, concluído o segundo grau e o Curso de Letras na Antiga Faculdade Farias Brito, de onde se originou a atual Universidade de Guarulhos.

Paralelamente às suas atividades de professor de língua Portuguesa e Literatura, exercia suas qualidades de escritor, ator e poeta. Seu forte era a poesia, criando sua primeira obra denominada “MOMENTOS”, retratando as dificuldades de um jovem que deixa sua cidadezinha natal e familiares para tentar sobreviver na cidade grande com seus sonhos, anseios, angústias, saudades e realidade, lutando muito para vencer todos os obstáculos.

Destacou-se por suas apresentações teatrais em escolas, teatros, clubes, faculdades de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Guarulhos. E um de seus principais trabalhos foi

representando Charles Chaplin na obra "Tributo a Charles Chaplin por ele escrita.

Sua segunda obra escrita e publicada foi "moleque atrevido", praticamente baseada em sua vida, um misto de Poesias e Contos com histórias de um moleque que se aventura pelo mundo para com suas próprias forças enfrentar e vencer as dificuldades que se apresentam por todos os cantos da vida humana.

Participou ativamente do Grupo Literário Letra Viva de Guarulhos, foi membro da União Brasileira de Escritores e da Academia Guarulhense de Letras onde ocupava a cadeira cujo patrono é Guilherme de Almeida, um dos mais famosos poetas brasileiros.

Sua memória está referenciada no Anfiteatro da Biblioteca central de Guarulhos que leva seu nome "auditório pedro dias gonçalves", cuja outorga foi concebida pela Lei n.º 3579, de 02 de março de 1990, aprovada pela Câmara Municipal de Guarulhos.

Foi funcionário da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Guarulhos.

Faleceu em 23 de setembro de 1989, aos 38 anos de idade e, em sua pequena trajetória de vida, deixou perpetuado seu trabalho literário em coletâneas, colunas de jornais, poesias, contos, livros e peças teatrais, que estão eternizados na literatura guarulhense.

Assim foi Pedro Dias Gonçalves, hoje patrono da cadeira de número 27 da AGL, atualmente ocupada pelo membro efetivo, Acadêmico Silvio Ribeiro.

#### A BELA POLÍTICA

Todo esse nosso imenso Brasil, neste ano de 2010, esteve às voltas com o famigerado processo eleitoral, em que desde o humilde eleitor ao mais destacado votante brasileiro teve que sufragar nas urnas, o nome dos nossos laboriosos e venturosos representantes políticos, os quais deverão ocupar os mais importantes cargos executivos e legislativos da vida política do país. De norte a sul, de leste a oeste, todos tiveram

a sacrificante missão de comparecer nas juntas eleitorais e depositar nas urnas seus preciosos, porém, desvalorizados votos. Todos nós sabemos da grande descrença da população brasileira para com os atuais políticos que empurram com a "barriga" suas conturbadas missões, por meio de promessas não cumpridas, falcatruas descabidas, ludibriações infundadas, desvios orçamentários e uma infinita gama de outros meios, que causam o completo descrédito no povo em geral. E não dispomos de modelos adequados de execução política no país, pois essa incontinência que invade nosso território está em toda a classe política, desde o mais simples vereador, até representantes da mais alta esfera do poder, e nós povo somente sofrendo as mais variadas consequências. E esse processo deteriorado de nossa política vem exclusivamente nos últimos anos, ou melhor, últimas décadas, se apresentando de forma acentuada e assustadora que quase chega a ofuscar o brilho de antigos políticos de nossa pátria, como é o caso de alguns políticos guarulhenses que deixaram gravado na história desse município seus feitos honrosos, como, por exemplo, os ex-prefeitos Fioravante Iervolino, Antônio Patrici, Rinaldo Poli, Mário Antonelli e principalmente o inesquecível Waldomiro Pompeu e vereadores como Adolfo de Vasconcelos Noronha, Gasparino José Romão, João Moreira Luna, Gabriel Silva e outros, que deixaram saudades e um vazio insubstituível. Atualmente, devido à ganância pelo poder ou espaço político do município e à grande concorrência para alcançar essa meta, os candidatos fazem uso de todas as artimanhas possíveis e impossíveis para comprar o voto do eleitor, muitas vezes desprovido de maldade, de tal sorte que não consegue este visualizar o lobo mau envolto em uma pele de cordeirinho, mansinho, que quando eleito dá o bote e se possível degola aquele que o elegeu para a missão de bem servir o povo do qual faz parte. De tudo o acima exposto, resta apenas a nós todos, esperar que as palavras ilusórias, mentirosas e falsas de políticos desonestos, que se façam de "honestos" e "bonzinhos", procurem trabalhar e valorizar

nosso precioso voto, que ajudou a levá-los ao pedestal. Lembrese, Guarulhos é um município soberano, mas depende do Estado e por decorrência da União para ter vida própria e dar bem-estar ao seu povo.

Que não esqueçam esses cidadãos, que o povo brasileiro é muito bom e humilde e necessita de mentes iluminadas para gerir seu destino, sem sofrimentos, com muita paz, harmonia e não escravidão psicológica, econômica e outros tipos.

#### AMOR E RESPEITO

Todo cidadão nato,  
É o nascido no local.  
Atributo que apenas não basta,  
Necessita amor ferrenho e um forte ideal.

Apesar de não ter nascido guarulhense,  
Aprendi a amar esta terra no seu sentido geral.  
Aqui finquei estacas, criei raízes,  
Construí minha vida, estabeleci meu ideal.

Vindo da capital do Estado,  
Cheguei no tempo do respeito, do carinho e tudo mais.  
Não havia maldades, intrigas,  
Todos respeitavam seus iguais.

Uma cidade pequena,  
Poucas praças e uma rua principal,  
Usadas para reunião das pessoas,  
Na comemoração dos dias santos ou outro festival.

Nos flertes ou passeios de mãos dadas,  
O respeito no namoro imperava.  
Em dias festivos e nos fins de semana,  
Ninguém jamais vacilava.

Cinemas, poucos existiam,  
A matinê nos domingos era pra valer.  
Além do grande filme, o seriado,  
Ambos impossíveis de se perder.

Saudades do Cine República,  
Pois já não existe mais.  
Que apresentava os grandes faroestes,  
Além dos clássicos filmes universais.

Reunião do povo era à noite,  
Sempre na rua principal.  
Para participar do vaivém alegre,  
Esse era o passeio ideal.

Uma participação quase obrigatória,  
Para moças e rapazes sempre bem vestidos.  
O respeito era o forte entre as pessoas,  
Não havia mal entendido.

Por ser distante dos bairros,  
A concentração no centro tinha hora marcada.  
Não ultrapassava das dez e meia,  
E a reunião estava terminada.

Demorava uma semana,  
Até chegar novo encontro.  
Todo esse tempo se gastava planejando,  
Para deixar tudo pronto.

Nos encontros se discutia,  
Amor, trabalho e conquista.  
Botava-se o papo em dia,  
Sem esquecer nada da lista.

Dias cívicos, missas e futebol,  
Motivos para se comemorar.  
O importante era aguardar a hora,  
Ninguém costumava faltar.

É desse saudoso tempo,  
A inauguração da bela Praça Getúlio Vargas,  
Que veio aliviar a rua D. Pedro,  
Trazendo graça, beleza, para aquelas novas plagas.

Tanto a Rua como a Praça  
 Têm memórias gravadas na história,  
 Para uns traz lembranças felizes,  
 E para outros, satisfação e muita glória.

O progresso espantoso em que vivemos,  
 Sempre ajuda, mas também atrapalha.  
 Acabou com o amor, o carinho e o respeito,  
 Ficando a tristeza que nos esmigalha.

Guarulhos me deu as primeiras letras,  
 Feliz, participei desses momentos da história.  
 Cresci, me tornei adulto, formei família,  
 Consegui meus bens, alcancei minha vitória.

Para mim esta terra tem valor,  
 Pois iluminou o meu caminho,  
 Com todo o município de Guarulhos,  
 Eu tenho muito respeito e carinho.

Por isso sou guarulhense,  
 Com alma pura e paixão,  
 Amo demais esta terra,  
 Pois ela me deu a mão.

A ti, cidade inesquecível,  
 Que é meu berço de formação,  
 Por teres me recebido de braços abertos,  
 Eu te dou meu coração.

## VALDIR CARLETO

### DROGAS, FUMO E ÁLCOOL AFETAM A SAÚDE DOS JOVENS

O aumento do consumo de drogas é um dos grandes responsáveis pelo crescimento no número de infarto entre jovens no mundo. Nos Estados Unidos, cerca de 25% das vítimas de ataque cardíaco com idade até 50 anos são usuárias de cocaína, e a estimativa é que esse índice seja semelhante no Brasil.

Essa alta preocupa os especialistas, que, durante o XXXI Congresso da Socesp, Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo, em abril de 2010, debateram as peculiaridades do infarto em jovens.

O aumento no consumo de drogas como cocaína e anfetamina, associado ao grande número de fumantes e obesos nessa faixa-etária, provocou uma explosão nos óbitos por infarto agudo do miocárdio em pessoas com até 50 anos. “Precisamos estar muito bem preparados para atender a esse público. Remédios para combater a hipertensão, por exemplo, utilizados por pacientes comuns, não podem ser ministrados para quem consome drogas”, explica o cardiologista e debatedor do tema no Congresso, Rui Ramos. Ele acrescenta que o betabloqueador – utilizado no pós-infarto, ou no tratamento de angina, arritmias e certas formas de tremores – também é proibido para quem é usuário de drogas.

Segundo Ramos, nos Estados Unidos está crescendo o consumo de anfetaminas, como o ecstasy. “Assim como a cocaína, esse tipo de droga ilícita aumenta de 40 a 50% o risco de a pessoa desenvolver problemas nas coronárias, principalmente a aterosclerose – que é o endurecimento ou obstrução da artéria. A consequência é, na maioria das vezes, o infarto”, completa.

O quadro é ainda mais grave quando o paciente possui familiares em primeiro grau com aterosclerose precoce.

“Alguns estudos revelam que 92% dos jovens que sofrem infarto são tabagistas. Cerca de 40% deles possuem familiares em primeiro grau com aterosclerose precoce e 65% apresentaram distúrbios da glicose”, revela Ramos.

E o especialista lembra que o vício em geral, como o do álcool e o do tabaco, é um veneno adicional para o coração. O álcool potencializa três vezes o efeito maléfico da cocaína. Já o tabaco eleva o risco de infarto em 300%. “O jovem acha que é imortal e quando percebe o dano que causou à própria vida, muitas vezes é tarde demais. Temos de ser duros e realistas na conversa com eles e informar que o tabaco e as drogas ilícitas causam inúmeros problemas, inclusive a disfunção erétil”, explica o cardiologista, que faz inúmeras palestras em escolas públicas. “Eles ficam surpresos com essa informação, que tem grande impacto”.

Quando se fala aos jovens sobre os danos que as bebidas alcoólicas e o fumo causam à saúde, a primeira reação deles é de desprezo, de achar que é caretice dos pais, os quais, segundo a ótica juvenil, gostam de pegar no pé dos filhos.

Porém, nunca é demais repassar essas informações, com dados científicos, para que eles se conscientizem de que a sensação momentânea de prazer pode lhes custar caro em um futuro nem tão distante. Por isso, reproduzi acima material que me foi encaminhado pela assessoria do citado congresso.

Todo tipo de vício precisa ser encarado como doença, única forma de haver chance de sucesso para enfrentá-lo. Buscar ajuda profissional é essencial, embora muitos consigam deixar vícios por meio de práticas religiosas. A palavra-chave, seja em um ou outro caso, é conscientização.

Os dados dessa pesquisa referem-se à saúde dos jovens, mas é importante admitir que eles em boa parte das vezes são influenciados pelo exemplo dos mais velhos.

De nada adiantam conselhos, palavras, broncas, quando quem deveria dar o exemplo também age de forma indevida.

## DESENCANTO COM A POLÍTICA ELEITORAL

A cada dia, respondo pelo menos umas três vezes a perguntas sobre as eleições deste ano.

Onde quer que eu vá, encontro pessoas conhecidas e invariavelmente o assunto política vem à tona, provavelmente por eu ter me dedicado ao jornalismo político por tantos anos.

Confesso que sinto um certo alívio por não ter de acompanhar par e passo as coisas da política, como eu era obrigado a fazer nos muitos anos em que estive à frente do Jornal Olho Vivo e mesmo depois quando transformado em Diário de Guarulhos, embora aí já houvesse outras pessoas se dedicando a cobrir as sessões da Câmara e eventos do gênero.

Confesso, também, que já não sei o que dizer às pessoas sobre o melhor critério para escolher como votar. Sempre procurei orientar os eleitores que me pedem um comentário, que votem com consciência, que analisem o conteúdo do candidato, que jamais votem em troca de algum benefício ou vantagem pessoal.

Este artigo ficará parecendo um confessionário, mas confesso, ainda, que, contrariando meus princípios, já não tenho como escolher um partido para votar, porque eles estão todos muito parecidos. São colchas de retalhos encardidos, carcomidos, apodrecidos.

Quem, afinal, tem ideologia neste país? Será que algum político tem ideologia em algum país?

Há uns meses, quando o ex-senador Roberto Freire veio a Guarulhos, fui ao café da manhã que o PPS promoveu para recebê-lo. Eu já o entrevistara no passado e existe um mútuo respeito entre mim, jornalista, e ele, político.

Eu disse a ele que lá estava para revê-lo, mas que não confundisse com apoio ao seu partido, porque já me desencantei com todos eles, inclusive com o PPS. Mas que ainda nutro simpatia por ele, Roberto Freire, pela coerência que costuma ter, pela coragem de assumir determinadas

posições. Emendei dizendo que talvez continue admirando-o por não conhecê-lo muito bem. Ele riu de minha sinceridade e arrematou dizendo que é bem possível que, se o conhecesse melhor, talvez não o admirasse mais. Pelo menos, ele demonstrou ser democrata: admitiu que há motivos para meu desencanto com a política eleitoral.

Inimigos de outrora se dão as mãos, fazem parte da mesma chapa. Membro de um partido coligado ao PT em nível nacional é candidato aliado do PSDB nos estados. Como é que fica a cabeça do eleitor diante dessa miscelânea?

Para deputado estadual e federal, ainda dá para conhecer os candidatos um pouco mais de perto, saber o que pensam, cobrar comportamento se não andarem na linha. Aliás, raramente eu me arrependo dos meus votos para deputado, porque acho que sou pé frio: geralmente quem leva meu voto não é eleito. E aí, não me arrependo!!!

Repudio o voto nulo, rejeito o voto em branco. Mas que está cada vez mais difícil votar, ah! isso está!

#### MEU COMPOSITOR PREDILETO

Classifico os compositores brasileiros como de indiscutível qualidade. Chico Buarque, por exemplo, é estupendo, criativo, eclético. Gosto muito também de algumas composições do Roberto Carlos, Guilherme Arantes, Gonzaguinha, Ivan Lins. São ótimos. Mas tenho predileção por Taiguara, pela poesia de suas letras, carregadas de verdades e emoções.

Quando ele retornou do exílio, se não me engano em 1986, saiu um disco, o "Canções de amor e liberdade", belíssimo. Não sei que fim deu aquele LP, que eu tinha e guardava com muito carinho. Felizmente, encontrei esse conteúdo recentemente na internet.

Naquele período, vivi um momento muito marcante. Fui ao show "Treze outubro", que ele apresentou no Palácio das Convenções do Anhembi. O título de refere ao tempo em que ele ficou exilado. Foram vários dias de shows e na internet

aparecem alguns trechos. No dia em que eu fui, ao final, ele repetiu "Universo do teu corpo", substituindo a expressão "Eu desisto, não existe essa manhã que eu perseguia" por "Eu resisto, já existe a manhã que eu perseguia". O público foi saindo das cadeiras e se aglomerando perto do palco, e Taiguara ia pegando rapidamente na mão de cada fã. Quando eu consegui chegar próximo a ele, estiquei a mão direita e ele ficou segurando-a, durante o refrão. Foi muito emocionante.

Taiguara Chalar da Silva, cujo significado é "o liberto", nascido aos 9 de outubro de 1945, teve uma história de luta, sofrimento, dor, injustiça, exílio, censura e, a despeito disso, não deixou de acreditar no ser humano, e mais, não deixou de acreditar no amor, como demonstram as letras de suas músicas.

Nascido no Uruguai, filho do bandedonista Ubirajara Silva e da cantora Olga Chalar, ainda criança se mudou para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua trajetória musical. Faleceu em 1996, vítima de um câncer na bexiga. Pena que tenha nos deixado tão cedo, privando-nos de novas composições tão inspiradas. Restamos o consolo do seu riquíssimo legado musical.

#### UM ASSASSINATO NO EXTRA DO JARDIM MAIA

Por muitos dias, não se falou em outra coisa. Todos ficaram perplexos com um crime perpetrado dentro do hipermercado Extra do Jardim Maia, quando um rapaz de 27 anos, sem mais, nem menos, esfaqueou três pessoas, matando uma delas, um senhor chinês, de 60 anos.

Alguns se apressaram em apontar responsabilidade do Extra, porque a faca usada no crime estava ao alcance das mãos de qualquer um. Parece-me uma conclusão precipitada, pois há facas à venda em qualquer supermercado do país e em lojas de ferragens e de utilidades domésticas, geralmente disponíveis em bancadas baixas, até alcançáveis por crianças.

Testemunhas apontam que os seguranças ficaram inertes, mesmo após o criminoso ter feito a primeira e a segunda vítimas.

É lógico que os fatos precisam ser apurados e, se houve negligência de alguém, que sejam assumidas as responsabilidades. Mas, dependendo de quantos minutos tenham transcorrido e do aparato com que os seguranças podiam contar, não sei se teria sido possível conter o tresloucado.

O episódio me fez lembrar um outro que presenciei em 1986 quando eu era funcionário do Banco do Brasil, na agência da rua Felício Marcondes, em Guarulhos.

Um aposentado queria receber o valor do INSS em um dia anterior ao que correspondia ao seu número de benefício. O caixa encaminhou o idoso para o supervisor e o homem passou a tentar desferir golpes de faca contra o funcionário. Tumulto geral, os vigilantes correram para conter o aposentado. Colocado frente a frente com o homem, um dos vigilantes acabou disparando um tiro, que veio a atingir um jovem funcionário de outro setor que viera à plataforma de atendimento ver o que ocorria. O colega de serviço morreu quase de imediato.

Na sequência, outro vigia tentou conter o homem alucinado e acabou baleando-o mortalmente.

Foram cenas que jamais sairão da mente de todos os que a assistiram. Fico imaginando o que poderia ter acontecido no Extra se os seguranças tivessem usado armas de fogo para tentar impedir que o jovem ferisse outras pessoas.

Salvo melhor juízo, parece-me ter sido uma fatalidade, que pode ocorrer com qualquer um de nós, em qualquer lugar. Nunca estamos cem por cento seguros em local algum. Quem garante que, em um ponto de ônibus, na rua, na escola, no açougue, onde quer que seja, não apareça alguém totalmente fora do juízo normal e desfira golpes de faca ou saia atirando, como tem acontecido em países ditos desenvolvidos, com relativa frequência?

O problema está no ser humano. As pessoas estão cada vez mais confusas, buscando êxito em coisas erradas, procurando a felicidade em comportamentos estranhos. E ansiosas, apreensivas, parece que nunca estão satisfeitas.

O ser humano cada vez tem mais conhecimento científico, realiza proezas antes impensáveis, mas não se conhece, não tem ideia do poder da própria mente. E se for feita uma análise pormenorizada, é possível que o percentual de pessoas mentalmente desequilibradas seja muito maior do que possa parecer à primeira vista.

#### UM PITBULL SEM FOCINHEIRA INCOMODA MUITA GENTE

O título é propositalmente copiado de uma antiga e repetitiva musiquinha que dizia que um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais, e daí por diante.

Publiquei no meu blog um artigo de autoria da advogada Márcia Regina, no qual ela dava dicas de como se comportar diante de uma possível agressão por um pitbull.

Ela escreveu motivada por uma cena que presenciou no Jardim Maia, quando um cão pitbull derrubou um senhor. De dentro do carro, ela incentivou a vítima a denunciar que o cachorro estava sem focinheira, pois uma lei estadual determina que sejam conduzidos com esse apetrecho, tendo em vista os diversos casos relatados de agressões feitas por cães dessa raça. O dono do cão colocou a cabeça do animal na janela do carro dela, recomendando que ela cuidasse de sua própria vida, pois ele poderia mandar que o cão a atacasse. Como foi delegada de Polícia, a advogada viu-se na obrigação de ir à delegacia e lavrar um Boletim de Ocorrência. Dessa forma, se um pitbull viesse a ferir alguém nas imediações do local, já haveria registro de que um comportamento indevido por parte do dono do animal.

O artigo provocou diversos comentários, quase todos favoráveis à advogada, com exceção de dois, segundo os quais todos os cães seriam basicamente iguais, dependendo de como sejam tratados.

Por coincidência, nos dias seguintes, em Marília (SP), uma menina de quatro anos foi atacada pelo cão pitbull do vizinho.

Ela brincava a alguns metros de sua casa com outras crianças quando o cachorro do vizinho escapou. A criança foi internada com ferimentos no rosto, tórax, braço e na cabeça. O dono do cão contou à polícia que viu o animal escapar pelo portão enquanto guardava o carro, mas não se preocupou, pois esperava que o cachorro voltasse sozinho pra casa. Ele será investigado pela Polícia Civil, que vai definir se houve omissão na guarda do cão. Se for constatada a negligência, o dono deve ser indiciado por lesão corporal.”

É bem provável que os que criticaram o artigo da advogada tenham razão quanto a dizer que o que diferencia os cães seja a forma como são criados e tratados.

Em geral, os animais são parecidos com seus donos. E, pelo que se tem visto, boa parte dos que escolhem criar pitbulls o fazem exatamente porque querem ter cães que ponham medo nas pessoas. E, se agem assim, é porque são agressivos, antissociais, pouco se importam com o que irá acontecer com as possíveis vítimas, sejam elas bandidos, um idoso ou uma criança.

Toda generalização é perigosa, mas quem já ouviu falar de um cão labrador que tenha ferido alguém? É uma raça de grande porte, que bota medo pelo tamanho, mas que costuma ser dócil. Não por acaso, é escolhida por casais para que faça companhia a crianças.

Enfim, quem quiser manter pitbull tem todo o direito, mas deve cumprir a lei, cuidando corretamente do animal quando estiver na rua ou em contato com pessoas que nada têm a ver com sua preferência.

## DIRETORIA 2008 / 2010

**Presidente:** *Acadêmico Aristides Castelo Hanssen*

**Vice-presidente:** *Acadêmico Lineu Roque Aceiro*

**Secretária geral:** *Acadêmica Isabel Borazanian*

**1º secretário:** *Acadêmico Alfredo Ibrahim Khouri*

**2º secretário:** *Acadêmico Silvio Ribeiro*

**Tesoureiro geral:** *Acadêmico José Augusto Pinheiro*

**1º tesoureiro:** *Acadêmico Plínio Tomaz*

**2º tesoureiro:** *Acadêmica Antonia Conceição Vaz Duarte*

**Conselho fiscal:** *Acadêmico Ary Baddini Tavares,*

*Acadêmico Bismael de Moraes e Acadêmico*

*Attilio Colacioppo Sobrinho*

AGRACIADOS PELA ACADEMIA  
GUARULHENSE DE LETRAS  
COM MOÇÃO HONROSA

Artista Plástica *Sandra Perdichizzi*

Artista Plástica *Walquiria Romano*

Artista Plástica *Ângela Monfardini*

Artista Plástico *Haroldo Santos*

Jornalista *Roberto Samuel*

Psicólogo *Christina Iglesias Canela*

Centro de Estimulação Precoce de Guarulhos

Espero assim que o autor,  
esse espírito inventivo e  
responsável pela obra e  
expressão, se deixe ficar em  
cada leitor para se recriar  
atualizando a ilusão da  
imortalidade, ou o tácito  
prazer da leitura enquanto  
dure e perdure.

*AntoniaVaz*